

ENSAIOS LITTERARIOS.

JORNAL ACADEMICO.

SOLEMNIDADE.

DO DIA 11 DE AGOSTO DE 1849.

O SR. COELHO DUARTE:—É hoje, Senhores, o anniversario do grande dia, em que a aurora da civilisação raiou na nossa patria; e as trevas, onde nos envolvia o regimen colonial, se dissiparão ao clarão do progresso!.. O altar da sciencia estava levantado, e duas estrellas brilharão no nosso firmamento para allumiar ao Brasil inteiro uma nova época na historia das nações livres.

É por isso, Senhores, que presencias toda esta mocidade cheia de talentos e esperanças rendendo homenagem aqui neste recinto á memoria de um dia, que já dorme na noute do passado—mas eterno com as gerações que hão de vir. Factos ha tão importantes na marcha da humanidade, que seo esquecimento é a memoria no futuro: para nós é o dia 11 de Agosto de 1827! Foi nesse dia, que a semente da grande arvore Européa que estende suas raizes desde o seculo IX—brotou neste vasto Imperio para abrigar á sua sombra a mocidade brasileira, das tempestades que pesão na atmospherá carregada dos paizes barbaros, e incultos! Nossa mae patria surrio-se: não lhe era mais preciso engeitar seos filhos! por que ja tinha dous berços para os emballar ao reflexo brilhante das luzes, e a bandeira auri-verde symbolisou não um paiz livresó—mas também um estado civilisado!.. No seo immenso continente estavam elevados dous templos, donde o genio se desprende—o talento se desenvolve, e a intelligencia se aperfeiçoa. Duas Academias estavam creadas!

Mas, Senhores, assim como os lugares celebres representam um grande homem, os acontecimentos extraordinarios hum heróe ou um martyr, as Religiões um fundador, o Decreto de 11 de Agosto de 1827—nos faz lembrar aquelle homem que do opprobrio elevou-nos á gloria!

—E' elle a que devemos a creação de nossas Academias! E seriamos ingratos se não invôcassemos hoje neste momento solemne a memoria do Apostolo de nossa civilisação! As gerações presentes, Senhores, tem o dever sagrado de prestar homenagem ao tumulo dos homens que melhorarão sua condição na terra, e de misturar seos nomes ás suas tradições. São exemplos escritos no livro do tempo que a successão dos annos jamais pode apagar!.. o nome de Richelieu está archivado nas Academias francezas no meio de panegiricos para eternisar não ao ministro que offuscou a realesa para reviver os esplendores dos dias de Henrique IV, mas o ministro protector das sciencias, e cultivador das lettras: seo sarcophago é a historia da França! Respeitemos pois, Senhores, essa pagina d'ouro na vida do primeiro Imperador do Brasil—e levemos suas recordações a par do influxo santo e benefico que entre nós tem derramado a sciencia desde 1827.

Na verdade, Senhores, os homens grandes de nosso seculo não são os guerreiros, nem conquistadores heroicos: esse passado onde a riqueza se confundia com a humilhação e o soffrimento, a emulação e a gloria com a ignorancia e tyrania, abalou-se, e sobre suas ruinas annivellou-se um grande theatro onde só predomina a intelligencia. Neste seculo, a tendencia da humanidade para o bem ser, e augmento das luzes, tomou maior elasterio—com o fim talvez de operar a grande obra da regeneração social! É nesta direcção que caminão as sociedades humanas, impellidas desde sua infancia pela força do progresso—que as sustenta sempre em todas as crises do passado espavorindo-se ante o futuro—e em todas as convulsões do erro diante da verdade. Mas, nesse mesmo viver das sociedades a civilisação tem suas epochas, suas decadencias, assim como o homem tem enfermidades, e o sol seos eclypses!.. Parece, que é condição da nossa fraqueza, que quando se annuncia um principio elevado venha após uma multidão de erros!.. E' a verdade, symbolisando-se neste Proteu da fabula, ocultando-se debaixo de suas mil formas enganadoras.

Por essa face, Srs., passarão os dous elementos da civi-

lisação antiga, e moderna. O paganismo que tinha seu trono firmado pela rainha do mundo, foi derribado pelos principios simples e severos da religião plantada no Golgotha, levando em sua queda os cultos idolatras: e as allegorias mytologicas foram esquecidas pelas adorações simples e tocantes do Christianismo, que as vio amortecer em agonias de quatro seculos!.. Era, Srs., a victoria do principio filosofico sobre a mais desenfreada e vergonhosa licença!.. A verdade que venceu, e que aspirava já o dominio do mundo, dobrou-se por sua vez ao pezo da barbaria, quando a força dominava as religiões antigas, e de seu seio vingou a mais grosseira superstição. O que alçou a civilisação foi—a força dogmatica, que resistio immovel ao turbilhão dos erros, e que levou ao oriente o occidente retrogado:—erão materiaes para accender o fanal das sciencias, que apenas deram raios desmaiados!.. e as ideas sociaes tomarão alento. É assim, que ainda no seu começo as verdades sociaes são combatidas: muitas vezes, são os deffensores das instituições antigas, que aproveitando da vantagem de sua sorte, fazem recahir sobre ellas os abusos, levando-as á excessos!.. mas, se depois da tempestade o ar se purifica, os principios sublimes se esclarecem após do correr sombrio da ignorancia, e a verdade reflecte no longinquo horisonte da Historia! os erros e paradoxos apagarão-se! e a civilisação brilha como o candelabro do Universo em um céu sem nuvens!.. Nos mesmos somos testemunhas de grandes acontecimentos que nos revellão—não guerras dynasticas—nem formas de governo, como outr'ora tambem a batalha d'Arbela não foi só a luta entre Dario, e o vencedor do oriente!.. mas um pensamento philosophico, que o futuro explica á inspirações do progresso. Sem duvida, Srs., é a epoca em que a humanidade gravita em derredor de um circulo traçado pela intelligencia; e se é esta que exprime o seculo XIX—o pregador da regeneração, comprehendei a importancia dos estabelecimentos onde se vem esquadrinhar os segredos das reformas sociaes, e estudal-as no futuro. É nelles, que se amoldão os corações, e se preparão os espiritos; é delles, que dependem os costumes, a legislação politica— a sociedade emfim!.. Em todos os tempos, nos paizes bem organizados, são estes estabelecimentos os deffensores da moral, e da politica; citar-vos-hei como prova as universidades de Paris, de Pavia, de Pisa, Padua, a de Gottinga, e de Iena na Allemanha; a de Oxford na Inglaterra, a de Salamanca na Hespanha, e os Ulemas na Turquia.

Entre nós, as tradições Academicas são lições de gloria, e de esperança! e cada um dos annos decorridos de 1827 são monumentos que attestão a nossa civilisação, e que consolidão mais as bases do nosso systema; porque, Srs., o unico sustentaculo possivel dos Governos livres, é a diffusão das luzes!.. É esta uma verdade que acompanha o nascimento e a morte de todas as Nações. Lá no primeiro acordar da sociedade, o povo se reunia nas margens do Tibre, e do Eurotas para aprender o temor dos Deozes, a obediencia ás leis, o amor da Patria, e com elle o Dogma Sancto da liberdade! erão os principios sacramentaes das sociedades de então! e logo que ellas despertarão desse somno de infancia, procurarão desenvolver este grande principio, que mais tarde brilhó no horisonte da civilisação antiga, com as escollas philosophicas, de Athenas, Antiochia, e Alexandria; em quanto que á seo turno a religião philosophica e litteraria abria suas universidades de metafisica, e sciencia. Deixae porem, Srs., esses phantasmas de eras mortas, e olhae para a realidade de nossos tempos!.. É a joven Anglo-America, florescente em poucos annos, mas que tomou por thermometro a instrucção do povo. É a Prussia, onde apenas agora vão se debruçando as instituições livres, que comprehendeo no seo Governo aristocratico-militar, as grandes vantagens que resultão de um povo illustrado. Perguntae mesmo ao nosso paiz, onde está o degrau por onde elle tem subido ao templo da civilisação; que elle vos responderá abençoando estas duas Academias! Com effeito, é daqui destes bancos que sahem os legisladores profundos, os deffensores de nossos principios na tribuna parlamentar! São duas forças que nos mantem em equilibrio no meio dos governos constitucionaes!.. Porque, Srs., o que seriamos sem ellas? Poupai-me as tristes recordações dos tempos de peregrinação pelas universidades Europêas! Um paiz que tem suas leis proprias não se saberia reger por um tal systema! para a maior parte de nossa população o berço da ignorancia seria seo tumulto, alem de que muitas vezes o talento se sumiria na classe pobre, como diamante engastado no coração de nossos rochedos!.. e todavia foi dessa classe que sahio Rousseau, Diderot e D'Alembert! As nossas formas governamentaes, onde a acção do povo se manifesta em todos os poderes, se aniquilarião de per si, ou serião leis facticias que não poderião nunca ser executadas em um paiz onde a instrucção do povo é despresada. É essa instrucção, Srs., a pedra de to-

que da civilisação, e que quanto mais for espalhada, maior será o desenvolvimento moral. Por isso a ideia de um corpo universitario reservando só para si a instrucção e a sciencia não conviria ao espirito da epoca, e inda mais especialmente á nossas formas politicas!. Os antigos usos universitarios só devem ser conservados, quando tem um caracter antigo, e veneravel, como na Suecia, na Dinamarca, na Italia, Hespanha, e Allemanha; porque então revelão aos tempos modernos que naquelle recinto inda se falla a lingoagem dos Hebreus, dos Gregos, e dos Romanos; tendo ainda uma vantagem na conservação de certo germen nacional, mas em um paiz, Srs., onde os escriptos e as liberdades são publicas, seria antes um tropeço ao andar da civilisação, e que rer apagar-se estes dous cyrios onde se vem acender a intelligencia para um só phanal, é — querer illuminar-se um ponto no espaço e deixar o horisonte em trevas! A unica limitação possivel no ensino, segundo as nossas leis sagradas, é sugeital-o a uma inspecção geral, para que sua liberdade não despresando os costumes e a moral, não traga abusos, porque então o edificio se despenhará nos abysmos da corrupção; a verdade será escurecida pela duvida, e a ordem social degenerada em anarchia. As nossas Academias Juridicas compenetrarão-se do espirito do seculo; é a fonte que desde o seo nascimento tem desprendido torrentes de sabedoria que se vão confundir no vasto occano da civilisação. O theatro de nossa politica moderna, agitado por tantas emoções, as cadeiras de nossos tribunaes, a administração de nossas provincias, está sempre confiada a aquelles que aqui trocarão as vestes de moço inexperiente pela toga do homem politico. A muitos de vós, Srs., eu me dirijo; e em nome de vossa mãe scientifica, reclamo vosso entusiasmo ao dia de hoje! e vós todos que sentis o palpitar de um coração patriotico, abençoeae o anniversario destas instituições, porque elle nos desperta nossa fé na Religião do progresso.

Eternisai-o em vossa memoria—para que passando de geração em geração, elle acompanhe a rotação dos seculos!.. é o dia de nossa gloria scientifica!

DISCURSO.

A sociedade, que hoje se installa sob o modesto nome de—ENSAIOS PARLAMENTARES—é a realisação d'um pensamento feliz, utilissimo em sua applicação.

Tempo, vontade e meios são as tres condições essenciaes do estudo, são os tres elementos constitutivos para o aperfeiçoamento das faculdades humanas : a civilisação e o progresso são consequencias immediatas deste: o estudo, a civilisação e o progresso unem-se por uma cadêa de elos sympathicos, adherem-se, confundem-se, e tocão-se qu'impossivel seria desunil-os, esperar um resultado proficuo de qualquer destes tres symbolos da mocidade actual sem o concurso dos outros: o estudo porem é lento, fastidioso, moroso em sua marcha entre mil tropêços : isto nasce de uma verdade incontestavel—é necessario desapprender para apprender—a civilisação e o progresso são rapidos em sua marcha, caminão altaneiros sem voltar olhos atrás, sem indagar o caminho percorrido, e isto nasce de uma verdade igualmente incontestavel—a civilisação e o progresso firmão-se no estudo amontoado por seculos de seculos.

É o estudo pois, e somente o estudo, que aplaina o caminho dos povos, que lhes prepara a estrada da felicidade, que lhes dá santas instituições, e que lhes mostra á cada momento, á cada passo incerto de sua infancia esses immensos trabalhos de seculos, que se chama—sciencia—lhes mostra este espelho, que lhes reverbera o passado chamado—experiencia.—

Alguem, Srs., alguem de nobre e vigoroso devêra encarregar-se de tão ardua tarefa e ella como de justiça recaho sobre essa parte brilhante e intelligente, sobre a mocidade e assim devia sel-o. A mocidade, ardente em concepções, ousada em prescrutar, palpitante, anciosa, perseverante em seo trabalho, cheia de seiva de vida e vigor, entre risos e folganças trabalha, caminha, e caminha como o Judeu errante, mas não fulminada por um anathema, não sob o peso de uma maldição mas como a regeneradora da sociedade, como o archanjo de luz, como o pensamento de Deos, e para esse trabalho insano lhes deu Deos —tempo, vontade, e meios—tempo infindo, com a eternidade por horisonte; vontade de ferro, meios immensos—immensos como o seu dispensador; e um destes talvez o mais proficuo, o de maiores e quasi incriveis resultados, foi a associação.

A associação, Srs., a associação dos homens estudiosos vence difficuldades quasi insanaveis, dispõe de maior somma de meios, de vontade mais tenaz—é o symbolo da força—e desde o apostolado até nós, que os fructos da associação se espalhão pelo Universo, e tende á tornar irmãos, iguaes, e livres todos os homens. . .

Não pude, abstrahir-me dessas considerações ao ver em redor de mim uma porção brilhante da mocidade, que um dia destinada a reger os interesses do Estado, que um dia destinada a applicar o balsamo consolador ás partes putridas e corrompidas da sociedade caminha cheia de confiança no futuro, porque o futuro lhe pertence.

Sim, é nobre e digno de vós o vosso fim; é nobre e digno de vós, de vossos talentos, de vossa applicação, de vossa intelligencia a installação da sociedade—ENSAIOS PARLAMENTARES.

Nós ainda desapprendemos, mas o tempo de aprender virá e então aprenderemos com tanto affinco, com tanto amor e dedicação á causa da humanidade, que esta vos agradecerá unisona dos vossos esforços, do vosso trabalho duro e aturado, mas não perdido para a causa da civilisação e do progresso.

A sociedade—ENSAIOS PARLAMENTARES—é a realisação de um pensamento feliz, utilissimo em sua applicação—é este o programma do meo discurso.

É um pensamento feliz, repito Srs.: quando qualquer no cumprimento de seus deveres de cidadão, dos seus deveres de homem social, dos seus deveres de homem de lettras, envida todos os seus esforços, aproveita todos os seus meios com o concurso poderoso e efficacissimo de sua vontade intelligente, quando não receia ante escolhos e tropeços, quando não desanima em frente de cahos, quando teme remontar-se á eras passadas gottejantes de vicios, quando, digo, o homem encara tudo isto com a confiança de sua força, com fé e esperanza, este homem tem comprehendido a sua missão, tem comprehendido o seu fim, e é então, que em sua mais lata plenitude se conhece a verdade desta divisa—o querer é poder—e esta é a divisa das associações modernas, é a divisa, que enthusiasticamente escripta na bandeira de progresso, que enthusiasticamente acceita e recebida no seu maior desenvolvimento pela mocidade Brasileira, tem dado sasonados fructos, e nos faz ante-aver o futuro prenhe de ventura.

Srs., hoje um dos meios mais usuaes de estudo, adoptado por vós e por vossos collegas (quero fallar dos vossos collegas de Olinda e das mais Academias do Imperio) é a associação, algumas das quaes tendo em vistas a publicação de periodicos, tem entre outros publicado o MOSAICO, o CREPUSCULO, o PHILEIDEMON, o POLIMATICO, o CRUZEIRO DO SUL, OS ENSAIOS LITTERARIOS, o ATHENÊO; é portanto do aturado estudo, dos esforços combinados da mocidade Academica, que tem nascido estes valentes campeões, que hasteando a bandeira do progresso, justificão a divisa, que tomarão—o querer é poder.

Milhares de associações se formão todos os dias entre a mocidade, que harmonisãm o pensamento, tendem á um fim nobre, elevado, e util, qual o de instruir o povo, e entre estas citarei a sociedade—ENSAIOS FILOSOPHICOS, no Rio de Janeiro, a do PROGRESSO, em Pernambuco, e a do IRIS. Outras mais modestas, mas não menos uteis, outras, que almejando presentemente a honra de darem publicidade ás suas idéas, consolidão-se na sombra, não menos sasonados fructos, e quiça mais uteis, darão para o futuro: os seos tropeços, as suas difficuldades serão vencidas pelo estudo perseverante, sem echo, sem ruido, sem estrepito, moroso e lento, mas suave e doce, no meio das doçuras intimas de uma associação de amigos.

A esta ultima classe pertence a sociedade—ENSAIOS PARLAMENTARES, que tivestes o feliz pensamento de inaugurar.

Srs.—« Ha principios eternos, que em conformidade de tempos, e locaes, se manifestão por combinações diversas: apar destes cuja origem se confunde com a da sociedade, e sem os quaes ella não poderia existir, ha outros de moderna applicação, mas seu germen é tão antigo como mundo; » quero fallar do principio da igualdade; e segundo elle os homens se classificão por talentos, e virtudes.

« A igualdade é a divisa politica dos povos modernos; envolta em aureola de luz emanou do seio de Deos, desceu do céu a terra; proclamada a principio como dogma de religião passou a ser a religião politica dos povos.—A religião, qué abraça o homem na perpetuidade de sua existencia infinita, poude nas mais remotas eras—no tempo do feudalismo—pronunniar a palavra—igualdade ante as mais revoltantes desigualdades, é por que a religião tem por si a eternidade; é por que aos olhos da religião o presente com suas festas e miserias é apenas um ponto no espaço—A politica não tem por si a eternidade para harmonisar a realidade e os principios, a politica vive do presente: « Mas a época actual, a mocidade de hoje quasi que chegou sem o recurso da eternidade, a harmonisar os principios com a realisação; a mocidade de hoje fez com que a igualdade passasse a ser uma realidade, mas para este accordo, que de seculos de estudos não forão necessarios, que de gerações não passarão pela face do mundo sem gosar-lhes o perfume, que embriaga? !!

Surgiu emfim a época regeneradôra e o presente é o vingador do passado.

Outro, que não eu dirvos-hia em frase poetica, e elegante dicção—o presente se acha collocado entre dous véos um que cahe, e outro que se levanta, dir-vos-hia o dia de hontem sumiu-se no nada, desviemos delle as nossas vistas, e olhemos para o de amanhã.

Não Srs.; preparemo-nos para o futuro, mas não desviemos os olhos do passado: o passado é a experiencia, e a experiencia é a mão sabia, e prudente que nos desvia dos erros; Não Srs., não desamparemos esta mão que se nos estende na obscuridade, pelo contrario, beijêmol-a, pois que é esta mão que nos abençôa—O que é que eu vos dizia Srs.—Que o progresso era a bandeira entusiasticamente arvorada pela mocidade Brasileira, e que nesta bandeira tinha ella escripto a igualdade—foi um som electrico, que se escapou dos labios de Deos e que vibra no espaço melodiosissimos échos.

O merito é a unica superioridade legitima, o merito vós o tendes por vossos talentos, e em quanto não podeis offerer o de vossos serviços, offerecei o de vossos talentos, contribuí com vossa intelligencia cheia de vigor, e de vida para o engrandecimento da sciencia, e de que modo o fareis melhor—Senhores—de que modo o fareis digno de vós, de vosso seculo, de que modo o fareis mais nobre e proveitosamente, do que o fazeis agora, installando uma sociedade oratoria para discussão de theses scientificas e litterarias?

A realisação portanto do pensamento, que nos levou a inaugurar a sociedade ENSAIOS PARLAMENTARES é utilissimo em sua applicação.

Este pensamento nasceu espontaneo de vossa imaginação e nem-um passo medeiou da realisação á idéa—Chamaste a vosso seio moços intelligentes, moços que honrão a qualquer associação; elles pois vos offerecem uma garantia de ordem.

A sociedade—ENSAIOS PARLAMENTARES não é uma associação numerica, é antes uma reunião de amigos intimos, vós tendes a certeza de encontrar em cada um delles—um amigo benevolo, antes que um adversario: os vossos pensamentos os mais intimos, as vossas mais modestas idéas encontrarão um écho, uma sympathia decidida, uma adhesão constante.

Só eu pobre estranho atirado no meio de vós, me acho como a pobre flor dos campos sem brilho, e sem aroma entre as flores escolhidas mimosas, e aromaticas de um jardim—Apenas sou para vós o collega de hontem—pobre estranho que sou, não posso offerecer-vos uma garantia no meu passado.—Sem conhecimentos, baldo de intelligencia, e talentos, devêra ficar na sombra, e não pôr assim em relevo minha ignorancia, e pequenez—Um sentimento de generosidade vos levou a admitir-me em vosso seio—honra á vós seja feita, que não despresastes estender a mão ao desconhecido, que desaperebido passava.

Srs., Quando um individuo conscio da fraqueza de seus titulos, conscio de seu nem-um merito, vê-se de repente elevado ao ponto em que se senta o forte, é já para elle subida honra, honra, que não ousára ambicionar em seus mais doces sonhos.

Quando porem elle é o escolhido para uma missão importante, quando um excesso de benevolencia, e generosidade o colloca em um lugar mais saliente, é então que elle conhece toda a sua fraqueza, é então que elle deseja descer, esconder-se, desapparecer no turbilhão, que o envolvia, por que só então conhece todas as vantagens da obscuridade.

Eu me acho neste caso, Senhores.

Elegeste para Presidente desta sociedade o que menos titulo tinha para tão subida honra. Elegeste-me para presidir os nossos trabalhos; quiseste fazer sobresahir o contraste—agradeço-vol-o, com todas as veras d'alma—Sede indulgentes Senhores, que eu farei por mostrar-me digno de assentar-me entre vós.

1849—S. Paulo

C. F. Guedes Alcóforado.

O ESTYLO NA LITTERATURA BRÁSILEIRA.

Expressão do Estylo.—Estylo classico e quinhentista. Estylo moderno.—Renascimento do estylo quinhentista:—Filinto Elysio.—Escriptores portuguezes modernos:—Castilho—Garret—A Herculano—Mendes Leal.—Gallicismos. Fr. Francisco de S. Luiz.—Escriptores Brasileiros.—Qual o estylo que se harmonisa mais com a nova litteratura.

A palavra é a reflexão, o echo do pensamento:—na nossa lingua portuguesa, tão rica de expressão, ella reveste as idéas de uns toques suaves, de uma melodia sonora que encanta:—e os labios achão certo prazer indefinido em repetir a phrase doce e maviosa de um escriptor de bonito estylo. Sua alma se mira enlevadamente na dicção, e da-lhe uma expressão intima e verdadeira: suas palavras parecem sorrir docemente com os enleios do coração, palpitar com as incertezas, suspirar tristemente com as maguas e afflicções: e sua phrase é singela e mèiga como o perfume dos sentimentos doces, ou solemne e ardente como os echos das paixões fortes e vehementes. Ha escriptores que meneão tãobem a palavra, que materialisão nos seos accentos a expressão, o tom do pensamento. Garret fallando do estylo da poesia disse:—Imitar com o som mecanico das vozes a harmonia intima da idéa, supprir com as vibrações que só podem ferir a alma pelo orgão dos ouvidos, a vida, o movimento, as cores, as formas dos quadros naturaes, eis ahí a superioridade da poesia, a vantagem que tem sobre todas as outras bellas artes:—mas quam difficil é perceber e executar esse delicadissimo ponto! »

Nem são ellas as unicas vantagens do estylo:—elle favorece muito a comprehensão, e facil intelligencia das idéas.—Quando lemos uma obra escripta em lindo estylo, em dicção pura e corrente

o espirito parece que se abre espontaneamente sem esforço e sem meditação á percepção do pensamento, ás aspirações do sentimento: —a imaginação se embala deliciosamente na cadencia da phrase; e as ideas revestidas dessa formula encantadora, dessa aureola de palavras bellas e sonoras se gravão com maior facilidade na memoria, e mais custão esquecer.

A lingua portugueza degenerada pela invasão dos Mouros na Peninsula, começou á depurar-se pelo seculo 15.º—O cultivo das linguas classicas introduzido com a reformação da Universidade de Coimbra em tempos do reinado do Senhor Rei D. João 3.º, contribuiu muito para aperfeiçoamento da lingua (1) Foi o tempo de mais brilhantes glorias litterarias para Portugal:—As obras classicas de J. de Barros, Diogo Couto, Azurara, Lucena, Arraes, Fr. Heitor Pinto, Camões e Ferreira, são em abono do que disemos.

O estylo destes escriptores, commumente chamado *estylo quinhentista*, é considerado como o verdadeiro, puro e classico da lingua portugueza. Não somos estudados nesses classicos de nossa lingua, quanto era de nossa vontade para os analysarmos especialmente no seo estylo: —apellamos para o que á respeito escreverão pennas de mestres. (2) Alguma cousa que temos lido nestes mestres da lingua, nos chegou para colher do estylo da litteratura do 15.º seculo a sua feição geral, seos tons e côres locaes, e sua expressão pura e genuina, e essa *solemnidade classica* (3) que lhe dá um cunho de nacionalidade.

O estylo quinhentista é lento e truncado:—seos periodos *arredondados ao modo latino*, encadêão n'uma formula breve, rapida e concisa o pensamento, e não lhe permite dar largas á todo o seo desenvolvimento:—sua phrase é solta, e desligada, e falta-lhe esta ondulante flexibilidade, essa expressão abundante e rica do estylo moderno que desenha todos os tons, todas as nuanças (4) do pensamento. Mas em compensação ha nesse modo de escrever um caracter de solemnidade sublime: essa mesma formula curta em que elle enclausura o pensamento, parece concentrar todas suas forças n'uma expressão de energia admiravel: sua expressão é solta e truncada, mas cheia dessa simplicidade magestosa e doce da phrase biblica.—sua palavra forte e severa respira os accentos propendos dessa fé austera, dessa convicção inhabalavel dos homens antigos.

Ha no estylo moderno, uma fluidez, uma elasticidade admiravel:—a phrase corre solta com o pensamento, e se expande em toda

(1) Bosquejo da Historia da Poezia e lingua Portugueza.

(2) Felinto Elisio—na sua Arte Poetica—e Garret—na Historia da Lingua Portugueza,

(3) Garret.

(4) Esta palavra é franceza, e reprovada por Francisco Manoel:—porem a necessidade a tem admittido em nossa lingua, e eu uso della, com a auctoridade de Fr. Francisco de S. Luiz, no seo GLOSSARIO.

a sua força de expressão, em todas as suas linguagens:—a imaginação se retraça ao vivo scismas e enlevos na vivacidade, na animação da phrase moderna.

Entre estes dois estylos, qual escolher, como mais conveniente para reflectir a expressão de nossa litteratura?

O estylo antigo não póde renascer em nossa litteratura brasileira com suas cores, seos tons classicos:—nascido nos tempos da fé, heroismo dos Portuguezes, elle conservou essa forma immovel e inflexivel das crenças profundas, das convicções inabalaveis:—naquella epocha de certo dera ella a expressão aberta do pensamento. Hoje as idéas caminham delirantes, varias, e desvairadas, não se poderiam conter na formula rapida, breve do periodo antigo:—e alem disso a expressão ardente e animada de nossa litteratura não casa com essa lenta e pausada inflexão da phrase antiga. Nunca a dicção do estylo quinhentista poderia exprimir com a doce facilidade do espirito, uma scena encantada de nossa terra, um suave retiro de nossas florestas, uma tarde pura de nossos céos, com esses tons maviosos, com esses timbres sonoros que lhe reflecte o sol descabindo no occidente:—a precisão de elocução antiga martirisaria os enlevos de nossas almas, nossas diversas inspirações entusiasticas, profundas como o seio de nossas florestas, e como os abysmos de nossas montanhas, inquietas, e delirantes como o menear das orlas de nossas moitas:— a phrase classica gelaria os toques abrasados de nossa poesia ardente, vacillante, e com a friesa de austeridade de sua palavra rigida e severa.

Não vamos entretanto com aquelles que despresão por demais o estylo quinhentista, e o tem em esquecimento profundo. Elle encerra muitas bellas, muitas elegancias de nossa lingua portugueza, que renascida com esmero e cuidado, dará ao estylo moderno um encanto supremo. Ha phrases cheias de bella singelesa e naturalidade, palavras doces e suaves que parecem materialisar o pensamento, e que desvanecem a imaginação de encanto.—E nas flores mimosas da lingua podem ainda verter perfumes, embalsamados com os ardores de nossa poesia, coloridos com a expressão brasileira tão vivaz e tão brilhante.

Ainda em alguns casos o estylo antigo pode ser bem aceito. Ha certos generos de composição litteraria, em que a expressão desse estylo reverte o pensamento e as idéas de uma cor antiga e austera, e como que emprestar-lhe o respeito, e auctoridade das cousas velhas.

Nossas chronicas, nossas tradições de tempos colonias devem ser escriptas neste estylo:—até mesmo seria natural e encantador apreciar os contrastes desse estylo, com a expressão indigena.—Castilho escreveu suas poesias na dicção moderna, porem escolheu para os seos *Quadros Historicos*, a expressão severa com que fallavam aquelles homens que elle pintava:—elle constituia-se como orgão que reflectia só echos das palavras.

Alencar.

(Continua.)

REFLEXÕES SOBRE A POESIA BRASILEIRA.

(Continuação do numero antecedente.)

A litteratura Brasileira tem de por longo tempo lamentar a perda de alguns distinctos jovens de precoce genio, que promettião enriquecel-a com os seus fructos!... perecerão ainda em botão esses genios, sem que a morte lhes deixasse tempo de desabrochar em toda sua belleza e força; forão astros efemeris, que brilharão um momento, sumirão-se, deixando-nos saudosos de seu puro mas tão breve luzir. Taes forão Francisco Bernardino Ribeiro, e F. Dutra e Mello. Ao primeiro, a par de uma intelligencia vasta e clara, capaz de appropfundar os mais reconditos arcanos das sciencias, tinha a natureza inspirado esse amor sancto e ardente pelo bello e sublime, essa paixão pelas artes de imaginação, que é o apanagio de um coração nobre e um espirito elevado: com effeito este joven, em quem as qualidades da alma rivalisarão com os talentos do espirito, teria sido um dos mais bellos ornamentos de que se ufaniarão as nossas letras, se não viesse a morte ceifar tão cedo essa flor de esperanza. Todos conhecem esses primeiros fructos de suas vigílias, que revelavão, não esses conhecimentos superficiaes, essa erudição que se derramão em faceis floridos, e de mera ostentação, mas um espirito solido e pensador, e séria e profunda applicação.

Sua nobre ambição o arrojava aos mais arduos trabalhos, e não contente de cultivar a poesia, sua intelligencia que exigia mais solido alimento, meditava a natureza e as leis dessa arte sublime; lançou-se no campo da critica, e de mãos dadas elle e collaboradores, jovens notaveis por seu talento e applicação, produzião os ensaios sobre o drama; quem poderá calcular o que teria ganhado com os seus trabalhos a critica entre nós tão acanhada ou antes nulla. Infelizmente nesse tempo entre nós a arte ainda estava oppressa sob o jugo da escravidão classica; ainda se respeitavão, e se observavão com escrupulosa exactidão os preceitos da engenhosa critica do seculo passado, dictados pelos Boileau, le Batteux, Marмонтel, Laharpe &c., como oráculos do bom gosto: e o nosso joven cingia-se à sua observancia, e os recommendava como o unico meio de attingir ao bello.

É porem de presumir, que se vivesse e chegasse a conhecer a reforma litteraria, que teve lugar na Europa, seria elle um dos primeiros a proscrever esse gosto exclusivo, que então dominava, e abandonando os velhos e estereis caminhos, abraçaria a causa da regeneração, e do liberalismo litterario.

O outro, cuja recente perda ainda choramos, é Dutra e Mello, genio melancolico, e brando, alma angelica, que passou pelo mundo como peregrino em estranhas terras, e como para disfarçar os enfados do exilio, deixou escapar do mistico allaúde alguns himnos de saudade e melancolia; foi como um cisne, que passou gorgeando, mas receando manchar na terra o nitido candor da sua plumagem, ainda alou-se ao céo. E a melancolia, essa dôr christã, calma e sublime, que eleva a alma em vez do acabrunhal-a, que com seo pungir enobrece e regenera o coração, foi quem inspirou esses poucos cantos que conhecemos do joven poeta fluminense, publicados na Minerva Brasiliense. São verdadeiros efluvios de uma alma religiosa e terna, cheios do calor da inspiração, e ressumbrando maviosa, e sublime tristeza. Para sentir mais superioridade de seo talento, é bom comparar-se suas poesia com tantas outras, que por abi alem cheias desse espirito religioso facticio, que hoje tanto anda em moda, que então se apreciará mais claramente a differença entre a verdadeira inspiração, que exige o fogo, o genio, e a simples imitação ou antes arremedo, que nada mais requer que pouco de espirito, e cultura.

Este joven pela candura de sua alma virginal, pela celeste melancolia derramada tanto em seu character, como em suas poesias, parecia realisar o romantico ideal do poeta—desses espiritos angelicos, que ardendo sempre pelo amor do bello, e buscando em vão pelo universo um transumpto de seos arrojados sonhos, adeja sobre as azas do fogo da entorno da divindade, fonte de todo amor, e de toda belleza.

(*Continúa.*)

A RELIGIÃO E A HUMANIDADE.

Fallai-me vós, columnatas perdidas entre as ruinas da antiguidade:—fallai-me vós, tumulos solitarios, carregados de inscrições pomposas, perfumados pelos tempos, brunidos pelas idades e prenhes de recordações;—fallai-me, vós cedros que alongais o cabeça gigantéo no cimo do Thabor e que ouvistes o susurro indistincto do mysterio, e o dobrar do fio dos seculos na veladora roda das gerações;—fallai-me vós catacumbas da India, mumias do Egypto, mausoléos da China;—contai-me vossas historias.

O Oriente. . . . —Oh! sim! quem não o—admira adormecido e immovel em seu leito de flores, como um cadaver em

seu tumulto?! quem nessa mudez do seu repousar ferreo não esguarda sua belleza, como a d'essas bellas estatuas plantadas nos sarcophagos da media idade?!—quem não se deslumbra ao ver de entuviada essas pyramides cortadas de hyeroglyphos, mysteriosas como a sombra da morte, solemnes como a prece do proscripto?!

Ahi a relegião abrangia tudo: —a personalidade esmagada embalde forcejava por erguer-se, como a serpente calcada pelo pé do viajante; ahi o céu era o mundo da intelligencia, o espelho da razão, o sepulchro da verdade e o tyrano da sciencia; emfim ahi a subjectividade humana desnorteada envelhecia-se, tentando erguer-se em demasia e assemelhava-se aos pyrillampos cuja luz bruxoleia escassa, porém não allumia,

Nimiamente fatalista, elle tornou-se sceptico, despotico e não acordou de seu ferrenho espanto; ufano viveu dormindo em seu leito de marmore, como o corpulento tronco do carvalho na quebrada do monte. Seu character principal é a immobilitade, elle assemelha-se ás pyramides: o viajero cansado as admira em contemplativa mudez, e por sobre ellas grave soletra o grande problema da antiguidade. A historia é o reflexo das lutas interiores, é o choque das individualidades sociaes. Quando porem na antiguidade, por essas ruinas carcomidas pelos annos, derribadas pelo tempo e entenebrecidas pelos seculos, o contemplador procura escrutar os dados do progresso, elle enxerga a materialisação da alma,—como um pensador profundo parecia ver na Esphinge emblematica do Egypto elevarem-se raios graniticos para o céu

No mundo antigo, a liberdade moral agrilhoada, vivia como o captivo em sua escura masmorra. A verdadeira existencia se estreitava, a materia era seu Deus—além della, nada:—tudo anniquilado. E a prova está nessas religiões que nada mais enxergão do que um céu coberto de nuvens, elementos descarnados e nús, criações desgeitosas e caricaturadas;—enfim, esse cortejo do soberbo Imperador da China. A idéa de substancia era vaga e indeterminada, e o circuito em que o homem gyrava podia bem assemelhar-se a um dos descriptos pelo autor da Comedia Divina; todavia existio um homem, que se ergueu no meio desse deslúsimento completo—foi Confucio. Seu coração devia ser nobre, e sua alma tambem—porque suas doutrinas são cheias de belleza e moralidade; perdoemos-lhe se manchou seos preceitos na politica e se de todo não dessorrou seu peito dos negros vapores que rebuçavão seu paiz. A China é um estado immovel como seus falsos idolos, sua vida iguala a do moribundo em mar de sangue, que de quando em quando estremece. A antiguidade foi quasi sempre assim; trepidante.

Quem não tem ouvido alguma vez o murmunio das brisas dessa terra de poezia, de imaginação e sentimento—dessa terra onde o coração é ardente como o sol, o espirito fervido como as areias dos seos desertos e a alma inquieta como os mares? Ninguém, Eu não fallarei pois longamente da India;—eu não fallarei dessa trindade religiosa e desse dominio de castas, escarneo da humanidade;—eu não contarei esses costumes barbaros e atrozes, que arrojavão uma mulher na flôr dos annos e da mocidade á pyra, que tinha consumido os restos de seo marido e uma pobre criança ás aguas vorazes de um rio;—eu não fallarei mesmo da leis de Manou. Não: que novidade traria? A India é tambem um estado estacionario. Sua vida como a de todos os estados de então reflecte o imperio quasi exclusivo do fatalismo, a divisão dos vencedores, o predominio da força e o anniquilamento do *eu*.

No Egypto—nesse berço de prodigios e soberbas lembranças, de saudades grandiosas,—nessa mansão onde a morte se poetisa com seos tumulos dourados, suas festas e suas danças,—nessa terra symbolica e pantheistica o apoucamento do homem é ainda notavel: a sciencia escravizada, a religião e o despotismo abrangendo tudo, porém a religião conculcada e desluzida porque na antiguidade ella pertencia ao que governava.

Desse amalgama de povos que dominarão entre os antigos, o povo Judaico foi o unico que pareceo olhar para o futuro. Sua litteratura, o seu character resentem-se de um que de grande que espanta no meio das alternativas de sua vida.

O espirito caminha sempre para Deus—centro do systema humanitario. Em todas as épocas domina sempre um principio religioso; na antiguidade revelou-se uma das faces da Providencia—seu poder.—Para sujeitar os homens ella não reconheceu—nem justiça, nem razão, os povos a personificarão na natureza material e o temor era o unico incentivo de suas acções—não se lembrando que para procurar a verdade é necessaria a razão e que vendo-a sobe-se a um ponto mais alto—Deus.

ANDRADA E SILVA.

(*Continua*)

AS DUAS COROAS DE ESPINHOS.

§ 1.º—Ao almoço.

D. Margarida—velha ama do Rvd.º D. Matheus Cardoso acabava de annunciar-lhe com ares de boa nova—que o almoço estava na mesa.

Assim não ficou pouco contrariada quando o Rvd. em vez de

acudir ao seu convite, acenou para que não o interrompessem, e voltou ao trabalho que desde a manhã o tinha ainda em roupão á sua papeleira.

Visivelmente se conhecia o máo humor de velha; comtudo sahiu de mansinho guardando por mais tarde observar ao padre jesuita quanto era inconveniente o não almoçar a hora costumada.

Apoiando a cabeça na mão esquerda tendo na direita uma pena —o reverendo gesticulava como os collegiaes quando medem seus versos latinos. As vezes interrompia esta operação para escrever o que apoz riscava, e depois tornava a medir e a escrever—Assim passou-se um quarto de hora. Finalmente triumphante deo um grito de alegria que nunca poeta algum dera ao findar sua obra.

A este grito D. Margarida correo presurosa a dizer em tom de exprobração, onde todavia se lobrigavão visos de satisfação.

—Emfim o Reverendo resolve-se a almoçar!

Em vez de resposta, o jesuita, que passeava pensando nos versos que acabava de fazer, parou e dirigio-se a papeleira a corrigir alguma falta nesses papeis que tanto incommodavão a velha creada.

—O chocolate de vossa Reverendissima esfria a ponto de não se poder beber.

Porem o jesuita não a ouvia—ainda censurando um hexametro mal construido, e não podendo resolver-se a largar este ferro em braza sem lhe dar a ultima de mão que o aperfeçoasse

Por fim aperfeçoou a obra, e atirou o papel exclamando:

—Acabei—não quero mais tocar-lhe, porque nada mais resta a fazer—graças a Deos acabei!

—Ora graças o Reverendissimo agora váe almoçar?

E D. Margarida abria a porta que dava para a salla de jantar quando um mancebo entrou modestamente, trazendo na mão um rolo de tafetá que depoz sobre a meza do padre.

—Ah! Ah! sempre apparecesteis meo joven pintor! mais vale tarde que nunca—Pelos milagres da cruz! já não contava com as bandeiras que vos tinha encommendado para a proxima festa de S. Ignacio de Loyola—Vejamo-las? muito bem, admiravel meo filho! Esta cabeça de virgem está sublime, estes extremos tem muita elegancia e pureza. Tereis 20 ducados em vez de tres. E trabalhai mancebo, porque entendedor como sou vos prognostico um futuro, accrescentou o padre batendo sobre as bandeiras.

O mancebo rubro de prazer escutava com avidez o velho sacerdote.

—E' mister trabalho laborioso, e não circunscrever-vos somente aos da officina. As lingoas latina e grega são adjutorios indispensaveis para bem perceber os grandes autores e principalmente a Biblia, onde os pintores da epoca vão tirar assumptos para seus quadros.

Não julgueis minha educação pela pobreza de meus vestidos: —eu sei um pouco latim—Por Deos! vejamos o vosso saber inter-

rompeo o Padre satisfeito por encontrar uma pessoa a quem lesse seus recentes versos; escutai este epitaphio e vertei-m'o em bom Portuguez.

—Procurarei fazel-o posto que Hespanhol e ainda pouco familiarizado com vossa lingua.

Sentai-vos—e escutai—

—O almoço do Reverendissimo está prompto dice D. Margarida desesperada entremetendo-se na conversa. O conego deixou-a sem resposta—e leo:

Naso elegis, Flaccus lyrieis, epigrammate Marcus.

Hic jacet herou carmine Virgilius.

Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia, famam;

Unam nobilem Mars et Apollo manum.

Castallium fontem traxit modulamine ad Indos,

Et Gangis telis obstupescit aquas.

Lysia mirata est quando aurea carmina lucrum

Ingenii, haud gazas ex oriente tulit.

Sic bene de patria meruit dum fulminat ense,

At plus dum calamo bellata facta refert.

Hunc Itali, Galli, Hispani vertere poetam;

Quilibet hunc vellet terra vocare suum.

Vertere fas, cequare nefas; æqualibus uni

Est sibi; par nemo, nemo secundus erit.

Admiraveis versos hexametros epentametros, concisos, elegantes, precisos e fortes, porem um pouco no gosto antigo.

—O conego tresbordava acremente de alegria.

—E a tradução?

—E' facil—Passai-me o manuscripto

—Aqui repousa o rival de Ovidio na elegia, de Horacio na poesia lyrica, de Marcial no epigramma, de Virgilio nos cantos heroicos. A gloria de Portugal dilatou sua penna e espada—sua mão aprofia illustrada por Marte e Apollo, seus cantos fizerão brotar nas Indias a fonte do Parnaso—Portugal possuio-se de admiração quando este poeta em vez de ouro, trouxe do Oriente, versos, nobres fructos de seu genio. Assim bem mereceo da patria ferindo com a espada, e ainda mais cantando seus altos feitos. Os italianos, francezes e hespanhoes o tradusirão—Que paiz não quereria ter por filho a um tal poeta?

—Pode-se traduzil-o, igualal-o não.

—Sua gloria é só delle; não teve rival; nem terá.

—Muito bem, meo filho, muito bem! E já advinhaste para quem compuz este epitaphio?

—Para Luiz de Camões.

—Sim. . . . Quem me diria que o pobre moribundo a quem assis-

ti no leito de morte em um hospital seria um dia a maior gloria de Portugal?

—Que?—assististeis aos ultimos momentos de Camões, exclamou o joven com grande emoção. Oh! pintae-me cada um de seus gestos, repetí-me cada uma de suas palavras.

—V. Rvm.^a não almoça hoje? gritou pálida de colera D. Margarida.

—Uma tarde, meo filho, atravessava eu as vastas sallas do hospital de Santa Cruz, donde sou esmoler. Entre os desgraçados deitados nos leitos, notei junto a um cadaver que acabava de dar a alma a Deos, um homem de phisionomia nobre e resignada

Aproximei-me, e apresentando-lhe o crucifixo disse-lhe—Elle morreo sobre a cruz—bebeo até a ultima lia do calix da amargura—o enfermo ergueo-se, recebeo o Christo com suas desfallecidas mãos, e levando aos labios murmurou :

Spes mea in Domino.

E apoz curta pausa continuou.

—Meu padre, quereis encarregar-vos da ultima vontade de um moribundo?

—Eu cumprirei meo filho—vossas ultimas palavras como se foreis meu proprio irmão.

—Pois bem escutae-me. Vedes estes papeis.

Para salvál-os arrojé-me fóra da chalupa a que me tinha acolhido depois do naufragio—para salvál-os lutei dois dias contra a morte, só no meio das ondas tendo apenas uma fragil taboa—E para escrevel-os!... oh! para escrevel-os—tudo renunciéi—fortuna—prazeres da mocidade—tudo!

Agora jurae-me sobre este crucifixo e pela salvação de vossa alma que sem indagardes quem sou—vós os queimareis! jurae-mo.

—Eu hesitava—elle o conheceo em meo olhar.

—Um brazeiro, um brazeiro, eu vol-o suplico, um brazeiro ou morro amaldiçoando-vos—um brazeiro! ou renego a Deos—e perdeis minha alma.—Padre vós sereis o responsavel perante Deos.

—Cedi, que o seu desespero era intenso.—Trouxerão um brazeiro—lançou nelle os papeis—e com triste alegria contemplou a azulada chamma que pouco a pouco os consumia.

—E quando só restavão cinzas.

—Abençoe-me meo padre—disse elle—absolvei-me dos peccados que commetti, por que o soffrimento foi mui grande para que não servisse de expiação—Deos cingio-me a fronte de uma corôa bem difficil—uma corôa que lacerava e abrazava-me—uma corôa que mil vezes amaldiçoei, e da qual outras tantas me quiz libertar—Meo Deos! meo Deos!—quanto soffri!—O genio!—oh! vós ignoraes quantas maldições encerra este dom funesto.

Feliz o homem que nasce obscuro e mediocre, que mediocre e obscuro vegeta e morre! oh! sim—mil vezes feliz!

—E quem sois para assim amaldiçoardes o genio?

—Sorriso amargo lhe descerrou os labios, ergueo os olhos ao céo, quiz murmurar um nome, cahio—e morreo!

Affastei-me cheio de terror deste cadaver, perguntando-me com angustia quem poderia ser este homem.

No dia immediato voltando a ver seus restos mortaes, já os tinham arrojado ao fosso commum de envolta com outros cadaveres. Apenas trouxerão-me alguns manuscritos achados debaixo de seu travesseiro, entre os quaes vi um soneto italiano assignado por Torquato Tasso e dirigido a Luiz de Camões—(1)

Elle queimava suas poesias! não queria legal-as a seus ingratos compatriotas! amaldiçoava o dom funesto do genio? perguntou o mancebo. Oh! sim!—e tinha razão—O que é o genio?—miseria e fome! E' ser desconhecido, despresado, calcado aos pés—é soffrer em fim!—Oh! elle o dizia bem—é uma corôa fatal que nos aperta a fronte—uma corôa que lacera, que abraza e mata! E é esta a sorte que me espera! Oh! desgraça, desgraça! Maldição sobre ti, dom funesto do genio!

E retirava-se submerso em profunda desesperação: quando lhe gritou o padre.

Oh! lá! deixae-me o vosso nome mancebo; quero ainda encarregar-vos de algumas bandeiras.

—Eu me chamo Zurbara—(2)

—Ora emfim já póde V. Rym.^a almoçar—exclamou Margarida. E triumphante vio o Reverendo jesuita sentar-se á mesa, onde fumegava o chocolate e uma deliciosa *olla podrida* ainda bastante quente para excitar o appetite.

(S. HENRY BERTHOUD.)

(Trad.)

(Continúa.)

(1) O soneto de Tasso termina da maneira seguinte. O poeta falla a Vasco da Gama heróe dos *Luziadas*:

Et hor quella del colto e bon' Luizi
Tant oltrè stendi el glorioso volo
Che i luvi spalmate Elgni andar'men lungo

Und àquelli, a cui s'alza il nostro polo,
Et à qui ferma in contra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

(2) André Zurbara, pintor do 16.^o seculo; de caracter aspero e selvagem, genio duro e severo—seus paineis constão na maior parte de figuras isoladas.

Fez os celebres retratos de Filipe 2.^o e Filipe 3.^o, e do duque de Olivares—Admira-se ainda um quadro, obra sua, que se acha collocado na galeria de S. Ildefonso representando a adoração dos Reis—Zurbara foi pintor no estylo da escola florentina e lombarda:—E' o Miguel Angelo hespanhol.

POESIAS.

DESENGANO.

Mulher, anjo, demonio, virgem sancta,
 Acaso não vês mais o rei do dia,
 As estrellas do céu, do prado as flores?
 Acaso não vês mais a casta lua
 No lago reflectir pallôr funereo?
 Tudo isto não mudou: o sol, os astros
 Inda fulgem no céu, palleja a lua,
 Na esmeralda do valle crescem flores,
 Mas que é da c'róa que sagrei-te outr'ora,
 Que é da lira d'amor, que amor vertia?
 Profanaste, mulher, os meos amores:
 A grinalda á teos pés vejo calcada.
 Vejo soltas da lira as cordas d'oiro:
 E não córas ao menos, não tens pejo
 De me haveres vendido os teos olhares!?

Quando amei-te, mulher, estava louco!.
 Sonhava a mente em fervido delirio!
 Li nas faces de rosa amor, pureza,
 Nas tranças d'oiro extremos de amisade:
 Pensei ver-te tão pura como os anjos
 A fallar-me de amor—singella e sancta:
 Pensei comprehender-te em teos sorrisos
 Quando o nacar roçavão de teos labios,
 Era estulto pensar d'uma alma louca;
 Era tudo illusão, phastasma, e sonho!

Fementida traição morava apenas
 Na neve do seio alabastrino;
 Fingimento e perfidia só pensavas:
 Quando amei-te, mulher, estava louco!
 Eras aspide núa em chão de relvas,
 Que encantos me verteo—depois torturas;
~~Eras uma aspide sangrenta e era~~
 Que enlevou-me, e depois deo-me veneno:
 Eras purpurea rosa entre os espinhos,
 Que a serpe esconde entre a folhagem basta:
 Quando amei-te, mulher, estava louco!

Sim—louco—louco eu fui: agora eu choro
 As verdes illusões do meu passado.
 Querias me matar—deste-me encantos:
 Querias a teos pés ver-me rendido—
 Rendi-me, consagrei-te um culto n'alma:
 Querias que eu sonhasse—aerios sonhos
 A mente m'escaldarão no delirio:
 Hoje nada mais qneres; és contente;
 As roupagens do sonho me arrancaste,
 Turvaste o lindo céu de meos amores,
 Pois bem; vive feliz, prosegue e vai-te.
 Que na campa eu te espero cêdo ou tarde,
 Sem amores, sem crença, sem futuro,

(Almeida Pereira Filho.)

RECORDAÇÃO.

Houve um tempo, e que tempo ó meo Deos,
 Tinha n'alma sorrisos e flores,
 Fôra um Eden meos dias d'infancia,
 Fôra um mago viver nos amores.

E o gorgoio saudoso das aves
 E a aurora nos mares surgindo,
 E o ceu marchetado d'estrellas
 Tudo, tudo era amor me surrindo.

E julguei-me fruindo na terra
 As delicias de um ente divino:
 Soberano por entre os humanos
 Afrontava o poder do destino.

E o throno dos reis,
 Os aureos salões,
 Os loiros da Guerra,
 E os puros brazões.

Tão frageis que os viu
 Não erão iguais

~~Uma ventura.~~
 Risonha e sem ais

E tudo apagou-se
 Veloz como o sol

Apenas a noite
Lhe serra o crysol.

Agora nas brenhas
Vagueio isolado.
Sem ter um amigo
Carpindo meo fado

Ninguem pois alardeie entre os homens
Que no tempo encontrou lealdade:
E' de Deos o sagrado preceito
Esperar só nos ceus felicidade

SAUDADE.

Nestes campos de tristesa,
Cercado de bastas selvas,
Debruço-me nestas relvas,
A scismer co'a natureza;

Vejo a fonte que murmura,
Oïço a voz de rouxinol,
Nasce, vive, e morre o sol,
E gemo na desventura;

Vem ó lyrio da campina
Alentar-me o coração,
Princeza da solidão,
O' linda flor peregrina;

Vejo no ceu anillado,
Mimosa estrella a luzir,
Contemplo a noite a sorrir;
E sempre sou desgraçado;

Vem ó sombra da palmeira
Adoçar-me o pensamento,
Vem abrandar-me o tormento,
Minha triste companheira,

Vejo a tarde que fenece,
No poente reclinada,
Vejo a pompa d'alvorada,
E meo penar adormece;

Vem ó rei dos trovadores,
Dar-me alivio ao padecer,
Meo futuro vem descer,
Sabiá cantor d'amores;

E vem minha arpa amorosa,
Quero contar-te um segredo,
A sômbra deste arvoredô,
Vem minha amiga chorosa;

Nas praias d'aquem dos mares,
Nos climas d'alem das serras,
Nascera naquellas terras,
A fonte de meos penares;

Era uma flor innocente,
Sancta singella e formosa,
Meiga qual rôla mimosa,
Pura qual brisa dormente;

Era uma joia querida,
O meo cyrio de bonança,
Minha unica esperança,
O porvir de minha vida;

Mas... foi-se minha ventura,
Como um sonho do Paraizo.
Agora nem um sorriso
Nestes valles de tristura;

Vamos pois minha arpa agora,
Senhora do meo segredo,
Juntos carpir no degredo
Risonhos tempos d'outrora;

E vós ó grutas sombrias,
Echôai minha saudade;
Em quanto na soledade,
Nã s'estinguem os meus dias.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL ACADEMICO.

INTRODUCCÃO.

E' já conhecido o nome do esforçado, mas fraco contendor, que vai novamente entrar na liça para pugnar pela causa sagrada das letras: herdeiro de seo irmão primogenito elle fará reviver as suas idéas.

O seo titulo modesto indica as suas aspirações e o pensamento, que lhe serve de bussola. Como o fragil batel, que não se aparta da costa temendo, que o tufão não o faça sobrar, elle não se internará pelo oceano da sciencia sem primeiramente medir a extensão que tem a percorrer, sem ter observado o céu, e indagado, se o tempo será calmo, o mar sem escarcéos, e a bonança certa; e como a ave implume que não pode acompanhar o condor dos Andes em seo rapido vôo, elle não poderá alar-se as regiões sublimes, em que pairão os grandes genios—mas ao menos sentar-se-ha á seos pés para ouvir as suas palavras, e comungar as suas crenças.

Com essas pretensões nobres e singellas temos fé, de que as estreias do presente não serão desmentidas pelas esperanças do futuro: oxalá que assim seja, e que as suas folhas não sejam queimadas pelo simoún de fogo.

Filho dos ardentes desejos de nossa mocidade—nós lhe consagraremos os nossos sonhos, as nossas mais intimas emoções, as nossas vigílias, e o zelaremos com o empenho solícito do pai devotado, que véla á cabeceira de seo filho no leito da morte.

A taréfa é ardua, e de longas lidas; nós comprehendemos a sua aspereza e difficuldade; mas um pensamento de

subido alcance nos protege com a sua egide sagrada ao transpôr os umbráes do templo scientifico, e nos alenta em nossa peregrinação pelo progresso. A' patria devemos grandes sacrificios: nós não pouparemos pois em prol de sua civilisação os nossos esforços mais dedicados. Não se creia porem, que queremos tomar sobre nós a missão dos Apostolos da propaganda litteraria: a empreza transcende as nossas forças, e o nosso fim é menos amplo, e mais simples—é apenas despertar do lethargo da indiferença os homens habilitados, e faze-los sentir a necessidade de inocular no povo as grandes idéas, que devem firmar o futuro do nosso paiz. E se por acaso nos longes dos tempos que hão de vir—medrar a idéa—que plantamos em nosso jornal, nos contentaremos apenas com a gloria de havermos conecorrido, para que a nossa litteratura não ficasse despresada e abandonada ao esquecimento.

E' nobre o nosso intuito: á mocidade academica compete auxiliar-nos n'essa empreza—aceitando o convite que lhe fazemos de concorrer com a sua illustração para fazer vingar esse pensamento eminentemente patriotico que concebemos com a redacção dos Ensaio Litterarios.

PHILOSOPHIA.

ECLECTISMO MODERNO.

Socrates, Bacon, Descartes e Kant estão postados na grande estrada da philosophia como brilhantes luzeiros a guiar o viajôr em busca da verdade; no templo da immortalidade tem altares em que são incensados e adorados; diante d'elles se curva respeitosa a humanidade, que está collocada n'uma esphera bem elevada para render homenagens á pequenez. Porem o que á tão alto pincaro os conduzio? Forão por ventura os systemas que engenharão? Não;—esses, embora sejam venerados porque lembrão o genio, forão constrangidos pelo tempo a descer do throno que orgulhosos occupavão, a ceder o sceptro que por sua vez tinhão conquistado, e hoje dormem sob a fria lousa do passado o somno do repouso, somente interrompido por alguns sonhos passageiros de suas glorias d'outr'ora. Não forão os systemas que os fizerão tanto subir, porque a philosophia continuou a sua derrota, e não encontrou o porto em que deve abicar: não forão os systemas, porque não

cessarão com elles as tempestades, e contratempos, que de continuo accossão o baixel, em que vae o homem a demandar a terra da verdade: forão antes o impulso, a forma e direcção que derão á sciencia, o caminho que ensinarão, e não a viagem, que fizerão.

No tempo, em que a philosophia comprehendia o universo em seu seio, espraiava-se indistinctamente pelo homem, Deos e a natureza, e ganhava em extensão o que perdia em força e claresa, a razão fluctuava no meio de um tenebroso cahos; numerosas barreiras lhe impedião o passo, e ella seria forçada a render-se, quando Socrates por uma d'essas inspirações, que baixão do ceu á terra por privilegio divino, a ensinou manobrar de modo a multiplicar suas forças e a confiar na victoria. Esta manobra philosophica é conhecida pelo mundo inteiro, é o conhecimento do eu; seus beneficios os seculos patenteão, e a razão os aprecia.

Na historia do movimento philosophico a Inglaterra succede á Grecia, á Socrates Bacon. Este não destruiu, nem abandonou o pensamento de seu antecessor, continuou-o pelo contrario, e sua empresa coroada pela descoberta do methodo é um magestoso monumento scientifico, em que estão escriptas com indeleveis caracteres estas memoraveis palavras—experiencia e inducção.

O quadro da natureza humana desenhado pela experiencia e inducção seria um bello painel a deslumbrar a vista; ninguem o nega; mas sua realidade não estava garantida, podia ser uma illusão, uma pura phantasmagoria representada pela razão. A duvida podia fazer uma invasão que importasse a destruição universal dos conhecimentos humanos, porque não conhecia impecilio; e o sceptismo estava armado para em um momento esconder em seus profundos abismos os esforços de muitos seculos e o trabalho de gerações inteiras. Mas não sera assim; a Providencia não dorme, e sua obra não será destruida.

Descartes elevou a duvida para esmaga-la na queda, postou-a no vestibulo do templo da sciencia para corre-la do interior: a duvida lhe pareceo necessaria para sobre suas ruinas construir o edificio da certeza. De tudo pode duvidar, menos do pensamento porque duvidar é pensar, e como pensar é existir, á seus olhos se representou indestructivel a existencia pessoal. O «*cogito ergo sum*» foi uma revolução philosophica de muita celebridade e grandeza; reconheceo a necessidade metaphisica entre o pensamento e a existencia, ergueo a psychologia á cathegoria de sciencia primeira e fundamental: d'onde nasceo o methodo psychologico.

Kant é o philosopho Francez em maior escala: não contestou os seus antecessores no movimento philosophico; concordou com Descartes na existencia inabalavel dos conhecimentos, somente seu olhar d'aguia penetrou mais fundo. São os conhecimentos modos do «eu», ou alguma cousa de independente? São realidades puramente subjectivas, ou tambem objectivas? Novos problemas relativos á verdade e para cuja solução o philosopho de Koenisberg creou a critica da faculdade de conhecer.

De Athenas á Koenisberg é longa a distancia, é maravilhoso o progresso philosophico. Depois que do universo se separou o homem para constitui-lo objecto de um ramo de conhecimentos e investigações de alto meditar, descortinou-se o methodo de o estudar, arrancou-se das garras da duvida e do scepticismo a sua existencia, se explanou a condição para a solução do problema sobre a natureza da verdade; parece que se tinha percorrido a escala inteira das questões de introdução aos systemas, e que á philosophia só caberia oscillar entre os resultados diversos dos principios conhecidos. Não é certo, porque o progresso tem caminhado e caminha a estreitar o circulo da hypothese, e a critica da razão não é o ultimo remedio para o mal do erro, nem Kant o dique á torrente da perfectibilidade. Nova direcção recebeo a sciencia, e nova epocha se contou em sua historia.

A França, a patria de Descartes foi o theatro em que se representou esta scena do drama da verdade; seu author era um joven então na flôr da idade, mas sua cabeça vergava ao peso da doutrina que continha, e porque tanto se esmerava: elle a amava muito, porque as chammas de seu coração erão erupções de um volcão incendiado; suas palavras ardentes accendião o enthusiasmo n'aquelles que o ouvião; sua philosophia se espalhava com a rapidez do raio: nem o genio de Schelling e o talento de Hegel lhe poderão vedar a entrada na Allemanha.

Ecclectismo moderno é o nome com que foi baptisada esta nova revolução; seus principios são columnas graniticas a sustentar a nova torre de Babel que deve levar a humanidade ao reino de Deus; e esta será mais duradoura, porque tem por obreiros a universalidade dos homens e por instrumentos a intelligencia e a liberdade, reflexos de Deus na terra.

Santos Lopes.

(Continúa.)

LITTERATURA

ALFREDO DE MUSSET—JACQUES ROLLA.

1.º *Artigo.*

I. — O POEMA.

O genio é como o Jano Latino: tem duas faces. No Homero daquelle Grecia inda vibrante das tradições selvaticas dos autochtones—dos mythos romances dos Pelasgios, que a colonisação Egypciaca viera nublar do seu mysticismo—ha a Iliada, e entre o canto de guerra e a Batrachyomachia, entre a tragedia com seu entrecho epico, e a comedia em embryão com sua satyra Aristophanica—a fundir-se a meio n'uma e n'outra, a abraçar uniformados n'um monumento só os dous typos, a Odysséa.

Goethe é assim—como aquellas medalhas de Pompeia a soterrada—N'um dos versos é o sorrir juvenil que se apura nos sonhos, que se embebéra de esperanças, sempre fresco de uma gotta—de lagrima doce, ou de orvalho—como as folhagens do rosasólis: são as fronteas que se embebem no liquido d'ambar que se gottêa de amículos de anjo—é Faust que hesita ante o leito de Margarida, ao arregaçar do cortinado—ao sentir seus sonhos de moço que lhe vaguêão no delirio. A outra face é a amarellidez atrabilaria da testa que enton-tece ás febres do descrido: é Orestes que blasfema no seu ourar que queima, é Henrique Faust entre os hymnos da Pascoa erguendo a taça negra do suicidio.

Em Byron ha Childe Harold e Don Juan: Lara, Conrad—são os vislumbres do soffredor erradio. Childe Harold naquelle molde perfumado do antigo de Beattie e Spencer, é o fel da blasphemia, tressuando da esponja prene—é a vida que se estorce como a serpe na vasca moribunda—é o sangue que rebenta mais vivo, o pulso tufoso que bate mais a tropel como nos peitos do cavallo estafado do deserto—o coração que afana ao derramar das véas. Don Juan é a satyra hervada de todo o veneno do lambo: mas o stylo ferreo do poeta não se repassa apenas de gottas negras: ha nelle, pelo cauterio da ironia sardônica, um porejar vermelho que alembra as garras da aguia dos Alpes, ou do condor selvagem desses

Andes a quem o roçar das nuvens tropejadas brunio os negrimes. Don Juan não é um livro de epigrammas como os de Horacio, o parasita Imperial, e Boileau o abbade. Não: aquellas folhas com todo o seu rir, com todo o seu desvario, e aquelle tontear ebrio que azumbra ás vezes o poeta —aquella sede intensa de emoções que anceiava o *gin plebeo*, como o marinheiro as vertigens da crápula na taverna, e os naufragos macilentos do Don Juan, a agua da chuva e o alimento —a vida — na sofreguidão que os saciava de sede nas véas rotas com os dentes: todo aquelle esgár revella magoas—e fundas como o oceano—E' a fachada de um dos panoramas do coração de Jorge Gordon—é o frontispicio do livro da *Idade de Bronze*—da *Maldição de Minerva*—do *Avatar Irlandez*—da *Metamorphose do disforme*—do livro onde o ardor de moço improvisára-lhe como prefacio o lombo dos *Bardos Inglezes e Criticos Escossezes*. Em antithese á magoa escura do *Giaour*, á dor estuante que lhe offega na *Prophécia do Dante*, no *Sonho*, e no *Canto das Trevas*, e naquelles mysteriosos diálogos do *Cain*, onde Meyerbeer parece que foi beber o sombrio das fallas de Bertram e Roberto o Normando —vem a saciedade a rir dos sonhos, o delirar de alma deslavada de crenças, por um sangue embotado no gelo de um viver gasto: Don Juan é o rir frenético—mas daquella alegria Mephistophélica que vai árida no arrepio dos labios.

Tom Moor—como o chamava a intimidade de Byron, tambem é assim: o suavissimo scismador de Lallah Rook a Oriental, dos Amores dos anjos, das Melodias Irlandezas—foi o Lucilio da Inglaterra. A par da assonia terna de suas dulcias—só o fel de suas ironias politicas, o açoute de suas cartas satyricas, onde elle alteou-se ao ápice do genero—alem ainda de todas as aspirações fogosas da Nemesis de Barthlemy, e das satyras de Auguste Barbier.

Musset é tambem assim.

Alfredo de Musset é uma dessas almas de poeta, que se baptisarão no scepticismo das ondas turvas de Byron. Não é um plagiario comtudo—não é um árido imitador—Mal sôra dizer de algum de seus poemas, eis uma cópia. O que ha, é uma harpa acordada aos sons rugidôres de um concerto da noite: um cerebro que se esbrazeou a sonhos de outro cerebro. *Namouna*, *Mardoche*—são inspirações de *Beppo* e *Don Juan*. No licor com que Musset purpurisa sua taça, sente-se o resaibo dos vinhos queimadores de Lord Byron, a opálula doirada do Johanisberg e o fogo do gin, como os perfumes das rozas no Phalerno romano. *A taça e os labios*—é a visão de Manfred, o fel de Arnold o corcovado: é uma nuvem daquelles ideaes, que volteia nevoenta pelo sonho a Frank o Tyroliano. Zampieri descrido, o Dalti da Porcia—Rolla—eis o sombrôso pallôr de Lara. E' uma idéa funda, como que

um liquido negro que se lhe injectou pelas arterias— uma vida febril de alheia seiba que se lhe denuncia nas tintas.

Em meio ás criações todas que se atropellão, fascinantes no scentelhar prismo, da litteratura franceza moderna, Rolla sobresahe como um tropheo, como a sombra mais sublime de Byron. Ainda entre a magia grandiosa de Victor Hugo, é elle um dos primores da poesia intima á feição dos soliloquios de Shakespear, da melodia selvagem das paixões naquella testa negra de Othello, a refrescar-se nas brizas das lagunas, das febres do ciu-me: um typo de belleza entre aquella tendencia á exaggeração e a uma originalidade lavrada de arabescos, abysmada em seu deleite de negridões; porque elle soube sem despir sua personalidade litteraria, inda retemperar seu genio nas phantasias allemães de Hoffmann, e na assonia de Lamartine—como o Hernani de Hugo, no enrijar de seu gladio de bandido nas torrentes das montanhas.

E por isso ha em Musset, o brilhantismo dos Contos do Allemão, o peso da febre no desânimo descrido do Dr. Faust, o desespero suarento do Giaour, e o cadente e puro—aquillo que o Sr. Lopes de Mendonça chama Lamartiniano—dos versos que se estillão como serpêão lagrimas de perfume dos cabellos da Odalisca á sesta—adormida de afan no banho morno de porphydo—como se altêão as gottas de essencia de rosa entre ondas de vapor pelo ambar do *narguilé* da Sultana.

II. — ROLLA.

Dos libertinos da cidade— aonde
 Vai mais vendida a perdição—mais tórpe
 —Da mais velha no vicio e mais fecunda—
 Quero dizer Pariz—o mais devásso
 Foi Jacques Rolla—Nas tavernas, nunca
 Ao baço lume dos lampiões da orgia
 Mais indócil mancebo se encostára
 Á mesa quente—ou n'um rolar de dados...

Eis ahí o retrato de Rolla. O poeta caracterisou nelle o homem que se afunda naquella saciedade que resicava o Childe—um ser ao molde do Faust curvado de Goethe, ou, mais ainda, do Faust libertino de Marlowe o Inglez. Shakespear no character de Falstaff desenhou o fidalgo dissoluto, inda vertiginoso da ultima crápula: mas no tragico Inglez —Sir John—o cavalleiro da noite e o amante da lua, como elle se diz na sua dicção picaresca—é uma satyra; a depravação da nobreza, ri della o poeta dos dramas historicos da Inglater-

ra, nos epigrammas do valido truão do Principe de Galles. Ri della no escarneo, como aquelles versos de um velho poeta portuguez, na falla valente e bella dos tempos antigos.

Oh ! pois sangue ! já foi rubro, purpureo,
Fosse embora real; hoje em almagra
Baixa e villan com vicios deslavada
Aguarella será de fidalguia,
Ou sangueira hedionda, avillanada,
Dos caens do matadouro pasto e treina.

Em Rolla ha mais alguma cousa: pelo embaciado da lanterna transverbéra-se ainda a chamma d'alma a Jacques, como d'entre a prostituição da *Fernanda* de A. Dumas o aromado daquella alcova branca, reservada ás purezas do verdadeiro amor: Rolla é um character de poeta—um Faust cujo Mephistopheles é o lenocinio da perdição—um semblante onde nos labios, entre o dithyrambo ebrioso, susurra a medo a canção infantil do primeiro amor—uma daquellas feições cujas realidades talvez forão Werner—Marlowe—ou Bocage.

Não é elle que mareia o norte de seu viver—rójão-no a eito paixões. Do enturvar dos vinhos, ás fôfas sedas sob o laquear doirado da moça que resomna em voluptuosa nuez—das tavolas onde scintillam e rodão as pilhas de metal—da vida insana com todas as seducções de licores, gosos, e bellezas nús, como as esvairava o cérebro do Latréaumont de Eug. Sue—dahi, ao dormir affrontoso—do rubor do fogo dos vinhos á pallidez languinhenta do libertino—eis seu resvalar de vida.

É o saibo longinquo do absinthio de Byron nas estancias ardentes do seu poema. Quem não lembra aquelles versos do seu *Wandering outlaw* que assim começam?—:

Nessa ilha de Albion houve um mancebo
Que nunca amára da virtude o trilho:
Porém na perdição gastava os dias
Cançando entre alarído á noite os somnos:
Ai ! na verdade—que era um ser perdido,
Chagádo ao crime em jubilos maldictos !
Pouco da vida lhe acordava um riso
Excepto amantes, e carnáes orgias
De todo o gráo—altivos bebedores !

Era nobre Childe Harold—Donde o nome
E a longa estirpe—não me cabe a lenda—
Dice-os a fama por ventura outr'ora—
Foi-lhes gloria talvez em outros dias
Mas deslustra um brazão infamia eterna

Valente embora em perpassados tempos;
 Nem os roubos da heráldica aos sepulchros
 Da prosa as flores, falsos méis das rhymas
 Podem manchas doirar, sagrar um crime.

É a historia mesma daquelle suicida, que inspirou ao romancista de Esmeralda a Cigana, o X canto do Crepúsculo—

« Nem vinte annos havia— e desflorára
 Tudo que amar, polluir, romper é dado—
 Tudo empanára com as mãos sem brio.
 Macilenta a volupia ao rastro erguida,
 Ia por elle, do bordél impuro,
 Quando a sombra nos muros lhe corria.
 A seiba—dia e noite—em orgias fôra,
 Qual cera ardente no queimar dos cirios—
 Caçando o estío—o hinvverno recurvava
 Sobre Gluck ou Mozart no braço a face:
 Nem mergulhava nunca a fronte em ondas,
 Que Homero o Grego e Shakespear derramam.
 Em nada cria, nem jámais sonhava:
 Ia-lhe tédio á cabeceira morna!
 Sempre zombando e árido—infecundo,
 Latia a encalce de façanhas nobres,
 Comprava amor—e Deus vendido houvera!
 A terra—o céo azul—o mar e estréllas—
 Ventos a que alma sempre vélas incha,
 Nada lhe á sombra susurrava ao seio,
 E nem os campos, nem a mãe queria!
 Ebrio emfim—esnervado—em ócio frouxo
 —Sem ódio!—sem amor!—miseria!... e sempre
 Inda n'um sol sem no *amanhã* ter crença
 Uma noite que deu com arma infausta,
 Lançou a vida ao céo—como um conviva
 Ao tecto dos salões da taça o fundo!

Um dia, apoz tres annos de lascivia beijos e volupia e copos affogueados do esmalte dos vinhos Hespanhóes, um dia, ergueu-se Rolla de seu tóro de devassidão—pobre—o patrimonio esbanjado. O sobejo de moedas empregou-o na extrema noite da órgia extrema, Comprou por todo um porvir de vida umas horas de deleite com uma mulher. A noite lhe seria n'uma loucura: a agonia no sorver ao seio dessa, de gosos barregan caprichosa—que se chama a vida—como o infante que morre ao peito da pobre mãe—a ultima lascivia, a ultima gotta do philtro de mel do favo a meio corrupto—que se chama a ventura. Depois—quando o dia alvorecesse...

M. A. Alvares de Azevedo.

FLOR SEM PERFUME.

O craneo é liso—a face escaveirada
 E o corpo no seu leito apodreceu. . .
 Oh quem lhe falla agora dos amores,
 Da vida que bebeu!?

Ai sobre o rosto onde se nutre o verme,
 Nem siquer podres carnes lhe ficárão. . .
 Seus sonhos? . . —erão nevoas de sua alma,
 —Dos annos que passárão.

No cêvo ardente das insomnias loucas
 O peito resicou—sentiu que a vida
 Era curta demais, quiz perfumal-a
 Branca rosa cahida!

Acerca-te coveiro—ergue essa lousa,
 Onde um cirio funereo entorna a luz;
 Um canto de ironia aqui soltemos—
 —Aqui juntos da cruz!

Não ves?—aquelles olhos se encovárão
 Aos sóes ferventes do bailado insanno;
 Sultana do prazer e escrava delle—
 Foi-lhe o mundo um tyranno!

II.

Repoisa agora, ó filha da miseria,
 Prostituta de um dia,
 Sombra errante do ceu, sorrir de um anjo,
 Que os anjos resumia!

Entre as pedras de humilde cemiterio
 O verme te esposou,
 —E o negro renque de cyprestes feios
 A cova te assombrou.

Nas frisas do areial—não longe as vagas
 Vem morrer soluçando,
 E ave agoureira de plumagem fusca
 Esvoaça grasnando:

No fundo a ermida por bem mortas horas
 Desata o seu lamento,
 Como a prece do nauta no oceano
 Sobre as azas do vento.

III.

Bebamos !— cabe a noite sobre a terra,
 Suspira a brisa, o passaro estremece,
 No mar estampa a lua a face argentea
 E prantear parece.

Bebamos !—nem um canto de saudade !
 Morrem na embriaguez da vida as dores;
 Qu'importão sonhos, illusões desfeitas ?
 Fenecem como as flores !. . .

Immovel como a lagea do seu tumulo
 —Eil-a dormida agora em terra dura. . . —
 Pobre !—surriu no mundo e tudo foi-se
 Ao pé da sepultura !

No fundo de meu peito ergui-lhe um throno,
 Do coração perfumes lhe votei,
 Formei-lhe um mundo á sombra de meus sonhos
 —Alma e vida lhe dei. . .

Requeima o sol o lyrio da campina,
 Da procella o tufão esfolha a roza,
 Em lindo céu tremendo a estrella morre,
 Que importa? era formosa—

Loucos ! loucos ! vagai por esse mundo,
 Que eu nessa lousa vou dormir contente:
 No peito a imagem sua, a taça ao lado,
 Sonhando eternamente.

IV.

Da noite na friez co'a taça o bardo
 Salpicou d'ironia os prantos d'alma;
 Do vinho a espuma pelos murchos labios
 A dor lhe adormeceu—e a quente lagrima
 Soltada apenas no sonhar dos ébrios
 Era um riso d'amor mandado aos mares
 —Da lua aos beijos—nas hervagens fofas. . .
 Ninguem mais o avistou:—rotas do peito
 As fibras todas, de affeições vasio,
 Como funebre larva entre sepulcros,
 Delirante vagava em chão de mortos:
 —E de Baccho no altar, erguendo cantos,
 Em lobrego jazigo entre alguns ossos
 De olhar parado—a palpebra selvagem
 Frouxamente cerrava,

Andrada e Silva.

O ESTRO.

E' astro de fogo suspenso nas nuvens,
Luzido a ufanar-se no campo dos ceus,
—E ao trom da procella caminha tremente,
Qual barco nutante por sobre escarceus.

As vezes sombrio nas abas longinquas
Do azul firmamento descança no mar;
As vezes pairando risonho e singelo
No cimo dos montes se vai assentar.

Scentelhas da crina—fogoso corcel
As ondas doiradas derrama do sol
—E as cores trocando nos lagos ethereos
Pratêa das tumbas o niveo lençol.

Mysterio sublime—do bojo despeja
Nas trevas da noite um arroio de brilho;
Seguir nunca podem as vistas do homem
Seu rastro infinito, seu lucido trilho.

Espirito ou genio—quem és? donde vens?
Tua patria—onde está? teu berço—ondo é?
Por entre destroços, por entre ruinas
Gigante, que fazes? tu velas de pé.

Sem rabidas grevas p'ra o mundo calcareaes
Os thronos desfazes ao som do trovão;
Arcanos, que encerras, de fundo sentir,
Quem póde dizel-os? sómente o volcão,

Pregão da memoria na terra invisivel
Desvendadas futuros na voz de propheta;
Não temes as iras da turba descrida,
Por crente na terra só tens o poeta.

E ovante e suberbo descantas na lyra—
Archanjo dos sec'los—um hymno á virtude
—Granitica estatua na lousa dos tempos,
O globo illuminas com teu alaude.

Andrada e Silva.

OS DOUS POETAS

OU

A PRIMEIRA HORA DO DIA.

(Fragmentos.)

Meia noute havia dado o relógio da velha ermida; e dous moços conversavão sentados no tronco secular de velho carvalho, que a tempestade havia derribado: em suas faces lia-se essa expressão característica do genio, que muitas vezes se desenha nas linhas do rosto, e que o olhar do atilado observador comprehende logo.

Poetas elles gostavão de entreter-se em presença da Natureza—desfolhando as suas reminiscencias, quando a terra dormitava no seio do silencio, e quando as vozes dos homens não podião mais interrompel-os: o sitio que tinha por cupola o ceo, e por testemunha o oceano, era sempre o logar de aprasimento para as suas fallas.—Com estas idéas ponto mais appropriado não podião ter escolhido, do que esse em que os ouvimos conversar: d'um lado estava o mar com os seus gemidos e as suas vagas, d'outro uma campina imensa que se perdia de vista, e sobre as suas cabeças o firmamento com o seu manto de anil

Acostumados desde a meninice a viverem junctos, companheiros dos brincos da infancia, collegas de estudos—Eleazar e Hermann—comprehendião-se facilmente: elles parecião duas estatuas cinzeladas pelo mesmo esculptor, ambas formadas de marmore, com os mesmos traços, o mesmo estylo, e a mesma côr: emoções, sentimentos, tudo nelles era o reflexo do mesmo sol.—Vivendo uma vida toda consagrada ás lettras, á noute elles reservavão sempre uma hora, em que communicavão um ao outro as suas impressões: era esta a primeira hora do dia astronomico.—Quando o ponteiro da pendula marcava meia noute, elles se achavão infallivelmente no logar que havião designado, como esses cavalleiros dos tempos heroicos da Meia Idade, que levavão o pundonor á ponto de não fazer demorar o seu adversario um só instante, depois de emprazados para medirem as suas lanças ou as suas espadas.

Eis os fragmentos que pudemos colher de suas conversas n'essa hora dos feiticeiros, como diria a credulidade do povo,

ou n'esse tempo, em que se erguem do sepulcro fantasmas negros, e vagueão pelo cemiterio, como se exprimiria um conto phantastico.

1.^a NOUTE.

ELEAZAR.—Não ves Hermann a Lúa que lá vem a raiar nas orlas do horisonte?

HERMANN.—Sim; milhões de vezes ella mostrou essa face pálida que cõa no fundo d'alma santas emoções—impregnadas dos perfumes da religião da saudade: embalando-se n'uma atmosphera de saphiras, como um cysne no verde-mar das agoas, ella parece ter sido collocada por Deos para presidir como alampada mortuaria ás gerações que se finarão, e como symbolo do futuro aos homens que hão de vir.

ELEAZAR.—Do solio elevado em que ella se senta, essa princeza da noute com as suas feições melancolicas e inspiradoras—tem visto a arêa cahir paulatinamente no vaso da ampolheta dos tempos.—Quantas lagrimas, quanto sangue não tem ella visto derramado pela face da terra! quantos naufragios não tem contemplado no oceano do mundo!

HERMANN.—Se Deos quizesse conceder-me um impossivel, eu lhe pediria que animasse a sultana da noute, e que me deixasse escutar os seus contos de mil seculos, como a Sherezade as mil e uma noutes do poeta arabe: eu lhe perguntaria como a cupola de S. Pedro ergueo-se sobre as ruinas dos idolos do paganismo, como a soberana do mundo antigo deixou o Huno e o Godo quebrar-lhe o seo sceptro de ferro—á ella que tinha plantado o seo estandarte sobre os comoros da Libia, sobre o cimo do Taygeta, na margem do Tigre, e nas catacumbas gigantes dos Pharaós Egypcios! eu a interrogaria para que me dicesse, como a mortalha do feudalismo foi queimada pelas lavas do volcão de 89, como nas ruinas das baronias e castellos enterrou-se uma litteratura e uma civilisação de côres espezias, e como das cinzas do seo incendio brotou essa vergonhosa chamada o seculo 19, que parece destinado a trazer sempre as suas faces banhadas de sangue, como que para demonstrar, que o seu berço foi crestado pelo fogo revolucionario, e embalado com o estampido dos canhões, com o rufar das caixas de guerra, e com os gemidos dos moribundos no campo do morticinio.

ELEAZAR.—Oh! se eu tivesse tambem uma tal concessão—eu lhe perguntaria pelas romarias desses peregrinos que caminham com sandalias aos pés para o berço do sol,—levados pela crença e pelo desejo de ver o logar onde soterrarão-se qua-

renta seculos—, e surgio a pyramide davidica, como o symbolo da regeneração, e de uma epocha diversa, como a balisa que estabelecia a discriminação entre a antiguidade persica, grega e romana, com os seos deoses mythicos de formas humanas, e entre a Trindade—unidade—entre o monotheismo plantado com o sangue e as lagrimas no cimo do Golgotha: eu lhe perguntaria como o Arabe do deserto veio assentar as suas tendas sobre os tumulos da antiga Salem, e como apascenta os seos rebanhos por estas campinas onde cada pedra tem uma tradição heroica, cada planta um conto de mysterio, e cada murmurio do zephiro é o echo solemne de passadas glorias, onde envolto naservas e confuso com a poeira—jaz o livro symbolico da historia de Judá:—eu lhe pediria que me contasse como e por onde passou para o mundo de Colombo essa raça especial com a tez tostada pelo sol—tão livre como as catadupas gigantes de seos rios, tão poetica e inspiradôra como o silencio de suas florestas virgens, tão culta como os descendentes de Manco-Capac—que levantarão Cusco e a maravilhosa ponte Huacacha, tão civilisada como os Astecas mexicanos, e tão selvagem como essa raça de tigres—esses féros Aymorés, que sentavão-se ao banquete para devorar os prisioneiros, e beber o sangue nos craneos de seos inimigos.

HERMANN.—Deixemos os nossos desejos e ambições.—A proposito—Eleazar vibraste a tecla de que eu queria fallar-te:—peço que ouço és tambem entusiasta dessas tribus indianas que os Pizarros e Almagros assassinarão em seos berços, ou obrigarão a expatriar-se—sem dar-lhes tempo de conduzir os ossos de seos pais, ou de voltar as suas faces para o lado em que nasce o sol, para invocar de Tupá protecção para seos filhos, e tumulos para si: dás apreço tambem as tradições americanas desses filhos das florestas, que os Portuguezes e sobretudo os Hespanhoes maltractarão tanto—arrancando-lhes as carnes com o azorrague do escravo.

ELEASAR.—Sim Hermann; bem sabes, que eu aprecio os caracteres nobres e os typos da coragem heroica e do devotamento pronunciado; e o Indio symbolisa a força com o heroismo, a dedicação com a nobreza, e a resignação nos perigos. Nunca poderei esquecer-me nem deixar de recordar-me com entusiasmo de Jaguarary—esse chefe selvagem—mas de tão altas virtudes, de quem fallão as chronicas brasileiras no tempo da guerra dos Hollandezes.—Ha na sua historia muita lição de patriotismo e de generosidade; é a sua vida um bello manacial, onde póde beber inspirações o poeta, colher um enredo o dramaturgo, que deslumbre os olhos, que infunda no coração sagradas emoções.—Nascido em presença desta natureza forte do Equador, a estender os seos olhos por essas florestas onde vagueão aves de mil cores, e a mirar-se no espelho desses rios, que parecem ma-

res—eil-o ascendente de Camarão, barbaro auxiliar dos homens, que subjugarão as suas terras, entoando um hymno á Tupá, consultando os seos pagés antes do combate, como interrogaria os augures um prudente general Romano: ei-lo accusado de ter trahido a causa portugueza, por que fora reclamar a mulher e os filhos, que tinham cahido nas mãos dos Batavos, saboreando o fel que empanara a esponja dos desgostos, com cadêas aos pés, encerrado n'uma prisão sem ver durante oito annos mudarem as arvores de folhas, os rios formarem corôas, e a virgem da manhã agitar a sua frente para de seos cachos d'ouro sacudir aljofares d'orvalho sobre a terra;—eil-o finalmente despido dos grilhões por aquelles, contra quem combatêra, e illudindo as suas presumpções—voltar ao seio dos seos antigos amigos, para auxiliá-los contra seos libertadores, por que a lealdade é a sua primeira virtude, e os ferros não poderão destruir a nobreza, que é o adorno de sua alma, nem polluir o seo coração, que educou-se com o canto do japim, com o murmúrio suave das brisas perfumadas, e com o trovejar surdo dessas cachoeiras, que cahem em alvos lençoes d'espumas sobre bacias de pedras. Oh! em que pagina da historia vê-se um typo mais nobre e cavalheiroso, do que esse Jaguarary ou Simão Soares, como o denominavão os colonos brasileiros?! Que assumpto tão bello e fertil de idéas romanescas não offerece esse vulto selvagem acostumado a cercear com a sua uíba o vôo do pitauán, e arrojado ao meio da luta de dous povos civilizados, attestando ao mundo, que no seio das bre-nhas crescem tambem os grandes sentimentos, e vinga a heroicidade!

HERMANN.—Como estes outros muitos caracteres avultão nas chronicas das terras de Cabral: mas são quasi todos marmores, que não tem sido ainda talhados pelas mãos do genio, ou velhos manuscriptos, que jazem empoeirados no fundo das bibliothecas—esquecidos e entregues ao desprezo.—E no entanto ha nessas folhas descoradas pelo tempo muita tradicção, que embriaga com os seos contos, muita lenda impregnada de poesia, que enleva, e cõa no fundo d'alma suaves reminiscencias, e que podião ser transplantadas para o gremio da litteratura nacional: ha ahí muita riqueza a aproveitar-se; muito nectar que podia aromatisar-se sob a pressão da penna doirada d'um poeta ou romancista.—Cores novas, assumpto que não tem soffrido ainda o toque do pincel, mythos que não são os da Grecia, nem os do Egypto já extragados por tanto revolvimento,—costumes que tem seos visos dos tempos patriarchaes, mas que não são identicos nem muito semelhantes, tudo forma uma collecção preciosa, onde o homem de gosto póde colher flores, e perfumes, que não tem o cunho dos antigos tempos.—N'essa terra tudo pá-

rece grandioso e diverso do velho mundo: o céu não tem negrimes, nem a cor plumbea do céu de Londres; é d'um anil mais bello, que o da Italia, e que o d'essa Hespanha tão celebre, onde nasceo a Calderona: os regatos são rios, e os rios são grandes golphos, que se estendem pelas terras, e os bosques florestas imensas, onde os coqueiros agitam os seos leques de esmeralda.—E de tudo isto podia formar-se um ramallete, que symbolisasse o typo desse continente original, que tivesse as impressões d'essa natureza virgem, onde tudo tem vida, magestade, e energia, e desse impulso á esta America, que parece destinada por Deos a substituir a calva Europa na propaganda do progresso, e a occupar o seo posto na balança do mundo.

J. d'Almeida Pereira filho.

(Continúa.)

DISCURSO

LIDO NO DIA DA INAUGURAÇÃO

DA

ASSOCIAÇÃO ENSAIO PHILOSOPHICO PAULISTANO.

Conheceis, Senhores, esse apostolo sagrado, que caminha atravez do turbilhão dos seculos, fazendo estalar sob as suas plantas a mortalha negra, que envolve as ossadas empoeiradas dos tempos passados, que bate á porta de todas as gerações, repetindo-lhes a voz prophetica do Christo ao judeo da Creação, que sentou-se ao banquete da humanidade, e hade deitar-se no ultimo esquife do futuro? E' o gigante do progresso, é o representante da verdade.

Não vedes em sua cabeça cyclopica myriadas de corôas? Cada uma d'essas grinaldas é o fructo de longas vigílias, é o titulo de gloria de homens privilegiados, que apparecerão no horisonte do mundo, como esses grandes meteoros de fogo, que atravessão o espaço, e vão depois mergulhar-se no oceano do infinito deixando apóz de si uma recordação de assombro, que attesta a sua existencia.

Não vedes em suas mãos athleticas esse baculo d'ouro, que enfia as suas extremidades no tumulto e no berço do astro-rei, esses dous polos do movimento dos povos? E' o sceptro que rege o mundo da Auróra ao Poente, do Septentrião ao Austro.

Não vedes em seos hombros seculares essa tunica de mil lustros, em cujas dobras estão depositadas as cinzas de nossos primeiros pais e de seos filhos? Cada fio d'essa veste sagrada é o symbolo de uma idéa, e cada idéa é mais um grão de arêa, que cabe no vaso da ampolheta da civilisação.

Senhores—Eis ahi a estatua, em que tem trabalhado todos

os seculos: eia, curvai os vossos joelhos diante d'esse enviado de Deos, que sentou-se a beira dos jazigos dos grandes genios, para comprehender-lhes as crenças, que passou pelos obeliscos de Denderah para visitar o Panthéon de Roma, que escutou o cysne guerreiro do Ilion para depois contemplar o Briaréo de Sancta Helena. Eia, consagrai no templo d'alma um culto entusiastico e solemne á fenix do progresso; ungi os vossos espiritos com as sanctas doutrinas d'essas duas irmãs primogenitas, que illuminão o globo com a sua luz imorredora, que fallão a linguagem viva dos grandes sentimentos, e tradusem tão suavemente as emoções d'alma, e as impressões do coração—a religião e a philosophia, essas duas alavancas do mundo moral, que imprimem ao progresso os seus unicos caracteres—o pensamento e a fé:—eia, ajoelhai-vos, e recebei de suas mãos a bandeira sagrada para arvorá-la no sólo da patria. —E' talvez árdua a empresa, mas não desanimeis: é difficil aos hombros fracos da mocidade conduzir ao calvario o lenho sancto; mas trabalhai para caminhar, porque ao menos são louvaveis todos estes esforços, são nobres e generosas todas estas aspirações. —E' verdade que semelhante á Halukah da fabula oriental o progresso não tem saciedade; é um tonel de Danaïades, que nunca se enche: é verdade, que milhões de obreiros tem trasido a sua pedra para a construcção d'esse novo templo de Salomão, de que seus filhos não hão de ver o acabamento, porque, como diz o escriptor—a barca fluctúa e fluctúa; a ancora não pode agarrá-la; nós navegamos sobre a eternidade. Mas não seja esta crença um obstaculo ao vosso caminhar: união e vontade são as duas condições de tudo que é grandioso no mundo; união e vontade são os dous elementos das grandes instituições. —A religião e a philosophia vos offerecem cimentos indestructiveis para serem collocados na pyramide da civilisação: n'essa lavra a alma e o coração podem respirar suaves perfumes, e saborear delicioso nectar. Essas duas irmãs primogenitas que em diversos periodos parecião repellir-se, hoje comprehenderão a necessidade de chegar a um accòrdo, e de permutar os seus mutuos auxilios. Caminhando á frente do movimento moral, ellas assemelham-se á esses grandes globos de fogo, que nadão no espaço cortejados por immensos satellites sem luz propria, e sem rotaçào independente: á ellas compete a missão augusta de dirigir a humanidade—abrindo-lhe a estrada do aperfeiçoamento. Erguei pois a sua bandeira, commungai as suas doutrinas, que a posteridade vos adjudicará a corôa immaculada, que ella costuma collocar na frente do passado. —Mas quem sabe? talvez o esqueleto corroido do scepticismo vos clame que não prossigais? talvez a duvida e a descrença—essas duas causas do torpor dos espiritos, vos prenda com a sua cadêa mortifera? talvez esse pensamento, que hoje acariciais tanto, em breve tenha de cahir no cahos do esquecimento? . . .

Senhores, a actualidade corre sob a influencia do sol do Equador: a epocha em que vivemos, é uma epocha de fogo, de paixões e de delirio: os homens de hoje só querem sensações fortes, só querem

objectos que deslumbrem os olhos, e que desmontem o espirito. Acostumados ás impressões que lhes inspira o drama sanguinolento, que de ha meio seculo representa a humanidade, elles enlanguescem na duvida, e não podem crêr n'aquillo, que não dá alimento á sua imaginação forte, e a seo devaneiar tresloucado: e bem vêdes que de semelhante pensar o desanimo é a consequencia inevitavel, e o desanimo é o cachopo, onde vão sossobrar as melhores idéas, e as mais nobres aspirações.—A politica absorve hoje os grandes talentos, porque ahi está a vida, ahi está o foco das grandes sensações, ahi está a gloria com todo o seo cortejo de decepções, de pompas e lagrimas.—Este facto que é constante entre nós tem sido para a nossa litteratura, como o vento de fogo do Sahara, que cresta, e mata as plantas que encontra em sua rapida carreira.

E deveis acompanhar a torrente que vos arrasta? eu creio com toda a ingenuidade, que não.—Sobre essa mocidade cujos berços forão embalados á sombra da arvore de nossa Independencia, pesa uma responsabilidade grave e solemne: os seos progenitores lhe entregarão um legado para ser transmittido ás gerações futuras, como um deposito sagrado, como uma recordação de gloria.—A essa mocidade corre o dever de não deixar naufragar a arca que lhe foi confiada: elles lhe derão os fóros de povo livre, á ella compete zelar com todo o cuidado essa dadiua para não ser polluida pelo tufão infecto do servilismo.—E pensais que possa vingar esta planta sem se lhe dar alimento? pensais que é livre um povo sem instrucção? Interrogai o passado, folheai as paginas d'esse livro immenso, onde está retratado o genero humano com todos os seos sentimentos, com todas as suas miserias, com todo o seo heroismo, e a historia vos responderá clara e positivamente, que a ignorancia e a liberdade são plantas antipathicas, que não crescem no mesmo terreno.—Em presença d'estes factos esforçai-vos para não nodoar a folha d'ouro, que abre os nossos fastos de povo livre: esforçai-vos para não deixar apagar-se a mingoa de oleo a alampada do progresso.

Senhores, no seculo em que vivemos o principio d'associação tem produzido grandes resultados: semente exotica transplantada das ruinas dos tempos passados—germinou, e hoje admiramos os seos fructos.—Sem o seo influxo benigno o homem seria, como o cantor de Fingal tateando á luz do dia sem a sua Malvina, que o levasse aos tumulos dos reis de Morven, e aos rochedos agrestes da Escossia, ou como o cego Milton a passear á margem de caudaloso rio—pensando no seo Paraizo Perdido—sem ter quem dirigisse os seos passos.—E' do concurso das forças individuais que resulta o progresso, que nascem os grandes pensamentos: melhor idéa não podieis pois acolher, do que a de uma instituição como esta, cuja inauguração hoje solemnisamos. Aqui—despindo as vestes do egoismo vindes trocar os vossos sentimentos, confiar as vossas mais intimas emoções, os vossos mais generosos desejos á verdadeiros irmãos de letras: aqui não ha orgulho, vaidade a reccar-se,—porque o fim é nobre, é a instrucção,—e a instrucção é o pharol do futuro.

Filha de um pensamento meditado, e de sagradas aspirações —a Associação Ensaio Philosophico Paulistano—tem todas as condições, que prognosticão um porvir de esperanças lisongeiras.—A' sua frente brilha este luseiro, que preside hoje aos seus destinos, e dirige-a com a sua experiencia, com o seu talento, e com as suas sympathias, que nunca fallecerão á mocidade academica, quando se tractou da educação de espirito, e de consignar nos fastos do nosso paiz mais um esforço pelo progresso, mais uma pagina sagrada ás letras.—E o que pode mais faltar-lhe? . . . Estudo? estou certo que não, porque este é filho do amor da sciencia, e o amor da sciencia é a paixão dominante da mocidade actual, como testemunha a historia resumida—mas de elevados sentimentos archivada nas poucas paginas de nossa litteratura moderna.

Nada pois vos falta para entrar no ceo azulado do porvir: mas se por fatalidade correr perigo de ser rasgada pelo tufão a bandeira sagrada do progresso, que hoje arvorais ao lado da bandeira auri-verde de nossa patria, oh! não a abandoneis: como o cheick, no deserto, que ao descambar o sol por detraz das montanhas, volta as suas faces para o occidente para supplicar ao seu profeta, voltai-vos tambem para o passado, evocai de seus tumulos as sombras illustres dos vossos progenitores, e supplicai-lhes que protejão o vosso futuro com a egide de sua gloria, porque a victoria será certa, e a pyramide da civilisação se erguerá na terra de Santa Cruz, como a escada mystica de Jacob na terra de Canaán.

Senhores, eis aqui o pómo que pôde fructificar a arvore do dever: vós assim o quizestes, ahí o tendes: não é ouro do Indo, incenso da Arabia, nem myrrha da Persia trasida pelos magos; é apenas a offerenda pobre, mas sincera do mendigo de Bethalem.

São Paulo 9 de Maio de 1850.

J. d'Almeida Pereira filho.

O DESTINO DO VATE

A' memoria de F. Dutra e Mello.

Entretanto não me alveja a fronte,
nem minha cabeça pende ainda
para a terra, e com tudo sinto
que hei pouco de vida

DUTRA E MELLO.

Em manso adejo desflorando a terra
Passou um dia o cysne peregrino,
E sonoros quebros gorgeando

Despareceo nas nuvens.

Não quiz mesclar do mundo aos vãos rumores
A celeste harmonia de seus carmes;
Passou—foi demandar em outros climas

P'ra suas azas mais tranquillo pouso,
 Ares mais puros onde espalhe o canto:
 Onde foi elle? em meio assim deixando
 Quebrado o accento da canção sublime,
 Que apenas encetara?
 Onde foi, em que margens tão felises
 Desprende agora a voz harmoniosa?

Estranho ao mundo, n'elle definhava
 Qual flôr, qu'entre fragedos
 Em solo ingrato langue esmorecida:
 Uma nuvem perenne de tristeza
 O rosto lhe emsombrava—parecia
 Serafim exilado sobre a terra,
 Da harpa divina tenteando as cordas
 Para encurtar as horas enfadonhas
 Do prolongado exilio.

Que ideas merencorias
 Pendem-te assim a fronte empalecida
 Infortunado joven?
 Que dor fatal ao tumulo te arrastra
 Inda no viço de teus bellos annos?
 Que accento tão magoado,
 Que lacera, que dóe nos seios d'alma,
 Exala a tua lira,
 Funereo como um echo dos sepulchros?
 Tua viagem começaste apenas,
 E eis que ja de fadiga extenuado
 Cò o desanimo n'alma te recliuas
 A margem do caminho.

Olha, ó poeta, como a Natureza
 Em torno te desdobra
 Surrindo o seu painel cheio de encantos:
 Eis um vasto horisonte, um ceo sereno,
 Serras, cascatas, ondeantes selvas,
 Rios, collinas, valles de esmeralda,
 Aqui valles de amor, vergeis floridos,
 De frescas sombras perfumado asilo,
 Alem erguendo a voz ameaçadora
 O mar, como um leão rugindo ao longe
 Ali dos montes as giganteas formas
 Com as nuvens do ceu a confundir-se,
 Desenhando-se em longes vaporosos
 Donoso quadro, que me arrouba os olhos
 N'alma acordando inspirações saudosas.
 Tudo é belleza, amor, tudo harmonia,

Tudo a viver convida.
Vive ó poeta, e canta a natureza.

Nas sendas da existencia
As flores do prazer ledas vicejão;
A' meza do festim vem pois sentar-te,
Sob uma corôa de virentes rosas
Vem esconder os prematuros sureos,
Que um sombrio scismar-te tem gravado
N'essa fronte abraseada.
Dissipe-se aos sorrisos da belleza
Essa tristeza, que te abafa a mente.
Ama, ó poeta, e o mundo que a teus olhos
Um deserto parece—arido e feio
Sorrir-se-ha, qual horto de delicias:
Vive e canta os amores.

Mas se a dôr é partilha de tua alma,
Se concebeste tédio de teus dias
Volvidos no infortunio;
Que importa, ó vate; vê pura e donosa
Surrir-se a tua estrella
No encantado horisonte do futuro:
Vive e sofre, que a dôr co'a vida passa,
Em quanto a gloria em seu fulgor perenne
No limiar do porvir teu nome aguarda
Para envia-lo as gerações vindouras.
E então mais bellos brilharão teus louros
Entraçados cô a palma do martirio;
Vive, ó poeta, e canta para a gloria.

Porem—respeito a essa dôr sublime—
Sêllo gravado pela mão divina
Sobre a fronte do genio.
Não forão para os risos destinados
Esses labios severos, d'onde emana
A lingoagem dos ceus em igneos versos;
Longe d'elle a van turba dos praseres,
Longe os do mundo passageiros gosos,
Breves flores de um dia, que se fanão
Da sorte ao menor sôpro.
Não foi o báfo ardente
Das insanas paixões, que os ledos risos
Nos labios lhe ha crestado;—ao longe passa
A tormenta da vida, mas não ousa
Turbar com seus rugidos
A paz d'essa alma angelica e serena,
Cujos tão castos ideaes affectos

Só pelos ceus adejão,
 Alentado somente da esperança
 Contempla resignado
 As sombras melancolicas, qu'enlutão
 O horisonte da vida, mais vê n'ellas
 Um crepusculo breve que antecede
 O formoso clarão da aurora eterna,
 Quando vem pois sua hora derradeira
 Saúda sem pavôr a muda campã
 E sobre o leito do eternal repouso
 Tranquillo se reclina.
 Oh não turbeis os seus celestes sonhos
 Deixai correr nas sombras do misterio
 Seus dias melancolicos.
 E' triste o seu destino
 Como o lusir de moribunda estrella
 Em céu caliginoso.
 E o anjo d'harmonia
 C'uma das mãos lhe entrega a lira d'ouro
 N'outra lhe estende o calix da amargura,
 Como que mudamente está disendo
 —Por este preço alcançarás a gloria.—

Bem como o incenso, que so verte arômas,
 Quando se queima, e ardendo-se evapora
 Assim do vate a mente
 Aquecida nas fragoas do infortunio,
 Na dôr bebendo audacia e força nova
 Mais pura ao ceo se arrouba, e accentos vibra
 De insolita harmonia.
 Sim—não turbeis os seus celestes sonhos
 Deixai, deixai sua alma izenta alar-se
 Sobre as azas do extase divino,
 Deixai-a, qu'adejando pelo empyreo
 Vã aquecer-se ao seio do infinito,
 E ao ceu roubar segredos de harmonia,
 Que echôem sonorosos
 Nas afinadas cordas de sua harpa.

Mas eil-a já quebrada—
 Eil-a sem voz suspensa sobre um tumulo
 Essa harpa mysteriosa, q'inda á pouco
 Nos embalava ao som queixoso e triste
 De carpidas endeixas, repassadas
 De amor e de saudade.
 Ninguem lhe ouvirá mais um sò harpejo
 Que a ferrea mão da morte
 Pousou sobre ella, e lho abafou p'ra sempre

A voz das aureas cordas.
 Mas, ó Dutra, em quanto lá no elysio
 Saciando tua alma nas enchentes
 Do amor e da belleza, entre os effluvios
 De perennais delicias,
 E unido ao côro dos celestes bardos,
 O fogo seu derramas
 Aos pés de Jehovah em gratos hymnos,
 A gloria tua, teos eternos cantos,
 Quebrando a mudez funebre das campas
 E as leis do frio olvido, no futuro
 Farão soar teu nome,
 Que irá traçando um sulco luminoso
 Atravez das idades

B. Silva Guimarães.

CHARADAS.

Prostituta e rainha—ao collo impuro,
 Já velha barregan, beijei nos seculos
 Faces guerreiras, coroadas fronte
 Ao monge as cans, ao libertino os labios

} 2

Por mim agoas azúes, em leito argenteo
 Do mundo ao velho pai, derramo ao seio

} 2

O ancião tremendo no bordão se arrima:
 Tiritá aos annos, como folha ao vento—
 Marinhas conchas traz em opa negra—
 Segue caminho com a fé de outr'ora.

Igual não queima o sol seo corpo imenso:
 E gigante inda moço; em verdes annos
 Em suas mãos juvenis sustenta um sceptro.

} 2

Mancha-lhe o pó subtil a face parda;
 Das varas ao bater lhe estalla o seio,
 E sempre muda! nem gemido ou lagrima!

} 2

Quizera te dizer quem é, não posso
 Fôra suspeito, se contasse o garbo,
 Os contornos gentis do talhe esbelto:
 Direi apenas—de Colombo os olhos,
 Quaes vistas d'aguia que revelão genio
 As tranças negras não puderão ver-lhe.

J. d'Almeida Pereira filho.

ENSAIOS LITTERARIOS

JORNAL ACADEMICO.

OS GUAICURU'S.

Noticia historica extrahida de uma viagem inedita á Provincia de Matto-Grosso, nos annos de 1844-1846, pelo Major d'Engenheiros Henrique de Beaurepaire Rohan.

Pelas margens do Paraguay, em territorio pertencente á provincia de Matto-Grosso, vivem os *Guaicurús*, nação indigena, que os Hespanhóes chamão *Abayás*, e a que nós outros damos tambem o nome de *Cavalleiros*, pelo seu constante habito de andarem sempre montados. Dividem-se em diversas tribus, que são alem, talvez de outras, de que não tenho conhecimento, a dos *Beakéos*, *Cadiuéos*, *Cutuguéos*, *Danikéos*, *Giuéos*, *Guatiadéos*, *Luléos* e *Pacaxudéos*. He cada uma dellas regida por um chefe hereditario com o titulo de *unione-eliód*, que costumamos traduzir por *capitão-grande*.

A crença religiosa desta gente se assemelha um tanto á dos Hebreus. Como elles, suppõe os *Guaicurús* serem o povo eleito do Senhor, como elles tem seus profetas (*Notuhe*) e seus sacerdotes (*Nidjene*), como elles enfim se dividem em tribus debaixo de uma lei commum. Deos, depois de ter creado todas as nações e repartido por ellas a terra, lembrou-se de crear o *Guaicurú*. Tal he o Adão e ao mesmo tempo o Abrahão da nação de que nos occupamos. Para accomodar mais essa raça, e não havendo territorio disponivel, concedeu-lhe o Senhor o direito de conquista, matando, aprisionando, captivando e roubando os demais povos. Na observancia desse preceito divino, são tão fieis os *Guaicurús*, quanto o forão os Israelitas na conquista de Canaan. Se esses indigenas, mais adiantados em civilisação, tivessem tido um legislador sagaz, que os fortificasse na crença vaidosa dos seus mythos, terião certamente representado no Brasil, antes da invasão européa, o mesmo papel que na Palestina tanta nomeada deu aos orgulhosos Hebreus.

Os *Guaicurús* forão em verdade o terror da nascente colonia de Cuyabá, durante quasi todo o decurso do seculo passado. Empregavam, para exterminar os invasores, já a força, já a perfidia, armas idênticas ás que lhe oppunha a população civilisada. Todavia, vierão por fim a reconhecer a vantagem de se ligarem aos Portuguezes, como

já aos Hespanhóes se havião ligado os temiveis Payaguás. A tribu dos Giuéos foi que tomou a iniciativa nestas disposições amigaveis. Seus chefes João Keima e Paulo, e mais 17 guerreiros deixando o seu alojamento nas margens do Paraguay, dirigirão-se a Villa-Bella, onde com a mais esplendida solemnidade os acolheo o capitão-general João d'Albuquerque de Mello Pereira e Cacêres. Teve isso lugar em 14 de julho de 1791. Em 1.º de Agosto seguinte, celebrou-se em palacio, em presença de numerosa assembléa, um tratado de paz e amizade, pelo qual se obrigarão os Guaicurús a viver em harmonia com os *Putchararas* (Portuguezes), e deixando em refens 2 *uniones* e mais 8 subditos, regressarão enfim para seus costumados alojamentos.

A tribu dos Giuéos foi sempre leal ao seu trato; outras a imitarão e vivem mançamente em Albuquerque e Miranda; mas os Cadiucéos, os Beakéos, os Danikéos &c., ainda se conservão errantes, e bem que, de quando em quando, se apresentem nos nossos povoados, todavia são sempre considerados como amigos suspeitos.

Pesa-me de me não ter demorado no Baixo-Paraguay o tempo necessário para me instruir na lingua guaicurú. Entretanto, pelo pouco que della soube, e muito mais por informações de peritos, he esse idioma notavelmente harmonioso, e se divide em dialecto masculino e feminino, pertencendo a cada sexo o uso privativo do que lhe é particular. Os guaicurús tem o cuidado de nunca lhe mesclarem palavras estrangeiras. He desta sorte que o cavallo, a espingarda, a pólvora, o dinheiro &c., são conhecidos por elles, não com os nomes corrompidos da lingua portugueza, mas com nomes que de proposito formárão.

Notei que a letra *l* domina muito nesta lingua, onde porem não se encontra a letra *f*, como tambem acontece ao guarany, ao charé, e quem sabe se a todas as linguas dos indigenas brasileiros, pelo menos, naquellas tribus de que tenho conhecimento pessoal, observei sempre a falta desta letra, do que me certificava facilmente obrigando os indigenas a repetirem as palavras *faca*, *falla*, *afan* e outras, que elles pronunciavão *paca*, *palla*, *apan*. O *j* he sempre precedido de um *d*, e o *x* ou *ch* de um *t*: *lahidja*, *nidjene*, *txuala*, *putxarara*, ou *tchuala*, *putcharára* &c. Não me estendo mais sobre este objecto, porque nada mais sei.

A nação guaicurú se divide em tres classes: os guaicurús legitimos (*unione*) que formão a classe nobre; os filhos dos escravos nascidos no captiveiro, e finalmente os escravos aprisionados. He bom fazer observar que a sorte destes escravos e prisioneiros entre os guaicurús é digna de inveja: seus senhores os tratão como filhos e os servem como se delles fossem escravos. O governo da tribu pertence sempre a um *unione*, que ao tomar as redeas da administração adopta logo o adjectivo *eliód* (grande). Se o fallecido *unione-eliód* não deixa filho, pertence o governo ao marido de sua filha. Neste caso reune-se a tribu e elege esse marido, tirado da classe dos *uniones*.

Era pratica antiga nesta nação sepultarem-se os defunctos com tudo quanto lhes pertencia, animaes, armas e até escravos; mas depois que um venerando Guaicurú, no seu leito de morte, pèdio isenção deste supplicio em favor de seus escravos, cessou completamente esse uso bárbaro.

Ha porem entre elles outro costume ainda mais cruel. Como os habitantes da ilha Formosa, no mar da China, praticão os Guaicurús o infanticidio com horrorosa insensibilidade. Suas sacerdotizas são encarregadas deste ministerio barbaro

D'onde resulta ser mui raro ver uma mulher com mais de um filho. Perguntei uma vez a uma dellas o porque praticavão essa accão tão contraria á natureza. Respondeu-me fleugmaticamente: *muitos filhos nos encomodão, basta-nos um.* Fazem por commodidade, o que em outras partes (grande Deos!) se faz por honra!

Os primeiros Guaicurús que vi forão os Guatiadéos, que habitão juntos da povoação de Albuquerque, á margem direita do Paraguay; e depois encontrei-me no forte de Nova Coimbra, doze leguas ao sul desta povoação, com os Cadiucéos, que ali se havião acampado. Tive mais tarde-ocasião de conhecer seu unione-eliod Etakedauara, homem de bella estatura e de insinuante phisionomia. Veio visitar-me a testa de sua cõrte, que se compunha de uma duzia de sujeitos. Sua mulher Niloânate, seguia-o de perto, igualmente acompanhada de suas creadas. Um sacerdote e um profeta fazião parte desta comitiva. A todos acolhi de maneira a captar-lhes a confiança; mas o profeta mereceu-me, como se deve suppor, a mais delicada attenção.

Os Cadiucéos se achavão refugiados nas proximidades de Nova Coimbra, em consequencia de uma luta recente entre elles e os Enêmas, que habitão o Chaco. Eis o facto: os Beakéos, a testa do seu chefe Kamínigo, havião marchado á conquista dos Cayuás, que habitão pelas cabeceiras do Iगतemy. Durante a sua ausencia, derão os Enêmas sobre o seu arranchamento, e lhes roubarão as mulheres e crianças; os Beakéos no seu regresso, não encontrarão senão os velhos e as ossadas de seus companheiros. Nesta triste conjunctura, dirigirão-se aos Cadiucéos, a lhes pedirem mulheres, e excital-os á vingança, no que forão ouvidos. No seu primeiro encontro com o inimigo, tiveram a vantagem; mas os Enêmas, mais numerosos e mui destros no manejo das armas, os repelirão valorosamente, e os obrigarão a procurar a nossa protecção.

Por morte de Etakedauana recahe o governo da tribu nas mãos de Naelêquêtê, que é, propriamente fallando, o legitimo soberano, e a quem se não devolveu immediatamente o poder, por ter ficado em menor idade, quando lhe morreu o pai, o infeliz Tenimáguêtê, que o execrando Francia mandára desapiudadamente fuzilar, depois de o ter aleivosamente attrahido ao forte Olympo, com a promessa que lhe derão seus agentes, de respeitarem seus direitos. E tendo desgraçadamente, e em boa fé, servido de intermediario neste ajuste um Brasileiro de Cuyabá, os Cadiucéos attribuirão-lhe essa traição, e pouco depois, em 1826, tomarão sobre nós solemne vingança, matando toda a tripulação de uma canôa nossa, que se dirigia ao forte Olympo.

Na serie das atrocidades commettidas em toda a America, depois da descoberta, não são certamente os selvagens os que mais se tem distinguido. Esses que se intitulão civilizados, e que o são realmente quanto ao seu adiantamento nas sciencias e nas artes, tem por outro

lado, em suas numerosas conquistas, ostentado um espirito de destruição, que não está certamente em relação com a moral pacifica do Christianismo.

LITTERATURA.

ALFREDO DE MUSSET—JACQUES ROLLA.

2.º Artigo.

III. — MARION.

Marion, a mulher da ultima noute de Rolla, não a imagineis a Messalina impudica—os labios salpicados do rir altivo da corteza: não é a forma da Romana morena, palpitante nas saturnaes de Horacio o poeta, torcendo-se nas suas ancias—na pallidez de morte que desmaia o goso—com seus cabellos desatados, seus olhos em fogo, e os seios nús, convulsa como os agonisantes do Christianismo a cujo nutar de agonia, ella tripudiara na febre dos applausos e da pocema tigrina da plebe. Não cerreis tambem os olhos, como ante a visão asquerosa e anáthema dos escarneos de George Crabbe, do Minotauro de Barbier, e dos passeios em Londres de Flora Tristan. Musset não a vio, como porventura em alguma noite hibernal, o andador nocturno :

Das ruas ao lampião, curvada á sombra,
 Livida como a luz da baça flamma,
 Na cadav'rosa tez da infamia o sello,
 Manchada e velha a tunica ja rota,
 E, nú ao frio, o seio amarelento,
 —Um forçado sorrir nos labios seccos—
 Do infame lupanar no sólho infame—
 Desgrenhada mulher, com pés no lodo:
 A torpe barregan que as noites vende...

.

Não : a alma do poeta é como o sol, — nem ha fisga de tumulto, ou grade negra de calabouço onde não corra a luz n'uma restia, uma esperanza no oiro dessa luz.—Essa moça, despio-a o poeta do roupão infame—banhou-lhe a cabeça de perfumes, accendeo-lhe as faces de rosas, abrio-lhe os labios n'um sorrir infantil, como uma magnolia ao luar; acordou-lhe a medo um daquelles halitos, mornos como os sonhos de que falla Hoffmann o Allemão— « que são como a escuma das agoas, e passão e se esvaecem como ella » E' uma capella de noiva desfolhada em noite amaldiçoada na enxerga do vicio—pobre creatura em cujos olhos diaphanos Klopstock entrevira Eloah, e que o amor de Satan, estendeu em calafrio tremuloso no espoojadouro da mancebia mais negra

Em peregrina estatua, ou chão de neve,
 Do cortinado os véos ondêa a lampada
 Esse azul que desmaia e treme as sombras?
 Mas desaira o pallor a fronte ao marmor:
 A neve é menos branca—á flor dos sonhos
 E' infante que dorme. Em labio aberto
 Resomna a furto languido suspiro,
 Mais frouxo o respirar, que o d'algas verdes,
 Quando á tarde no mar o vento errante,
 Pender sentido os perfumados vôos,
 Ao beijo em fogo das amantes flores,
 Bebe nos braços nús, á junca as pérolas!

E' criança que dorme em véos macios
 De quinze annos de infante—quasi moça!
 Inda em fresco botão é rosa abrindo!
 O loiro Cherubim que alma lhe vela
 Hesita em crêl-a irmã, e amante crêl-a:
 Longo, á solta, o cabello a cobre inteira:
 A cruz do seu collar nas mãos lhe pouza—
 Como pelo trahir que orou a infante
 E hade rezar ao de manhã erguer-se!
 Dorme! olhai-a! que fronte erguida e branca!
 Sempre, qual puro leite em onda limpida,
 Sobre a lindeza o céo pudôr chovera!
 No seio a nivea mão, dormida núa,
 Ai! que bella que a noite fal-a ainda!
 Que molles claridões a ondar-lhe entorno!
 Qual se, máo grado—espírito da noite
 Lhe sentia a maciez das fórmias te,ras
 Sob o manto brunal, estremecer-lhe!

Calados passos no sacrario—ao monge,
 Menos sanctos pavores sobresaltão
 Virgem que o leve som de teus suspiros!
 Vêde ess'alcova! de laranja as flores
 Livros, o bastidor, o buxo bento,
 Pendido em lagrimas, na cruz antiga—
 De Margarida a roca, em paraiso
 Tam chásto e melancholico—ah! que visos
 Não indagão ahí? Somno de infancia,
 Que puro que tu és! Céo a belleza
 Deffesa te não deu? E amor da virgem
 Piedade não é como o do empyreo,
 Que a roçar-lhe ao sopé, no ar que espira.
 Sente-se o agitar de argenteas azas
 A anjo cioso que lhe vela os sonhos?

Para romancear os matizes do poetar orvalhoso de Musset forão de mister magias daquelles versos da *Sésta* de Garrett. O mimo da pintura de Marion adormecida e núa, o colorido daquellas tintas vaporosas, como as ennevôa a melodia de Moore e Samuel Rogers, como as scismára Jocelyn á vista de Laurence, naquelle desmaio, que nos contornos mentidos do menino louro revellou-lhe os esmeros da virgem;—tudo aquillo ao sombreado azulado dos véos do leito—certo que é o desvélo da imaginação a mais suave: é a nudez setinosa de uma fórmula infantil que se branquêa no vago das cores das Madonas Romanas.

O verso trina-lhe argentino e melodioso: fora-nos delirio crer espelhál-o no opáco de uma traducção nossa. O mais que póde fazer o traductor, é dar inteiro o metal: o artistico do florilegio, o suavissimo dos arabescos, o iriante das trasflores de Cellini, fundem-se disformão-se, no cadinho ingrato. Na poesia, como na prosa de Lamartine e V. Hugo, de Mendes Leal e Alexandre Herculano, o rythmo emballa, o som é uma sensação que inebria, como os sonhos das noites vaporentas, nos devaneios do poeta. Ha hi ás vezes uma palavra suave, que evoca por si uma illusão como o condão do Manfred—no iris das torrentes dos Alpes—a Fada das montanhas, em todo seu deslumbre e belleza de espirito. Parece que ao deslizar fluente de um verso, ao cahir de uma cesura, o sentir se assemelha ao inánido escorrer de arroio limpido em leito de nenuphars curvos, ou o tombar das gottas de chuva, de um salgueiro desgrenhado, na face azul da lagôa. E' essa uma doçura que só tem comparação com tudo que ha mais vaporoso, mais frouxo, em um suspiro por labios de mulher bella, em um perfume por cabellos humidos.

Ha quem não conceba a harmonia do som; quem adormecera ás melodias languidas de Bellini; quem descrera do sussurro das virações do crepusculo naquelle mar de ondas doiradas, que se chama o alaude do poeta; para quem a *musica espirando das faces* da Noiva de Abydos, e as phrases peregrinas e aerias do Raphael de Lamartine, a mollidão do Soneto, em seu emballar nas nevoas macias da rhyma, é objecto de um riso estúpido. Pobre gente! « não tem musica na alma » como Byron o dice—não comprehendem essa intimidade da musica e da pintura, de que falla M.^{me} de Stael—e achão absurdo para traduzir o incerto do sentimento, ou o vago das fórmulas, buscar o fluctuar vaporoso das expressões! E' lastima—que até Gustavo Planche, satyrisse as Orientaes do poeta das Folhas do Outomno, pelo seu titulo mais bello—o culto dos sons.

E com tudo é assim: mas que importa? A brisa balancêa em seu véo de aromas, as trepadeiras da selva: a lagôa deserta arqueja ás noites de lua seu collo de topazio—moreno como, o da Americana do ermo—sob as tranças boiantes de verdura e flores... O Indio a perpassa com o cervo sangrento e quente ainda no hombro; um dia talvez ahi esticou á sombra a pelle mosqueada do tigre—pendurou por algum luar sem nuvens entre chuva de flores cheirosas, o berço do filho. E passa entre tamanho luxo

de bálsamos e viçar—que nem o sente... Mas um dia, quando porventura a sombra de um René estrangeiro ahí vier, talvez lhe durmão as saudades das suas nevoas de alem-mar; talvez alembre sob este céu mais ardente e bello, as ondas do Meschacebe, o ambar das flores selvagens da America do Norte, e aquella alvura de Atalá adormecida, na jangada que desliza pelas agoas tranquillias, como um cysne morto, pelos rios do Norte. O homem das florestas preferira o cepo de mato, de ouro massiço, a faca brunida cravejada de diamantes brutos—aos enredos subtís e florescentes de perolas e rendas aerias das taças do Florentino, a joia de esmero, pelo qual Diana de Poitiers trocára seu beijo mais tremulo, e Francisco 1.º o diamante mais puro de seu diadema.

O rhytmo, releve-se-nos a digressão:—é o tom fugitivo do bandomolim da Grenadina; a resonancia melancolica do *guzla* do Klephta montanhez; o escorrer dos borrifos da chuva da noite pela melena lustrosa dos coqueiros, onde o sol nascente iria mil cores; o fluctuoso dos rios das nossas varzeas, com suas ilhas de verdura, suas garças brancas debruçadas no espelho das agoas, suas largas flores aquáticas abrindo os seios de setim. E, quando o cicciar do som peregrino vai de mistura com a escarlata de uns labios, passa-lhe á onda como que um tremôr voluptuoso de roupagens de donzella, e como o cabir na molle purpura de flores esfolhadas, a nuez lasciva da Diana, qual a sonhou o paganismo—inda orvalhosa das bagas de aljôfar das ôndas do lago...

E agora, ainda algumas linhas—sobre o estylo do poema e em geral sobre o do poeta. Em balde o dito do captivo de *Santa Helena*, que o estylo não é o homem, e que o autor de Paulo e Virginia fôra um homem de character indigno—embalde: cremos no apophtegma de Buffon, e quando quizermos estudar um poeta, ir-lhe-bemos ao estylo.

Ahi é que sobretudo ressumbra no autor dos Contos d'Hespanha e Italia, a poesia Byronica. E' aquella força de dicção, livre e chan, sem cabir no ridiculo pelo uso do exprimir popular; que nelle se embebe de mais têmpera, e mais viva palpita no deslize—do canto de amor á satyra odienta—da gloria do epinicio ao escarneo e á chança—do rir ébrio ás lagrimas. Quanto ao metro, elle soube conter no alexandrino o espirito lavôso do hendecasyllabo do *Don Juan*; abraçar o fervor do *Childe* com a harmonia da escola de Lamartine: e nisso vem a pello recordar que foi-lhe maior fortuna em amoldar-se á fórma de expressão Inglesa, do que fôra ao poeta das Meditações, que no seu ultimo canto do peregrinar de Childe Harold, não soube attingir nenhum daquelles rasgos da poesia do Lord; e só mostrou o que ia de mar longo entre a imaginação feminil e suave do amante de Graziella—aquella cabeça mimosa e feminil de cabellos castanhos, que sonhava Laurence—e a fronte olympica, pállida de febre e insomnia, e amorenada pelos mormagos do Mediterraneo—que sonhava Lara e Werner, Gulnare e Zuleika.

Quanto áquelle transbordar de um verso em outro, o truncar do sentido pela queda do metro—áquillo emfim que os Francezes cha-

mão *enjambement*—é elle de muito uso no poetar de Musset. Todos ahi o sabem, Sainte Beuve julga essa practica um dos mais bellos ademans da poesia romantica, desde André Chenier: parece que ella revela muita riqueza de idéas, e que esse tresvasar denota a amphora cheia de licôr—a plethora do sangue nas arterias. Em nossa litteratura antiga, quando ella se alusiava de brilhantismo em Camões e Ferreira, vemos-lhe o abundar: á medida porem que se dissipava a poesia original—a poesia pessoal, como a chama o Snr. Magnin, e que Jouffroy quer por unica e verdadeira—quando a imitação latina escorregou gelida como uma serpente no lyrismo degenerado, então a modo que á proporção decrescente de poesia e idéas, o verso se entumescia em seu vacuo, como um somnolento que se espreguiça. Fez-se inutil aquelle transbordamento que assemelha os versos do 2.º e 3.º canto de Don Juan a um molde estatuario, cujo metal doirado tressua. Com tudo classificariamos o abuso desse atavio nas regras limitadoras do *quidlibet audendi* Horaciano. Quando a liberdade poetica bastardêa em licença e desregramento, somos daquelles que a reprovão, e preferem Byron por mais perfeito em algumas paginas do Childe que n'outras de Don Juan, Beppo e da Visão do Juizo; que o saboreão mais nas estancias Spencerianas do seu heróe peregrino, do que na soltura e corte dos versos, e ás vezes strophes cuja ligação se íntima e solda tanto com as immediatas que nem ha sentir a cadencia do metro, o quêbro das cesuras, o echo das rhymas, e a separação das estancias. Por isso em Musset preferimos seu poetar de Rolla, onde menos abunda isso, ao desalinho de Mardoche—e, ainda a esse ultimo, as sextilhas, não tantas vezes truncadas, de Namouna.

Quanto á linguagem, dissemol-o, ageita-se á feição do seu modelo: Rolla amanta-se como o Cavalleiro do mar. Não se enubla nas melodias confusas da eschola Franceza, reflexo macio das harmonias do *Lakismo* de Wordsworth—bellos, mas a quem se podera applicar as palavras da rainha Agandeca de Georges Sand, ao pálido Aldo o bardo—«poeta és bello como a lua á meia noite, e monotono como ella.» Nem tambem offusca na sobejidão de brilho, como o pompear das *Orientaes*; ou na riqueza luxuriosa de imagens como o poema—porventura de mais imaginação que tenhamos lido—o *Ahasvero* de Quinet. Evitou tambem um grande deffeito do seculo—o archaismo. Certo que é lei o fluxo e refluxo das linguas, e que—na expressão de Victor Hugo—quando ellas se fixão, morrem; e que o poeta deve remoçar as velhas expressões de outr'ora, e enriquecer a litteratura contemporanea com os thesouros do passado—avival-a com aquillo que Sainte Beuve chama—um perfume de antiguidade. Entre nós, por exemplo, que tão opulento havemos o idioma patrio, são irrecusaveis meritos aquelles que retemperão as idéas de hoje, no fogo das expressões dos mestres da lingua: por isso os escriptos dos Srs. Alexandre Herculano e Garret, A. F. de Castilho e Mendes Leal—quando esses dous ultimos não resvallão nos trocadilhos do seicentismo—além de seu quilate litterario, tem esse valor. Mas desde que o excesso vem, teremos de repugnall-o, e nos lamentar do sacrificio das idéas, e da poesia, a um lavor pelo exprimir—bello sim, mas morto—da lingua antiga: desse abandono da laurea de bardo pela gloria de antiquario,

pela imitação dos poemas de Chatterton, e da seita erudita de W. Scott. E' isso desconhecer a missão de aperfeiçoamento da lingua. A combinação dos elementos da dicção moderna com os da envelhecida, pode ser um progresso: a imitação servil do estylo dos primeiros seculos é um regresso. Portanto só como exercicios eruditos de antiquaria poderemos olhar o estylo das *Memorias* de P. L. Courier, das *Cem Novellas* de Balzac das poesias da pseudo-Clotilde de Surville; e em nossa litteratura, o do *Rausso por homizio* do Sr. Rebello da Silva—talvez o do *D. Sebastião o Encuberto* do Sr. Abranches—o de alguns soláos do Sr. Serpa Pimentel e A. P. da Cunha, e o das *Sextilhas de Fr. Antão* do nosso mais mavioso poeta Brasileiro. o Sr. A. G. Dias.

M. A. Alvares de Azevedo.

(*Continúa.*)

FOLHAS DE MINHA CARTEIRA.

FATALIDADE.

E o banquete corria fogoso na ebriedade dos praseres!—lauta era a meza, esplendido o salão, fulgurantes as luzes!...

Por entre o vapor do insenso, que se torcia nos ares, o cheiro suavissimo das iguarias,—por entre o estalar faminto dos beijos—o esmalte espumoso dos vinhos,—por entre o tinir ruidoso dos cópos, o ranger mansinho da sêda molestada,—por entre faces emmurchecidas pelo vicio, o reflexo cambiante de candelabros a cento: tudo era bello... bello como o festim antigo dos romanos—com suas dansas doricas, suas mulheres de braços torneados, de seios nús e a obscenidade nos labios!

E tambem erão lindas essas mulheres que por ahi vagavam—loucas e perdidas no doudejar da valça, cujos vortices a imbriguez estreitava; e tambem o erão com suas ondas de cabellos desfraldadas sobre espaduas de alabastro e arquejando de cansaço!

Pobres anjos—vi-lhes as azas candidas rotas pela poeira da terra e a tunica virginal de outr'ora espedaçada pelos espinhos da infamia!...

Os poetas as baptisariam; quanto a mim—pouco importa: furias ou fadas, virgens ou demonios, filhas de Deus ou do inferno—o certo é que erão bellas... bellas a mais não ser.

Zeuxis teria sonhado com ellas, e Leonardo de Vinci deslembraria a sua Magdalena

E que importa o dantesco da vida, o sombrio da côr, e o tenebroso do pensamento? A ironia nos labios da infancia espanta. mas dá que pensar; depois quem não ama céu azul com suas procellas turbulentas e o oceano asserenado com seus abysmos profundos?

E' o bem e o mal, é o destino da creatura, é a vida...

Demais a mulher é sempre mulher, respeitamol-a mesmo em sua queda: a lagrima da compaixão é a esmola da deshonra.

E o que seria o mundo sem ellas? Quem seria Camões sem Natércia, Urbino sem a Fornarina, e Byron sem a sua Carlota e as mulheres que amou para descrever? A vida do artista é toda do sentimento e da imaginação; não é isto dizer que a arte é da terra, não; seu fim ultimo é o bello ideal, é o infinito, é o absoluto; sem nunca identificar-se com elle caminha sempre, como um raio de leve para o seio de Deus; arrancae-lhe porem o coração e deixae-lhe a cabeça—e elle morrerá, porque as flores necessitam do sol para nascer, mas não vivem sem orvalho.

Os grandes genios representam a humanidade no genero e a individualidade na especie; em si elles se alimentam de qualquer amor ou seja a gloria ou a patria ou a mulher; nos outros é pela fecundez do pensamento, pela concepção vasta, e pela presciencia inexplicavel de seu destino. Sua phisionomia particular ressentese das pequenezas do homem e do providencialismo das ideias. Voltaire foi o representante de um seculo e tinha as excentricidades de um louco; Napoleão foi o poeta da guerra e o philosopho do fatalismo.

II.

—A escacez do oleo amortecêrá a luz brilhante dos candelabros, um clarão frouxo se espriava pelo pavimento e batia em cheio sobre alvos corpos tombados pelo pêso da embriaguez.

—Alto ia o carro da noite. Somente a revezes vinham suspiros tepidos misturar-se á mudez das trevas,—e o murmurio somnolento dos que jaziam de palpebras chumbadas ressoava surdo entre o bocêjo dos ebrios.

—Entorno da opipara meza só tinham ficado tres vultos—pallidos—immoveis—de pé sobre estas ruinas da devassidão, porem solemnes como deveram ser os restos de Palmira ou algum capitel numida, derrocado pela mão rugosa do tempo.

—O primeiro era poeta. Os rochedos a pique, como gigantes sombrios; as vagas alteadas, como uma floresta de lanças; os abysmos do mar secretos, como o seio da Providencia,—erão o seu amor. Elle amaria uma mulher perto dos cidroeiros da Asia, constricto, como se a visse n'um templo christão. Erão amores singelos, como os das ballatas do nôrte, tinham o perfume do nardo e a pureza do aloes. Sua lyra afinava-se pelas aragens da tarde, pelas estrellas da noite e pelo rumorejar das selvas.

—O segundo era musico, adorava na rebeca a alma de Paganini. Na media idade teria sido um soberbo cavalleiro no valor, morreria por sua dama; porem suas paixões, posto que energicas e vehementes, erão sensuaes. Queria uma mulher, como a Calderona na belleza, como a Lucrecia Borgia na maldade, como a Delia de Tibullo no carinho e de um amor tão exaltado como a Sapho. Amava alem disto o ruido dos banquetes e o sabor dos manjares: para elle os Stoicos erão loucos e Aristippo o unico homem sensato do mundo.

—O terceiro era esculptor. Tinha sinzelado muito guerreiro,

tinha dado vida á muito morto, tinha sonhado muita grandeza. Seos desejos erão o accordar leonino do pesadelo murtuario do povo, as commoções estupendas, o chamejar das crateras revolucionarias. Se queria riquezas de Sardanapalo, era para tumultuar a terra; se os jardins suspensos de Babilonia era para de lá contemplar o mundo a seos pés.

—Carlos Magno recebendo a sagração, Cesar atravessando o Rubicon, Alexandre vencedor no Granico—erão estatuas colossaes que lhe enxameavam a mente de ideias. O estrepito do odio, o alarido da inveja, a grita da calumnia, os freneticos applausos da multidão—e todo esse concerto desharmonico que chamaram gloria, elle o queria nos movimentos tumultuarios, nas praças publicas, ou trovejando na tribuna.

—Todos tres erão grandes, mas cada um buscava diverso caminho e queria diadema differente.

—Eis o que elles foram: o que erão porem agora, com seos cabellos brancos, seos rostos surcados, e suas faces engelhadas pelo tempo?

Escutemos....

III.

Sodoma e Gomorrha desapareceram em uma chuva de fogo... oh quem sabe se a sinza resfriada das prostitutas maldictas lhes remoçaria a alma enferma e ja gasta? Quem sabe se vinham buscar a sombra dos bordéis o somno terreno do repousar eterno? Quem sabe se no cobrejar do rio caudal da vida não os alentava aquella, que os tinha trasido ao collo. e amamentado com seo leite procreador, a imaginação?

Loucos—não se lembram que as paixões violentas são como os filhos do pelicano, necessitão do sangue de sua mãe: não se lembram que Fernandes de Mello tinha morrido por um beijo de mulher, que o poeta Gilbert expirou na enxerga da miseria, e que os traidores de Bonaparte foram os vermes a quem dêo asas para voar ao Céu! não se lembraram que a arte é como a Phedra: paga com a morte as crenças no amor, porem o seo é como o de Deos á resumir o Céu com seos mysterios sublimes, a terra com seos recantos impenetraveis e os mares com seos rugidos harmoniosos!.....

—Para doirar as desgraças da vida um beijo servido de mulher, para escarnecer dos homens um cópo de vinho, para punil-os um punhal de bandido.

—Mentes, disse o musico com os labios convulsivos e a testa confrangida; a saciedade de um dia mata a sêde ardente e mortifera de um seculo! que ha por esse mundo que não gosasse! A noite beijei os labios devorantes da Andaluza, que voluptuosa reespondia sua mantilha negra com o feitiço da serpente; sentei-me sob a cópa frondosa dos castanheiros selvagens a balançar a frente de marfim das Gregas, que expiravão arroubadas n'um deliquio de amor; vi ao primeiro alvor da manhã aereas nymphas

pendidas airosamente das sumidades de Alhambra e senti-lhes o arfar assodado do peito junto ao meo offegante; as palmeiras de Cadix, as lorangeiras de Murcia, os Manzanares de Madrid, as tamaras da Arabia, e a fulva arêa do Tejo —sabem-me os segredos da alma.

Depois veio o enfadonho anear do peito, a sequidão fastidiosa da dor, o desespero; corri como o cavallo de Mazeppa, mas cancei antes d'elle. Hoje que peno ao desamparo, só poderei reussitar ao arruido das torrentes revolucionarias em seo despeinho, quando o estrepido da guerra acorda o brio das nações.

Um sorriso de desden passou pela boca do esculptor, fechou os punhos e bateu com elles sobre a mesa:

— Cala-te, disse, a ingratição é a virtude das massas e quando os pensadores a contemplão em seu continuo revolver, como as arêas do deserto larguissimo ou como as ondas do mar indomavel, invocão o providencialismo da historia! — Miseraveis! . . .

Houve um momento de silencio; como o carvalho que estremece o cabeça ao passar dos furacões, esse homem tremeu; os dentes baterão-lhe com raiva uns contra os outros e depois continuou:

— Tu bem sabes o que eu fui; tive uma alma generosa, um coração a trasbordar de seiva; o entusiasmo transparecia-me no rosto e o suor, que me transudava dos póros, era o do anhelar das vigílias da ambição. Odiei a tyrannia, tive lagrimas sangrentas para a Irlanda crucificada; chorei a Grecia quando entregue aos Turcos, o leão de S. Marcos encadeado, Napoles dormida no servilismo, a Hespanha affogada em sangue irmão, e a Polonia prostituida ás caricias infectas do Moscovita, aos abraços Austriacos e deitada na tarimba innundada do soldado Prusso; communguei na crença dos martyres da epocha, os espinhos de sua corôa pungirão-me as entranhas, padeceria por elles a morte de Christo, mas cerremos o véo do passado. Amigo—sabes o verdadeiro gozo? E' o sol batendo de chapa nas veigas floridas, é o canto das aves entre sanéfas de verdura, é o colear das aguas limpidas pelos campos virentes, são as lapas marinhas a conversarem com as ondas esfareladas, é tudo que Deus creou e conserva ainda o cunho potente de sua mão.

Aqui o despeito soçobrou o poeta e depois, descerrando os labios perguntou com voz compassada:

— E o que diria aquelle a quem as estrellas negaram sua luz, as campinas a verde côr de sua relva, as correntes seu murmurar sonoro e as sublimidades da criação seus arcanos magicos? E o que diria eu que, preferindo amar as mulheres, como anjos suspensos á face da lua, quando paira desmaiada e sem luz, quebrei as azas, esperdicei as crenças, ralei saudades? Agora quero o fumo da Turquia, o sorriso das mulheres da Italia, os nevoeiros mephiticos da Inglaterra no meio das orgias.

Houve um momento de silencio; as frontes destes tres homens descairão, os braços penderão-lhes ao lado do corpo: depois um d'elles erguendo a cabeça, sacudio-a com desalento pronunciado, e disse:

— Onde encontrar a felicidade?

— Em nada, respondeu o outro.

—Sim, murmurou o terceiro; no céo não existe, porque é um mysterio para as intelligencias finitas; na terra porque suas bellezas não se pintão; no mundo, porque tudo é falsidade e mentira.

Um gemido subitaneo os acordou; um ebrio sonhava, misturando o riso as lagrimas.

Tres vozes unisonas se junctaram bradando :

— Ella existe na campa.

— Muito bem, disse um d'elles, um copo de vinho . . . um pouco de arsenico . . . o somno dos mortos

Ouvio-se depois um tinir ruidoso de cristaes e tres copos se impinaram festivos; passado pouco tempo retumbava nõ soalho o baque de tres corpos. O sudario tinha substituido á taça do festim, a morte dormia ao pé da vida—e não era um sonho!!!

IV.

O destino dos genios não se realisa na terra ou não erão elles genios? Não, era chegado ainda o tempo de sua apparição? Não representavão a idéa predominante de sua epocha, morreram por isso antes de amadurecer?—Não sei.

No entanto o poeta teria escripto na fachada do edificio em que morreu—o Céo.

O esculptor teria gravado—a terra.

O musico cortara em pedra—o mundo.

Quanto a mim lembrar-me-hia do fatalista e diria com elle—faldade!

Andrada e Silva.

O GENIO DAS RUINAS.

C'est le reveil du Dieu vengeur.
VICTOR HUGO.

I.

Os ventos rugindo revolvem os mares,
Os raios cruzados as terras assombram,
A luz dos relampos fulgura tremenda,
E horrendos fragores nos ares ribombam.

Quem hé esse vulto que além se levanta
Co'a fronte altaneira roçando no Ceo?
Seus braços se estendem do occaso ao nascente.
Seu corpo disforme negreja n'hum véo.

Nos olhos ardentes as chammas scintillam,
 Seu rosto sangrento simelha hum volcão,
 Seus negros cabellos são vasta floresta,
 Aonde as tormentas rebramem em vão.

E elle se eleva—medonho—terrivel
 Co'os pés escondidos no fundo do mar,
 E a enorme cabeça—guerreiro dos tempos
 Occulta em coriscos—erguida no ar.

Quem és ó gigante?—phantasma do mundo?
 Espectro perdido de antigas nações?
 Ou larva maldita de hum rei sem corôa
 Do carcere eterno partiste os grilhões?

Eu sei que és potente:—no mundo invisivel
 Aos pés se te quebram os sceptros dos reis;
 Qué importam os homens—se vives no espaço
 Como elle infinito—de Deus sob as leis?

Estreitas o globo nos braços de bronze,
 Feroz despedaças da terra as nações,
 No solio te assentas de restos perdidos
 Firmado nos craneos de mil gerações.

Que horrendo expectaculo! que vejo? que escuto?
 Os reinos e imperios prostrados no chão,
 Cahidos por terra qual messe doirada
 Ao sopro indomado do rijo tufão!

Palacios soberbos—columnas de marmor
 A fronte inclinaram—repoisam sem vida,
 E os templos e as obras dos homens altivos
 Em triste silencio na dura jazida!

Cidades famosas no pó confundidas
 Lá dormem sepultas sem mais accordar,
 Quaes rochas immensas lançadas de chofre
 Das grimpas das serras no fundo do mar.

Babel e Ninive—Palmyra formosa,
E Thebas a egypcia de portas cingida,
Ecbatana—Tyro a rainha dos mares,
Persepolis—Sydom—Athenas subida;

He tudo já morto!—Gomorrhá e Sodoma
Nas agoas se afundam á voz do trovão,
Pompeia—Herculanum se cobrem de lavas,
Esbroom-se os muros da antiga Sião.

E sempre orgulhoso—de braço estendido
O mundo espedaças debaixo dos pés,
Quem não se curvára a teu jugo de ferro,
Quem não o temera—tão forte como és?

E elle se eleva medonho—terrivel
Co'os pés escondidos no fundo do mar,
E a enorme cabeça—guerreiro dos tempos
Occulta em coriscos—erguida no ar.

Então temeroso nas asas dos ventos
Ouvi revoando horroroso trovão,
E pallido—immovel—de medo tomado
Rogei-me tremendo co'a face no chão.

E o filho da morte de sobre os abysmos
Com riso satânico e o mundo calcando
Soltou estas voses que apóz longo tempo
Se ouviram no espaço terriveis soando.

II.

Sou o arbitro da terra
Mais ufano que hum rei,
Ninguem me iguala no mundo,
Só de Deus recebo a lei;
Sua espada de vingança
Sou eu que a tenho—e só eu!
Quando me apraz me levanto
Nas negras asas da morte

Vibra então meu braço forte
 Todo o castigo do céo.

Tenho a meus pés o universo
 Com grilhões encadeado,
 Destroço os grandes imperios
 Com meu alto—horrendo brado;
 Extinguo povos inteiros,
 Agito os mares e a terra,
 Lanço entre os homens a peste,
 Ou troco em sangue o repouso,
 E o faço jorrar gostoso
 No rubro campo da guerra.

Governei a immensidade,
 De todo o cahos fui rei,
 Nos confusos elementos
 Meu throno immenso assentei;
 Ergui meu braço valente,
 Fui ministro do Senhor,
 Mas no dia de suas iras
 Dos orbes todos o dono
 Precipitou-me do throno
 Como o cedro do Thabor.

Ah! tremam, tremam os mundos
 Se do somno despertar,
 Se as minhas vistas—meu bafo
 Sobre as terras eu lançar!
 Tremam os reis—os malvados!
 Seus imperios serão pó;
 E eu no espaço omnipotente
 Heide viver soberano,
 Do cahos senhor—tiranno
 Mandar qual Deos—reinar só!

III.

Bramiram os mares;—os roucos ribombos
 Nas fundas cavernas tremendo gemeram:
 E as ultimas vozes do negro gigante
 No immenso dos ares de todo morreram.

J. Ramos Coelho.

HISTORIA DOS PAULISTAS. (*)

(Fragmento.)

1628.

A sociedade Paulistana, como em geral a Brasileira, estava dividida em duas grandes classes—a dominante, e a dominada. A classe dominante era oriunda da emigração luso-hespanhola; a dominada era composta de individuos pertencentes ás raças—ethiopica, e americana; erão, porem, os elementos lusitano, e americano, os que com mais copioso contingente havião contribuido para a população; os *mamelucos*, algumas vezes escravos de seus pais, e de seus irmãos, outras vezes senhores d'elles, constituirão uma classe intermediaria, e como que erão o élo, que prendia a sociedade superior á inferior.

A primeira emigração europea, que se implantou no solo paulistano, constava quasi exclusivamente de Portuguezes, pertencentes á todas as classes sociaes, desde o fidalgo, conviva do Rei, soberbo e fastoso até o plebeo, humilde artifice, rustico lavrador, ou operario indigente, e até desde 1603 as Ordenações d'El-Rei D. Filippe 1.º (de Portugal) havião designado o Brasil como terra de degredo, e contribuido para a sua colonisação com um elemento ominoso—a classe dos criminosos, desterrados da metropole. Quando todos os Reinos da Peninsula Iberica forão reunidos sob um só sceptro—o sceptro poderoso, e inexoravel do filho de Carlos 5.º, o Imperador, cahirão as barreiras que separavão as nações Portugueza e Hespanhola, e suas respectivas colonias, e então attrahidos pela salubridade e amenidade de clima, pela variada e inexgotavel riqueza do solo, muitos Hespanhóes transmigrarão para esta Provincia, e alguns vierão a tornar-se os troncos de illustres familias; tão rapida cresceo a importancia d'este elemento da população, que já, passados poucos annos, se lhe attribue um principal papel n'essa famosa tentativa de rebelião, a que anda ligado o nome de Amador Bueno, o engeitador da realza.

Nos seculos passados a ociosidade foi sempre o privilegio dos Nobres; e esse direito de ociosidade torna-se sempre mais forte, mais intransigivel nas sociedades, que se fundão na escravidão; os serviços pois dos nobres colonos quasi que não concorrião á immensa procura de trabalho, provocada ávida e ardentemente pelas varias industrias deste paiz novo. Os braços dos mesmos colonos plebeus tambem quasi que erão perdidos para esse trabalho, não só porque difficilmente se adaptavão aos penosos serviços exigidos por alguns ramos da agricultura colonial, como porque na America em geral, o Europeo, tinha uma tenden-

(*) Extrahi da—Historia dos Paulistas— (M. S.), pelo Sr. Dr. Ribas o fragmento, que ahí publicamos: o nome do author é o seu maior elogio—e os que lerem poderão apreciar o criterio do historiador e a illustração do litterato.

cia quasi irresistivel a aristocratisar-se, e de facto fazia parte d'essa aristocracia a mais... *aristocratica*—a dos senhores sobre os escravos.

Para o illimitado trabalho, de que carecia esta sociedade começante, onde tudo estava por fazer-se, e onde por toda a parte a natureza desenthesourava variegadas e inexhauriveis riquezas á cobiça humana, e especialmente para perfazer os serviços domesticos, e ruraes, só restava a classe escrava—os Africanos, e Indigenas. Muito insignificante, porem, era n'esse tempo a importação dos Africanos, porque a industria, que mal desabrochava, não tinha ainda creado abundantes capitaes, com que se pagasse os preços, porque se compravão esses escravos em seu paiz natal, augmentados pelo frete, impostos de importação, &c., e a moeda era ainda tão escassa, que aos colonos era muito oneroso pagar por meio d'ella esses impostos, e por isso requererão as Camaras por vezes aos Donatarios, que conseguissem d'El-Rei autorisação para pagal-os em *assucares, e outras fazendas da terra*, como fôra concedido á Villa do Spirito-Sancto. Demais, esta fracção da população definhava rapidamente, como sempre define a que é transplantada do patrio solo ao estrangeiro, da liberdade á escravidão.

Era indispensavel, porem, substituir os escravos, que dest'arte a morte ceifava em multidão; e como as hordas livres dos Indigenas cada vez mais se afastavão dos centros da população européa, e se tornavão progressivamente menos numerosas, era preciso, para captural-os, que as expedições se internassem cada vez mais no seio das florestas, e que se organisassem com maior força e disciplina, para poderem arrostar os afans, e os perigos d'essas excurções, que duravão mezes, e por vezes annos. Para essas viagens laboriosas atravez esses bosques sombrios e emmaranhados, ainda nunca devassados por homem civilisado; atravez desses rios espaçosos, e rapidos, onde muitas vezes altas catadupas se encadeão sem interrupção; atravez dessas vastas e lisas campinas, onde a vista não encontra, como no oceano, outros limites alem da linha do horisonte; atravez d'esses tremedaes profundos e dilatados, onde o sol tropical em balde durante seculos dardeja seus raios, sem jámais poder seccal-os,—ninho fecundo de mortiferas febres; para essas viagens, em que era preciso afrontar ora um calor abrasador, ora chuvas copiosas, algumas vezes terrenos sedentes de agua, onde nem o mais tenue regato serpeia, outras vezes extensões de leguas alagadas pelo transbordamento dos rios, aqui enxames de insectos incommodos, ali as presas peçonhentas de milhares de reptiz differentes, acolá as garras da onça trahiçoeira, e por toda a parte a seta hervada do Indigena; para ousar lutar com todos esses trabalhos, com todos esses perigos, erão precisos homens de ferro; esses homens forão os que as chronicas contemporaneas denominão—*mamelucos*.

Todo peso do trabalho material recahia, pois, quasi exclusivamente sobre a raça indigena, redusida ao estado de escravidão mais ou menos disfarçada. Estes escravos erão capturados na guerra permanente, que os colonos lhes movião, ou comprados por insignificante preço a outras tribus, que os havião aprisionado em suas lutas intestinas, lutas insufladas e alimentadas pelos colonos, não só porque era o meio de abastecer o mercado de escravos, como pela esperanza de conseguir o exterminio de todas essas tribus, umas pelas outras. A mor-

te, porem, vinha rapidamente quebrar os ferros d'esses captivos, que raras vezes deixavão prole na escravidão; o excesso dos trabalhos, o cruel trato de alguns senhores, que os consideravão como uma raça inferior, predestinada a subgeição, e apenas acima dos irracionaes; o contacto mortifero da civilisação européa, que inoculava nessa raça juvenil os vicios de uma sociedade envelhecida, e os estímulos de necessidades até então desconhecidas, sem franquear-lhes os meios efficazes de combater aquelles e satisfazer a estas; a saudade nostalgica de suas selvas, dos parentes, de quem para sempre estavão separados, de sua perdida liberdade... tudo concorria para rarefazer com rapidez esta classe da população operaria.

A co-existencia prolongada de duas raças, qualquer, que seja a distancia social, que as separe, produz a final em um periodo mais ou menos longo a sua fusão, meio pacifico e providencial, pelo qual tende sempre a restabelecer-se a igualdade e unidade nacional, e a harmonisarem-se os seus heterogeneos, ou hostís interesses; fóra deste meio não restaria nenhuma outra solução a esse grande problema social, senão a expulsão, ou exterminio de uma raça pela outra. Aqui porem uma circumstancia especial vinha augmentar a virtualidade desta lei, e é—que a emigração luso-hespanhola constava na maxima parte de individuos do sexo masculino, em quanto o feminino superabundava provavelmente na população indigena subjeita, em consequencia de estarem os homens mais expostos a perecer pela guerra, pelo excesso de trabalho, pelo mau tratamento &c., e esta desproporção de sexos devia necessariamente procurar equilibrar-se pela mescla, e fusão das duas raças,—conquistadora e conquistada.

Erão os mamelucos o resultado d'esse cruzamento operado no periodo de quasi um seculo. Tinhão elles herdado o valor e audacia de seus pais, unidos á resignação, e perseverante impassibilidade de suas mães. Quando começou a colonisação do Brasil conservarão os Lusitanos esse valor brilhante, essa ousadia e firmeza, que os fizeram representar um papel tão importante na scena do mundo; o astro de sua gloria ainda se não havia submergido no horisonte, porque ainda não tinha essa nação soffrido os 80 annos calamitosos da escravidão castelhana, nem os 2 seculos ainda mais calamitosos do protectorado inglez, d'esse protectorado ominoso, que semelhante ao abutre esfaimado de Prometheu, lhe tem devorado dia e noite as visceras renascentes.

Quanto aos Indigenas, a sua vida selvatica, e erradia lhes tem formado um temperamento especial, impassivel ás intemperies das estações, ao máo passadio, ás longas e penosas marchas, em fim a todos os soffrimentos phisicos, inseparaveis do estado selvagem. Em grau imminente união os mamelucos todas as vantagens de sua dupla origem, e em sua physionomia se desenhavão ainda mais vigorosamente os mesclados traços dos typos primitivos; porem ao mesmo tempo esta raça meio civilisada, e meio selvagem compartia os defeitos, os vicios, e as paixões de um e outro estado: a inquieta suspeita, a vingança implacavel, o desprezo da propria e da alheia vida, a avidez infrene da sensualidade sobresaíão em seu character a par de brilhantes e raras qualidades. Forão esses defeitos e essas qualidades, que os collocarão

no proscenio da historia paulistana durante o seculo XVII,— a nossa media idade.

Forão esses mamelucos, que constituirão o nervo d'essas expedições, denominadas—*bandeiras*—que se embrenhavam profundamente nos certões á caça dos Indigenas, e que muitas vezes conseguirão trazer captivos centenas d'esses miseros; forão elles que se apresentarão ante, as *missões* jesuiticas do Guayra e das cabeceiras do Mondego, do Uruguay, e as arrasarão completamente, bem como as povoações hespanholas, situadas nas terras paulistanas, aprisionando os proselytos e afugentando os cathequitas; forão elles finalmente os que guiados pelos membros de algumas illustres familias fizeram no fim d'esse seculo os grandes descobrimentos mineralogicos que cobrirão de gloria os Paulistas.

A proporção porem, que a conquista violenta dos mamelucos se avançava para o occidente, outra conquista toda espiritual e pacifica progredia rapidamente para o oriente, e ja então havia transposto o Paranapanema e o Tibagy; estes conquistadores erão os Jesuitas, homens de crenças profundas, que incansaveis trabalhavam por subjugar moralmente o mundo a ellas, vencedores incruentos, cujas unicas armas erão a palavra e a persuasão. Esta ordem famosa tinha concebido o hardido e grandioso plano de domar pela efficacia da palavra essas innumeradas tribus selvagens, que erravam pelo centro da America Meridional, e de reunil-as em uma grande republica, fundida pelo molde christão, de que elles serião os sacerdotes e os tutores, ou antes—os verdadeiros soberanos.

Por uma lei psychologica, que jamais falha, toda a crença sincera e profunda tende irresistivelmente ao proselytismo, e torna-se conquistadora, e a lei moral vem legitimar essa tendencia; neste caso o proselytismo é uma necessidade da intelligencia, e da consciencia. Acreditamos sinceramente, que arrastados pela energia de suas convicções, pelo vehemente desejo de propaga-las, não vião pela mór parte os PP. da Companhia o lado mundano de sua sancta ambição; é porem certo, que por toda a parte, nos campos de Piratininga como nos do Guayra, nas margens do Paraná como nas do Uruguay, ou do Paraguay, sempre se ostentaram elles como os protectores dos Indigenas, e se esforçavam não só por obstar as inhumanas caçadas, que sobre elles fazião as *bandeiras* dos mamelucos, como tambem por mitigar os vexames dos ja captivos.

Entre essas duas potencias conquistadoras, e rivaes—a espada ensanguentada do mameluco, e a palavra persuasiva do jesuita—um encontro hostile era inevitavel. Si a nós, como soldado do pensamento e da palavra, não é possivel negar nossas sympathias aos que combatião com as mesmas armas, com que pugnamos, e por uma causa, que é a mesma, apenas mudada a forma—a causa da civilisação, não podemos tambem por outro lado deixar de admirar o valor sem nódoa, a inabalavel constancia, a nobre altivez e indomavel independencia dos antigos Paulistas; como philosopho e historiador louvamos quanto ha grande e sublime em uns e outros, e reconhecemos, que se a Providencia permittio, que se baldasse essa nobre, e ousada tentativa de fundar na terra o reinado da lei moral sobre a violencia, do espiri-

to sobre a materia, foi porque não quiz, que essa prematura e incompleta tentativa compromettesse a santa causa da civilisação, d'essa civilisação saturada da idéa christã, sob a qual se hade no porvir abrigar toda humanidade, como sob um edificio solido, immenso, e magestoso.

.....

PHILOSOPHIA.

ECLECTISMO MODERNO.

(continuação.)

O methodo de observação é um dos maiores tropheos de gloria da intelligencia e o mais bello ornamento da philosophia moderna. O tempo o legitimou porque sobre elle tem passado espiritos de vigôr herculeo, que sequiosos de obras gigantescas, e embriagados pelos enlevos, que offerece ao pensamento, consumirão os preciosos annos de sua vida illustre em torna-lo mais polido e avivar o fulgor que o ennobrece. Duas revoluções de não pequena importancia no movimento philosophico posteriores ao seu nascimento ganharão reputação e internarão fundo suas raizes pelo terreno da sciencia, porque são seguros e firmes degrãos da escada que vae ao unico santuario em que é licito adorar a verdade—o methodo que ensina ao philosopho edificar a sua sciencia sobre o estudo da consciencia. A critica da razão é uma especificação admiravel da primeira das faces d'esse dogma sancto, e o eclecticismo moderno uma muralha forte aos seus desvarios: eis porque Kant e o Sr. Cousin imprimirão na philosophia uma direcção immortal.

Quando se observa é com a convicção de observar somente a realidade pura e não phenomenos ficticios—verdadeiras chimeras: n'este sentido é a fé que professa o genero humano, e a lei que promulga a razão. Mas collocado entre o espirito e a materia, entre a liberdade e a fatalidade o homem pela lotta incessante que o atropella no combate das volições e dos dezejos, da virtudé e do vicio, se deixa de quando em quando levar por preoccupações de ideas ligeiramente adoptadas, de doutrinas muitas vezes de grande arte, porem mais proprias á encantar e a seduzir á imaginação pelo brilhantismo de suas crenças, do que a arrastar a adhezão pelo poder da realidade e a subjugar a razão pela força da verdade.

O Snr. Cousin, cabeça sempre pensante, coração entregue á historia, heroe da reacção incetada contra a philosophia do seculo XVIII por Laromiguieré, Royer Collard e Maine de Biran, contemplou este factio manchando os annaes da humanidade; e sua consciencia se revoltou ao aspecto do monstro hediondo que tudo corrompe e não poupa nem aos queridos de Deus na terra. Tor-

nou-se pois Incansavel em pregar, que a observação e *analyse meditative* da consciencia deve ser a base de toda investigação em philosophia. Esta idéa é o centro de todos os seus pensamentos; preside á todas as suas especulações; é o foco de que se desprendem os dogmas que compoem sua religião philosophica, como do sol se despegão os raios de luz.

E seu amor quasi fanatico pela imparcialidade, sua justa indignação contra os desvios do verdadeiro methodo, ainda quando não sanassem de prompto e directamente o mal já enraizado, não deixarião de servir a causa da sciencia, porque ao menos chamarião a attenção dos pensadores sobre a defesa da brecha exposta aos assaltos do erro; serião um choque electrico a despertar a reflexão do somno lethargico que sobre esse ponto dormia, e agudo encentivo á razão para unir suas forças todas e marchar apoz o thesouro, que tanto aneja.

Era sem duvida um progresso para a sciencia. Mas não se extinguiu, e nem enfraqueceo a seiva do genio que os cellou com as armas de suas faculdades, pelo contrario animado e mais fortalecido pelo successo de sua primeira empreza atirou-se corajoso no meio da renhida contenda dos quatro systemas fundamentaes que tem alternadamente reinado sem contudo poder algum alcançar victoria decisiva e dirigir em paz o destino da hamanidade; sondou scrupulosamente e com esmero a natureza complicada do homem; interrogou o passado com severidade rara sobre as questões de maior monta; e o entusiasmo que transbordava levou-o em suas azas de fogo á presença de Deus; comprehendendo então a perfeição da criação, e os segredos da sabedoria, plantou no mundo a bandeira da paz com esta inscripção, que, qual outro Prometêo roubou do Ceu —o erro puro é impossivel e contrario á intelligencia.

Nova aurora raiou para a philosophia—nasceu o eclectismo moderno—esse sol que despontou no horisonte do pensamento para illuminar com seus reflexos os planetas que até então lampejavão procurando cada um offuscar os outros—esse brado poderoso da razão echoando ao longe e reunindo em torno a si, como que por força magnetica, e fazendo assignar conciliação no tribunal em que é juiz, os acerrimos inimigos que se disputavão a ferro e fogo o sceptro da philosophia e o reino da verdade.

Verdadeiro em sua essencia, fertil em consequencias de dignidade para o homem, concepção sublime que abate o orgulho vão eivando as melhores producções dos maiores philosophos quando não sabem subir senão derribando os que não partilhão os seus sentimentos, é o principio em que se appoia o eclectismo moderno proficua pedra de toque em que se vae aquilatar a consciencia individual pela consciencia da humanidade—a historia.

O conhecimento é a relação entre a realidade e o eu; não é invenção do espirito, nem, como o quer Fichte, o laço que liga a opposição do *eu sujeito objecto*: as consequencias d'esta doutrina a refutão satisfactoriamente. O erro é a desfiguração do objecto pela representação e não mais, porque é impossivel ao homem pensar a seu bel prazer, a verdade limita o exercicio de suas faculdades, e a On-

tologia circunscribe o espaço em que gira a Psychologia. A extravagancia da imaginação audaz, o correr tresloucado do pensamento em delirio, a inconstancia indefinida da sensibilidade caprichosa jamais ultrapassão a balisa que a mão do Eterno sanctificou entre o possível e impossível. Abusar das leis naturaes é até onde chega a rebeldia do homem, destrui-las, ou crear novas é uma usurpação em que baquêa, uma loucura que merece compaixão. O erro puro portanto é um crime que não é dado ao homem commetter.

O materialismo, idealismo, sceptismo e mysticismo não devem pois tractar-se como obstáculos, cuja vista seja insupportavel reciprocamente, porque são concepções da intelligencia; a historia não deve ser considerada mero luxo de erudicção não encerrando realidade alguma philosophica, nem a consciencia simples theatro de illusões inventada para lançar o ridiculo sobre o orgulho da razão, porque os factos forão idéas e também são idéas as percepções intimas: o presente não deve despresar o passado, devem antes sentar-se junctos á mesa do progresso, porque de seu consorcio nasce o futuro, e como adverte o Sr. Damiron, entre o passado e presente não traça uma linha a divisão do erro e da verdade.

A observação e analyse meditativa da consciencia, a repugnancia do erro puro á intelligencia, principios fundamentaes, em que se appoia o eclecticismo moderno, são a bussola que deve dirigir a viagem pelo procelloso oceano da philosophia, o soccorro da humanidade implorado em auxilio de todo aquelle em cujo coração arde o desejo de saber, o preceito evangelico que impoem á sciencia a obrigação de ser grata pela posição que ora occuppa aos genios que desaparecerão da face da terra deixando um sulco luminoso—signal indelevel de sua passagem, e forão saciar no Ceu a sede que devorava sua rasão. Erão insufficientes as aguas do p'aneta em que vivião; os pesados grilhões da materia erão impecilios a seus vôos; quebrarão-se, e elles vagão livres pela immensidão do espaço e infinidade do tempo.

Santos Lopes

(*Continúa*).

UMA TRADIÇÃO DE JANUARIO GARCIA.

Januario Garcia é um nome assombroso nas tradições do povo mineiro: ide ao canto mais remoto de Minas, e lá ouvireis pronunciar seu nome. Tem sempre o mesmo character; é uma exprobração viva do tempo que já se foi, um reclamo violento e feroz do direito deprimido: é o symbolo do povo sequioso de justiça exercendo-a por suas proprias mãos, e obedecendo á instinctos generosos, porem cego e brutal em sua acção.—Attendei bem; quando o povo se institue juiz, ha nelle sempre razão e paixão, justiça e vin-

gança: nos dias de Fevereiro o povo francez foi soberano; elle julgou um de seus compatriotas que era gatuno, e o fusilou.—Esse homem pois que ergueo-se entre nós, como o braço da Providencia, cuja lembrança é ainda a idolatria e o susto de seus conterraneos, é a mais authentica explicação de uma época, que já morreo: a sua manopla de ferro cahia sobre o réo, mais cahia implacavel.

Ninguem ha que ignore a atroz vingança das sete orelhas: outros muitos factos lhe attribue a crença popular, entre os quaes vou contar o seguinte, como' me disse pessoa fidedigna, e em parte testemunha ocular.

E no principio do seculo que corre, em um pequeno lugar junto ás margens do Rio das Mortes.

Quão tristes idéas recorda este funebre ribeiro! suas aguas tem a côr escarlata, e parecem immoveis; seu murmuro abafado e surdo semelha o gemido do moribundo! Ahi tambem o pendão do progresso foi fincado no chão ensopado de sangue innocente: por ahi atravessou tambem a Religião da Caridade atravez de milhar de cadaveres.

Havia festa na capella do lugar: no meio do povo, estava Goulart, que offendera Garcia em pessôa de sua familia; e como já se havião passado dous annos, livre de susto folgava com seus amigos em uma taverna.—A lua reflectia pallido clarão sobre os casebres espalhados pelo arido plaino, deixando lobrigar-se atravez da ramagem a superficie avermelhada do rio: sobranceira se desenhava a cruz do humilde templo, e na praça se apinhavão fantasticos grupos.

Reinava o riso e a galhófa na venda, quando,— diz a lenda,—ouvirão-se os sons longinquos de um machete, e estes sons agudos e pêntrantes forão approximando-se, até que junto á taverna parou negro vulto, de ponche, com o rosto encoberto pelas largas abas do seu chapéo.—Com a sua presença houve silencio completo; e ouviu-se uma voz forte pronunciar estas palavras.—« Goulart, fizeste mal, a quem mal te não fez, offendeste a Januario Garcia, tua hora é chegada. » E o vulto agarrou o infeliz, e o arrastou para a praça.

Ahi tudo estava mudo e quedo de horror; apenas o ribeiro gemia e a viração sussurrava.—Tres yezes ergueo-se o punhal, e o ultimo ai do moribundo foi confundir-se com o soluçar do rio, e com o murmurar da brisa.—« Vingança de Januario Garcia »—bradou afinal a voz estridente; e os sons do machete retinirão agudos, e forão enfraquecendo-se até não ouvir-se mais.

No dia seguinte uma réde ensanguentada conduzia o cadaver de Goulart para a Igreja de S. Gonçalo, na antiga villa de S. João d'El-Rei duas leguas distante da capella do Rio das Mórtes.

O BRASIL.

I.

(Algumas considerações sobre o seu descobrimento.)

As cruzadas na Palestina, tendo franqueado o caminho da Asia occidental, offereceram ao mesmo passo favoravel ensejo aos viajantes para explorarem essa região inspirada de pensamentos biblicos, tão cheia de attractivos, primeiro berço da civilisação do homem, e das sciencias, e onde, a titulo de redimir-se o sepulchro de um Deus de paz e de clemencia, por longo tempo derramou-se copioso sangue humano no meio de horrorosas matanças, e em derredor da cruz asteada pelo fanatismo exaltado, que encarnou-se em Pedro o eremita. O judeo Benjamim de Tudela teve a iniciativa nessas ousadas excursões, sendo elle o primeiro a perlustrar aquella região mysteriosa, pullulando de reminiscencias asceticas, e em que a esse tempo ainda se discriminava nos recentes vestigios dessas atrosas hecatombes humanas: e os enlevos derivados, do seu testemunho decidiram a emprehenderem-se essas explorações longinquas, em que só realçava o empenho de aquisição de riquezas, que tão facil se antolhava, e quando era em plena intensidade o fanatismo de religião, e o espirito de conquista, estas duas causas, que tanto perturbaram o globo naquelle periodo.

Ao menos desse infurecido asceticismo, que manchou de sangue as paginas da historia da religião do Cordeiro immaculado, e que ainda faz estremecer de horror a humanidade; e desse espirito cavalleiroso, que dahi avultou, começou a vacilar o fundamento do feudalismo do velho mundo, e provieram conhecimentos de mor preço para as sciencias, e para o commercio; levando-se ao oriente em numerosas cafilas as mercadorias da Europa atravez de descommuns obstaculos.

Não tanto o incentivo das empresas, que devassaram á Europa pelo isthmo de Suez as plagas do Caspio, a Tartaria chinesa e uma parte da India, si não o de dar pabulo ao alvitre engondrado pelas ficções heroicas em grande voga na meia idade, induziu os portuguezes a tentarem pelo oceano atlantico a rota do oriente, favorecendo-os para isso o conhecimento, que ja tinham, da costa occidental da Africa, e levando elles ao cabo tão portentoso feito, gloria infinda lhes sobejaria si o não eclypsasse fazendo-lhe connexa longa serie de inauditos attentados e cruesas, que assás o desvirtuaram, aniquilando-o do renome que só a elle bastaria.

Tão prompto visaram esses audaciosos aventureiros, que, da região, de que se apoderaram, arrancando-a á viva força ao dominio originario das castas indianas, das quaes ja haviam em somenos calculado o poderio, mudariam sua opulencia para o paiz seu natalicio, que tão dependente era de levantar-se do abysmo, que lhe cavara a luta

sarracena, de que ao correr de muitos annos, fôra theatro a península iberica, como puzeram peito a tão afanosa lida, fazendo atroz mão-baixa sobre centenares de povos, que, a mais de descritos, resistiam á dura e estranha oppressão, espoliando suas terras, ou tomando-as em proprio apanagio.

Em seguida, o brado da insurreição e resistencia aos portuguezes echoou naquellas regiões, e envolveu toda a India, que fôra por elles subjugada; e sem que preoccupassem desse acto de desespero de myriadas d'homens, que, erguidos do terror, que lhes infundira a arrogante audacia da gente estranha, decidiram-se, por fim, a romper peleja vigorosa e a todo transe por suas crenças religiosas, e em defesa extrema de seu paiz, em breve viram-se os conquistadores atenuados e enfraquecidos de tamanho lidar; e suas phalanges, que, á medida que se faziam menos densas ostentaram maior intensidade de aggressão, precisaram de reforços, que só dos seus conterraneos os podiam ter valiosos e de confiança.

Houve-se, pois, de mister para ali mandar reiterados auxilios, que apenas serviram para que não fosse a gente invasora de todo esmagada sob a pressão reaccionaria, que ella proprio suscitara a esses povos; os quaes sabidos do intorpecimento, que lhes causara o primeiro impulso com que foram acommettidos, insurgiram-se em massa, repelliram o que a conquista tinha de mais violento e atroz, e, defeito, obrigaram os portuguezes a recuarem de suas animosidades, e, apenas, a se fazerem defezos, e a sustentarem alguns dos pontos do litoral da peninsula indiana, em que por mais fortes se haviam acoutado.

Foi por motivo de auxiliar aos conquistadores do Oriente que apresentou-se em Portugal, no anno de 1500, uma forte armada; que surgiu de Lisboa a 9 de março desse anno, tendo por commandante Pedralves Cabral, de alta prosapia, e prestigioso entre os seus.

Embaído o rei portuguez pelo pensamento, quiçá cheio de philauca e de illusão, de perseverar seu predomínio sobre aquellas tão longinquas paragens, para onde, além de se escoarem á porfia os pequenos recursos do paiz, corria com entusiastica afoutesa e obstinação a flor de seus vassallos, não podia entrever no descobrimento da America, desceortinada, oito annos havia, ao velho mundo pelo afortunado Colombo, um facto providencial, que, destruindo deploraveis prejuizos e preconceitos, deu começo á reacção contra o dominio do erro caracterizado em dogma, e teve uma preponderancia decidida sobre os destinos da especie humana. Então só a Asia preocupava em muitos a avidez e a cobiça, em poucos os prestigios da gloria—das considerações mundanas, e em raros o sacerdocio da Fé; e do novo mundo nada se curava, tendo-se por illusorio o testemunho de Colombo e seus sequazes, e em menospreço as riquezas, que apresentavam do seu explorado solo.

A monção, em que deu á vela para o Oriente a frota de Cabral, não era do bom ensejo para tal navegação, por serem assás escassos os ventos que a favorecessem, e ainda pairassem as calmarias em mares procelosos, apenas cortados pelas expedições ás Indias, e nelles presistissem as correntes, que iam d'encontro á costa oc-

cidental d'Africa; por isso tomou a navegação o alto mar, dando-se-lhe largas singraduras, e engolfando-se a armada para oeste; e este precaver, orçando para demasiada prudencia, este refugio ao originario proposito só com o fito de evitar perigos, á que a insciencia dava grandes proporções, deu o Brasil á corôa de Portugal, atando-o aos destinos deste—um dos mais pequenos estados da Europa, associando-o a todas ás suas vicissitudes, e correndo com elle todas as alternativas porque passou, e que a historia nos retrata; o que bastante o postergou na carreira da civilização e prosperidade em relação a outras regiões da America que lhe eram coevas.

Depois de navegar vogando como ao acaso por 44 dias, e sempre com descabimento para o occidente, a armada de Cabral deu vista de terra, affrontando em 22 d'abril, e não sem a maior surpresa dos navegantes, os alcantis dos Aimorés, e apoz disso a costa que corresponde a essa elevada porção da serra, que mais se avizinha ao oceano atlantico meridional, e com elle guarda parallello estendendo-se para os confins austraes. A uma semelhante perspectiva em taes alturas antolhou-se á gente do mar uma ilha do Atlantico distantemente separada das do archipelago dos Açores.

Esta maravilhosa eventualidade, e quanto houve nella de imprevidencia ou indifferentismo denuncia alto, que em Portugal ja se achavam olvidadas as pretensões astronomicas e probabilidades geographicas, emittidas na escola de Sagres, e de que paizes mais adiantados em intelligencia e civilização tinham-se bem aproveitado. A mais disso, as preocupações do Oriente, e sua inteira aquisição haviam como fascinado aos portuguezes; e o exclusivismo deste pensamento neutralisava outro qualquer, que aquelles tempos de aventuras pudessem suscitar.

O descobrimento do Novo-mundo por Colombo foi o resultado de um genio activo e emprehendedor, illustrado pela sciencia, guiado pela experiencia, e operando sobre um plano executado com não menos exforço do que perseverança: mas, o do Brasil pelos portuguezes, devido só a effeito do puro acaso, denega-se-lhe o merito, e a legitimidade, que comporta o immortal feito do impavido genovez.

Por longo tempo alludiu-se á Pedr'alvês Cabral a prerogativa de ser o primeiro, que para o occidente devassou os mares do hemispherio austral, e dahi o titulo de primeiro descobridor das terras do Brasil. Não póde aspirar a taes foros quem, por mais pretencioso que se figure na historia, teve nessa descuberta um feliz predecessor, e quem, si em presença se achou dessa parte do continente americano, deveu isso absolutamente a uma imprevista occurrencia, como fica relatado. E pois que esta gloria é illigitima ao almirante portuguez, refere-se toda ella a Vicente Janes Pinzon, um dos intrepidos e dedicados companheiros de Colombo, que se associaram a este no esforçado e incommensuravel empenho de abrir-se rota para o Oriente pelos mares occidentaes.

Cumpre, pois, nullificar esta especie de plagio, que escriptores portuguezes tem attribuido a Cabral com agravo da verdade historica, e embora se almeje a cohonestá-lo com a sancção dos tem-

pos. Dahi tãobem ressumbra esse protervo egoismo, que se enxerga sempre cimeiro e correndo com desemeço por sobre todo o rude predomínio, que no Brasil exercêra a nação portugueza, como ao diante se verá.

Tanto que o energico aventureiro Pinzon, exonerado do serviço do almirante Colombo, premuniu-se da propria capacidade para dirigir alguma tentativa sobre o paiz de cujo descobrimento fora elle quinhoeiro, deu-se decididamente a ella com o animo da experiencia e puas da ambição; e para a possibilidade de uma nova empreza nesse theor, posto sobrassem-lhe intelligencia e constancia, a prudencia aconselhou-o que a compartisse com alguns dos socios do illustre Colombo em seus posteriores descobrimentos. Para isso, pois, aprestado navegou do porto de Palos com uma frotinha de quatro caravelas no principio de dezembro de 1499; e depois de um trajecto de 700 leguas, e de haver cortado o equador em longitude incerta, foi a navegação inteiramente desvairada do rumo primitivo por um vigoroso temporal do septentrião, que aturou por muitos dias, arrojando a frotinha a mares não conhecidos, e sob uma constellação ainda não observada.

Tão estranha situação não trepidou Pinzon em domina-la; e tirando partido da propria força, que por dias consecutivos e atravez de descommuns perigos o compellira a vogar ao acaso, deu popa ao vento, e dest'arte deixou-se ir para o este, correndo o parallelo austral de 8 graos; e a esse rumo, depois de haver percorrido mais 240 leguas, assomou-se-lhe terra alta em 28 de Janeiro de 1500, á que deu o nome de *Santa Maria da consolação*, concluida ao depois com o de cabo de *Santo Agostinho*, a ponte mais saliente do litoral do Brasil no oceano altantico.

MACHADO D'OLIVEIRA.

(Continuar-se-ha.)

AMOR E DESCRENÇA.

Oh! quisera vasar todo o meo sangue,
 Em troca de um teu riso dar-te a vida:
 Mas não, não posso; é vão, oh minha fada,
 Escripto está no livro do destino
 O curso de meus dias sobre a terra.
 Triste flôr!—o tufão roubou-lhe a seiva;
 O seo sol da manhã foi sol ardente,
 O crepusculo da tarde a sua aurora!

Oh quisera poder diser-te apenas—
 Eu te amo, como o bardo ama seos sonhos:
 Dera tudo no mundo—altar e thronos,

Em minha alma um volcão, volcão no peito.
 Mas não, não posso; é tarde, ó meo archanjo,
 Nas lides do pensar lancei-me agora;
 A razão suffocou meu sentimento—
 Minha sina é descrer—e amor é crença.—

Oh talvez quando o corvo do infinito
 Por teu rosto passar as negras azas,
 E na campa verter fingido pranto
 A turba, que te segue hoje no mundo;
 Talvez com tigo e Deos fallando apenas—
 Eu te conte baixinho o meu segredo:
 Talvez eu diga então—eu te amo ó virgem,
 Nos olhos da finada eu tenho crença.—

Mas em quanto doirar o sol os valles,
 Os roseos labios não cerrar-te a morte—
 Amar-te?! não te enfades, minha virgem,
 E vão exforço: espera, deixa o tempo
 Sobre nos peneirar o pó dos seculos.—
 Amanhã ou depois—talvez em pranto
 Meu segredo na campa irei depôr-te:
 Mas hoje?!... inda não creio—é cedo ainda!

J. d'Almeida Pereira filho.

A MORTE DE FELICIANO COELHO DUARTE.

E ainda um beijo nessa argila pallida;
 Meu pobre coração!

BYRON CAIN.

Apagou-se uma das lampadas do sacrario: o ciborio das
 nossas dores recebeu mais uma lagrima!

Mas uma corôa funebre em nosso passado: mais um ho-
 mem assombrado de esperanças e glorias, que foi dormir
 no escuro do fosso, com a fronte salpicada da cál do en-
 terro!

Nas praias do rio negro da morte aportou mais um ca-
 daver esverdeado do passamento: e o crepusculo das agonias
 escureceu em sua nevoa a historia de um joven sublime!

Nós todos que o amavamos, que o respeitavamos, nós o
 choramos; derramamos sobre o corpo frio das nossas illusões
 desfeitas uma lagrima, lançamos no thuribulo do templo mais
 um grão de incenso.

E hoje que os ministros da religião bradarão já suas orações, que as vozes funerarias do orgão já se unirão a nossos soluços, e o tumulto do cadaver—hoje que nós como os christãos das catacumbas subterraneas de Roma enterrámos o nosso irmão e ajoelhamos-nos sobre a taboa de seu fosso—hoje que os deveres de amigo se cumprirão dolorosamente—a *Elle* ainda uma lembrança.

E quando bem como Lázaro já podre no sepulchro, só a voz de Deus o poderia acordar—a *Elle* ainda, uma pagina funeraria no livro do jornalismo academico.

Seu nome— todos o sabem--todos o chorão: a voz de uma corporação inteira o bradou em seu sentimento como Rachel a inconsolavel; e os estranhos mesmo sagrão um punhado de flores á saudade do nosso irmão.

As 11 horas e cincoenta e sete minutos da noite do dia 21 de Setembro, Feliciano Coelho Duarte, Estudante do 5.º anno, natural de Barbacena, em Minas, exalou o ultimo suspiro!

Na noite do dia 22 as longas alas de seu enterro entrarão na cidade: o corpo Academico fôra unanime; as pessoas mais gradadas da cidade acomphavão o sahimento: erão mais de quinhentas as tochas que esclarecerão o caminho do finado.

Quando as musicas e as encommendações sufocarão-se no silencio, varios amigos forão dizer-lhe junto da eça o adeus de suas dôres.

Informão-nos que todas essas paginas funebres serão colligidas n'um livro: a imprensa tem já publicado algumas, e nós hoje julgamos cumprir um dever dando á luz tres de tres nossos collaboradores.

Nodia 28 houve o Officio do Septimo dia feito á expensas do Corpo Academico: a cerimonia foi solemne, a assistencia numeroza. As paredes estavam cobertas de negro: os véos do templo descerão sobre os altares. Erguia-se uma eça de baze quadrada que tomava quazi todo o espaço da largueza do templo. Nas 8 columnas que a sustentavão estavam impressos em setim negro 8 epitaphios—O merito dessas quadras vinha da circumstancia: não é pois por sua valia que as damos a lume; é meramente por que foi-nos isso pedido, de certo como mais uma oblação ao finado

As quadras erão estas:

Do lado do Altar mór havião trez, uma em cada columna, a saber:

1

Se no passado errei, se te esquecia,
Se a blasfemia corria nos labios frios,
Perdão, Senhor meu Deos! que a febre insana
A minha alma perdeo nos desvarios!

2

Despi como o Propheta o manto escuro,
Lavei na campa da existencia o erro!
Eis-me puro Senhor! banhada a fronte
Nas agoas sanctas e lustráes do enterro!

3

Da vida as illusões, da fronte as rosas
Anjo de morte me esfolhou no leito:
Erão sonhos—não mais: irei agora
Aos ventos do mysterio abrir meu peito!

Do lado da entrada havião outros trez erão:

4

Não me chorem, irmãos! se meu cadaver
Manchou-se em podridão e sanie impura,
Minha alma se acordou: com azas brancas
Foi ao seio de Deus dormir mais pura!

5

O meu lodo lavei no rio sancto,
E fui sorrir de Deus ao morno dia;
Miserimos! o sol de alem dos tumulos
Não é do morto a lampada sombria!

6

Porque nã fronte os louros do poeta
E da louca ambição febris venturas?
Como a onda na praia, o sonho estalla,
E mirrão-se os laureis nas sepulturas!

Os das outras columnas, erão:

7

Nã insomnia do existir pollúe-se a crença!
Das orgias no correr se affoga a vida!
Antes o amor de Deus em taças d'ouro,
No baptismo da morte a fronte erguida!

Dos brilhos da manhã eu me orvalhára,
Do valle escuro perfumado lyrio:
A larva me seccou, heivou-me o seio:
Murchei na terra, fui abrir no empyreo!

Não parão aqui as demonstrações de profundo sentimento á memoria do irmão fallecido.

No dia 3 de outubro a associação Ensaio Philosophico Paulistano mandou celebrar uma missa para descanso de sua alma, e logo depois teve lugar na sala de suas junctas a sessão funebre para commemorar esse facto de tantas dores.

As paredes da sala do Ensaio estavam todas cobertas de luto: sobre o tecto estavam pregadas quatro aguias e á estas prendião cordões de retróz uma corôa de saudades onde lia-se o nome do finado escripto em lettras d'ouro.

Reinava silencio religioso quando o som melancolico da musica annunciou que hia começar a cerimonia. O Presidente abriu immediatamente a sessão com um discurso analogo ao dia, e após elle diversos associados expandirão tambem as suas lagrimas á memoria do socio benemerito, que era uma das columnas da joven associação,—e novamente a musica vibrou os seus harpejos tristes e deo-se por encerrada a cerimonia.

O acto foi solemne e grave: via-se desenhada a dôr nos semblantes de todos que o presenciarão: os irmãos de lettras choravão o socio de suas lidas, e companheiro querido, que lhes roubára a morte.

ORAÇÕES FUNEBRES.

Senhores—ei-lo tão cheio de grandes esperanças, tendo diante de si um horisonte infinito, ei-lo frio cadaver—marmorea estatua collocada no portico da eternidade!... Aquelles olhos que revelavão o genio, aquella fronte onde borbulhavão idéas grandiosas, aquelles labios que distillavão fogo, aquella voz sonora que prendia e subjugava o espirito, oh tudo esvaeceu-se como a nuvem fugitiva, obumbrou-se como o ceu com a tempestade. Pobre moço! ainda no vestibulo do templo da existencia, ainda tão joven e já sem vida, envolto com o crepe do ataúde sob a tenda dos mortos!...

Viajor cançado reclinou-se a beira do caminho ao som

dos cânticos dos anjos: porem foi longo o seu dormir; veio a noute melancolica guiada pelo côrvo funereo do infinito, e elle não pôde erguer mais sua fronte altiva. Rasgou-se a tunica de carne e sua alma tão nobre e tão pura que era uma scentelha de Deos, alou-se da terra aos Ceus mais rapida em seu vôo que o Condôr dos Andes, e tão triste como o anjo da saudade a gemer no desespero.

Senhor, Senhor o que fizestes?! Nem as dores, nem as lagrimas que hão de ser vertidas dos olhos maternas, nem os soluços de um pai, nem as supplicas do amigo!... Tudo, tudo esqueceste! não vos recordastes, que Rachel chorou o seu filho querido sem consolação e alivio! Não vos lembrastes que era difficil substituir esta pedra preciosa, se ella se mergulhasse no seio do oceano? Oh! Perdão, perdão para as minhas blasfemias...

Elle era a estrella brilhante do nosso ceu, a perola mais formosa de nosso cinto, o rubim mais delicado d'essa pleiade que impelle a mocidade: mas hoje tudo vai sumir-se na poeira dos seculos; juventude, e esperanças, talento e um futuro de gloria, vai confranger-se na lousa do tumulto: Mysteroso destino das cousas humanas!...

Ao alvorecer do dia elle estava sentado sobre um throno de saphiras, e os seus olhares de aguia lhe mostrarão ao longe, entre as rosas da manhã uma palmeira sagrada, onde pendião corôas de ouro destinadas aos genios: bateu-lhe o coração, accendeo-se em seu espirito o amor da gloria; e elle caminhou dominado por esse fogo electrico como o soldado da fé em busca do sepulchro de Christo: a coragem e a esperança lhe animarão os passos, e não foi longo o seu caminhar de gigante. Aquelles que o virão, admirarão-se de sua jornada tão breve no tempo e tão extensa no espaço: finalmente por suas faces roçou um sorriso de alegria, o seu coração palpitou de emoções; os seus pés havião tocado a terra abençoada. E elle ergueo a cabeça, levantou as mãos para apanhar a grinalda que devia cingir a sua fronte. Porem destino de Deos! seu corpo estremeceu e cahiu inanimado sobre o chão, e seu ultimo suspiro pairou em seus labios—mysteroso como o braço que lhe quebrára os sonhos, solemne como as suas inspirações, e doloroso como o pranto de sua mãe!...

E de tantos esforços e de tantas fadigas o que nos resta?... Apenas esse cadaver que vai esconder-se no seio da terra, e que não responde as nossas interrogações, nem aos nossos gemidos. Qual seria o seu destino? porque turvou-se tão cedo o astro fulgurante de nossa constellação? porque desprendeo-se do nosso lucido cocar a penna mais formosa?... E' tu-

do problema sem solução, écho que vai perder-se na mudez das campas!

Pobre moço! cahio, como o cedro altivo que a tempestade derrubara do cimo do Libano, e a sua queda foi como o gemido do oceano em noite de naufragio, e a sua vida como o lampejar do meteoro que deslumbra os olhos e veloz se esbarra no mundo do infinito... E' bem difficil aquilatar-se a perda que soffremos: quebrou-se á mocidade um braço vigoroso que sustentava o seu futuro, á familia um filho que era a sua gloria, e á patria um cidadão que podia honrá-la. Quem sabe quando se poderá encher esse claro que a morte veio abrir em nossas paginas!...

Em vão o homem procura sondar os arcanhos de Deos; o seu espirito se emaranha no dédalo do mysterio, e como o Israelita nos areais do deserto, os esforços o fatigão, e elle não conhece o lugar, onde pisão as suas plantas, e vê apenas em tudo que o rodêa, a mão do Senhor regendo a balança da justiça.

Silencio, silencio pois! curvemos a cabeça aos decretos do Eterno, e choremos sobre o seu tumulo, e sejão as nossas lagrimas um lenitivo para a sua familia, para seus amigos, e para toda essa mocidade que se confrange de dôr no meio do seu infortunio.

J. d'Almeida Pereira filho.

No embate da dor, e da saudade, com voz tremula, e minh'alma congelada ainda dos soluços, e das lagrimas de uma ausencia prematura, eu venho sobre a campa da morte deplorar teus dias, que se finarão!.... Joven, na flôr dos annos, cheio de força, e de vida, vigoroso, como o escolhido do Senhor, que esmagou o orgulho do gigante Goliath, prestes a colher na lide Academica os ultimos tropheos dos seus triumphos, como o Condôr dos Andes, que alando se perde nas nuvens da tormenta, curvou para sempre á lei da morte sua fronte altiva orlada dos louros da sciencia!....

Suas faces maceradas de violento martyrio, seus olhos, onde outr'ora se ostentara o genio atravez de seu esplendor, seus labios, onde o fogo da eloquencia ardia em incessante chama de uma imaginação fecunda, e incansavel, tudo, tudo se consumou nas trevas do nada e jaz envolto no pó da Eternidade!... Fatalidade!... Fatalidade!... Oh meu Deos! Tão tarde para vós, e tão cedo para o mundo, um genio de portento, e de esperanças fenecer no embrião da vida, qual flôr mimosa de chrystalino orvalho que murchou seu viço com o dardejar do sol da tarde!

Era o filho do futuro, e talvez predestinado a erguer colossal monumento no solo de minha patria, e o futuro laureado com sorriso de um pai amigo, ancioso o esperava em seu trono de gloria para cingir-lhe o manto dos grandes genios, mas o futuro illudiu-se, e mudou o matiz de seu trajar por negro luto dos miseros humanos, mudou a doçura de seu sorriso por triste e amargo pranto!.... Illusão!... Tudo illusão!.... Só a virtude impera alem do tumulto, e perdura pelos seculos sem dobrar seu vigor ás futilidades do mundo. Mas, não era elle tão joven, e seu coração tão nobre de virtudes? Não amára seus pais com amôr de anjo, como o cantor poeta que a sombra da palmeira incansavel mudula os hymnos de seus sonhos? Não era sua alma o simbolo da amizade, a aureola dos grandes pensamentos, o thesouro, onde resumbrava bondade, e mansidão? Sim, oh meu Deos, mas vós o quizestes, e eil-o ainda no alvorecer da vida a evaporar-se d'entre nós n'agonia da morte, qual zephiro ligeiro, que risonho adeja nos effluvios da manhan, e não deixa sequer um vestigio ao furor da tempestade!.... Mas não! Sua mocidade estava n'aurora de seus dias, e seu nome já tinha galgado longo terreno no caminhar de sua gloria, e sempre nos mereceo um culto de homenagem, e sempre um tributo de entusiasmo, mas seu corpo já baixou nas entranhas da terra, e só o campanario surdamente echôa o signal de sua morte; e seu nome?.... Seu nome resplandece vivaz a perpetuar-se na lembrança dos amigos!....

Tocou em fim a meta de seus dias, e sua missão não é mais deste mundo!.... Pranteemos nós todos sua perda indelevel, que o nosso pranto não terá termo no palpitar do coração.

E tu, Barbacena, patria de um heróe, eu deploro tambem a tua sorte, porque tuas lagrimas serão amargas, como o fel do calix dos martyrios, por que teus olhos não verão mais o idolo dos teus amores, que descança no ataude dos mortos, lá na existencia dos mysterios!.... Piedade, oh meu Deos, para elle, piedade para nós, que somos miseros mortaes!.... Compaixão!.... Compaixão!....

J. P. S. J.

How cracks a noble heart: Good rught!.....
And flights of angels sing the ece thy rest!—
HAMLET.—SHAKESPEARE

E' uma hora solemne aquella em que a morte se estampa n'uma fronte macilenta: quando o athleta inda no começo do estadio se estende no pó; quando o tẽmplo ainda

resoa dos echos suffocados da musica dos mortos, o incenso ondula pelas naves escuras, os cirios derramão nas frentes seu clarão amarelento—e poucos amigos se debrução á bocca de um tumulo cheio.

Não é preciso que eu venha escrever sobre esse tumulo um nome—que eu vos acorde reminiscencias do passado—que eu vos diga que essa fronte fria é a de um nosso irmão de letras, que aquelle peito pulsou fervente no entusiasmo santo do poeta, e aquella cabeça sublime sonhava no provir os louros da gloria—que não as flores murchas e cheias de cinza da capella do finado.

Porque morreo? Perguntai ás aves de arribação porque as leva de vencida o tufão da tempestade! as estrellas porque desmaião e mergulhão nas ondas! a Chatterton e Jaques Ortiz porque uma hora de febre esquece-os de uma existencia!

E sua existencia se fadava brilhante! As glorias da tribuna, os triumphos do genio—e talvez que outras palpitações mais ardentes, o amor,—tudo isso era o seu futuro, azul e puro como os sonhos de vinte annos! E tudo isso murchou ao sopro do nada! E o vento da morte ao correr pela selva sagrada mirrou o cedro mais soberbo!

Porque morreo? E' um mysterio sombrio e profundo! que ficou entre o homem e Deos na vida, e foi consummar-se no leito de agonia, no mysterio ainda mais escuro do *ser* e do *não ser*!

Porque morreo! Respeito ao cadaver, Snrs! As grandes vidas como essa o foi—não morrem das doenças miseraveis, legados ulcerosos que a humanidade herda a seus filhos, como um escravo! Quando as harpas santas rompem suas cordas, é que o vento de Deos roçou terrivel por ellas!

Dorme pois, creatura sublime! Era outra de certo a «boa noite!» que eu quizera saudar-te! Dorme em paz! e os anjos te allumiem nos teus sonhos como as estrellas do Céu as noites escuras da terra! E a ti que sentias como poeta, a quem talvez o genio matou n'um beijo de fogo, quem Deos daria na existencia a corôa mystica dos amores, a gloria suas visões, as noites seus perfumes, as luas suas lampadas de ouro! Boa noite!

Manoel Antonio Alvares d'Azevedo.

DAS AFFEIÇÕES DE POVO A POVO.

O homem dotado de intelligencia, sensibilidade e liberdade, á vista de seos semelhantes comprehende o que elles são, julga-os, e não póde deixar de sentir-se por elles agradavel ou desagradavelmente affectado. D'ahi as diversas especies de affeições, d'ahi a origem das affeições de povo a povo, de que vou tratar como o permittirem minhas fracas luzes.

Tratarei de fazer ver, se me fôr possível, que a maneira por que se entendem no seculo actual estas affeições é prova sufficiente da grande superioridade de nossa civilisação sobre a antiga.

Em verdade—não podião viver em harmonia os primeiros povos que a historia apresenta, isolados, adquirindo grandesa por meio da espada, reputando inimigos todos que não se achavão sob suas bandeiras; nem lhes erão conhecidas essas affeições que hoje denominamos de povo a povo.

Os Phenicios, que podião, antes de todos, dar impulso a esse sentimento de união e harmonia que deve existir entre os povos da terra, por isso que forão os primeiros que sulcarão os mares, nada fizeram. Em vez de transportarem com as mercadorias, alguns individuos, para estudarem os usos, costumes e civilisação dos lugares a que aportavão, pondo em commercio os diversos costumes, só almejavão amontoar thesouros.

Assim—mais avidos de riqueza que de sciencia, e de melhoramentos sociaes, nada fizeram em prol do grande fim do melhoramento da condição humana. Se pois lhes cabe a gloria de haver dado impulso á navegação, tambem se lhes pódo censurar o uso que della fizeram.

Os Gregos, esse povo pai da civilisação, esse povo amigo das lettras a que deo um impulso extraordinario, que conta entre seos poetas Homero, Sophocles, e Euripides; entre seos philosophos Thales, Pythagoras, Socrates, Platão e Aristotles; entre seos pintores Zeuxis e Apelles; entre seos oradores Demosthenes e Eschines; e entre seos generaes Milciades, Themistocles, e Epaminondas; entre seos estadistas Solon e Pericles,—não estava compenetrado do modo por que se devião entender as affeições de povo. O orgulho do cidadão de Athenas levava-o a tratar de barbaros seos proprios visinhos, a consideral-os como seos inferiores, e a acreditar que sua republica devia ter a supremacia nos negocios da Grecia—preconceito que custou muito sangue, mas que estava tão enraizado, que quando o rei de Macedonia havia, pelas armas, obtido esta supremacia, admirado exclama, em sua primeira Philippica, o mestre dos oradores, o immortal Demosthenes: « *Ora poderia haver cousa mais nova do que ser um Macedonio vencedor dos Athenienses, e arbitro dos negocios da Grecia?* »

Os Athenienses, bem se vê, se reputavão superiores aos outros Gregos, podendo então existir entre elles a genuina affeição de povo a povo.

Passemos portanto a examinar como entendião essas affeições os outros povos celebres da antiguidade. Vejamos se os Carthaginezes, descendentes dos Phenicios, senhores, como elles, dos mares e do commercio, alguma cousa fizeram a bem da civilisação, estreitando os laços de união que devem existir entre os povos, mostrando quaes seos costumes, seos usos, e fazendo com que tivesse lugar troca reciproca do que nelles houvesse de util, promovendo dest'arte a felicidade do genero humano, e tornando o homem conscio do fim grandioso para que Deos o collocou no universo.

Os Carthaginezes, ciosos, como seos maiores, da posse dos mares, fazião-se conhecer dos habitantes das costas do Mediterraneo, e intromettião-se em suas guerras, só para dar leis, e adquirir riquezas sempre que podião. Entretanto essas visitas á Sicilia, e ás costas italianas tiverão resultados; servirão para estimulo d'um povo que já então era grande, e que não podia ver tranquillamente esse despotico poder, e esse privilegio exclusivo que gosavão os Carthaginezes de afastarem-se das costas:—fallo dos Romanos. Um unico navio carthaginez, lançado as suas costas por uma tempestade, basta para servir-lhes de modelo na construcção de uma frota que affronta bem depressa a dos Carthaginezes, vence-os, e exige para si o dominio dos mares.

Carthago, que até então julgava impossivel que os Romanos viessem perturbal-a, se vê atacada pela força dos seos rivaes, que ambicionavão já, não só cortar o seo poder por mar, como até por terra, e que pretendião acabar com o nome carthaginez para se tornarem senhores do orbe conhecido.

Sua inabalavel constancia, e descommunal bravura realisa seos projectos, e no recinto augusto do senado romano, o austero Cato exclama—*Delenda est Carthago!*

Roma pois torna-se o centro da civilisação; e da sabedoria e patriotismo de seos senadores depende o melhoramento da condição dos povos que já havia conquistado, que estava conquistando e os desses barbaros que tinha de submeter a seo poder. Sim, seo genio bellicoso e incansavel leva mais longe seo nome que chega até a Grão-Bretanha; e triumphantes os Romanos, pela guerra, de todos os povos que se lhes oppunhão, firmão, pela paz, seo poder e soberania, e fazem assaz em prol da civilisação. Mas ainda assim não entendião o *cosmopolitismo*, e não concedião nem a seos proprios alliados Italianos o titulo de *cidadão romano*, titulo honorifico a que erão inherentes innumeradas garantias.

Irritados porem os alliados rebellão-se, e exigem, prestes a declarar a guerra, que se lhes conceda tambem o privilegio de cidadãos romanos. A guerra ameaçava ser desastrosa, e teria sido prejudicial aos romanos, se estes não desistissem de seo proposito e não resolvessem dar esse ambicionado titulo áquelles alliados que depuzessem as armas.

Assim chega tambem a estes o grande beneficio de que com tudo ficão excluidas as conquistas.

Se no tempo de sua grandeza e illustração os romanos não conhecião as affeições de povo a povo, que diremos de seo começo quando, Roma estava ainda no berço? Então, se nem se perpetuavão os tratados, não podião existir essas affeições, esse sentimento que faz com que encaremos o homem pelo lado de suas qualidades, que lhe tributemos respeito por suas virtudes, que o desprezemos por seos vicios.

Disse que então não se perpetuavão os tratados e Montesquieu o attesta no capitulo I. de sua obra intitulada—*Grandeur et décadence des Romains*—Elle diz—« *On pensait alors, dans les républiques d'Italie, que les traités qu'elles avait faits avec un roi*

ne les obligeaient point envers son successeur; c'était, pour elles, une espèce de droit des gens: ainsi, tout ce qui avait été soumis par au roi de Rome se prétendait libre sous un autre, et les guerres naissaient toujours des guerres.»

D'aqui facilmente se deduz qual a maneira porque os Romanos, em sua origem, entendião e nutrião esses sentimentos que constituem hoje as affeições de povo a povo.

Já os examinei na época de sua maior illustração, vamos agora encaral-os em seos ultimos tempos.

No seo fim Roma—que já de tão poderosa não podia mais comsigo mesma, depois de haver imposto leis aos principes e aos povos da terra, depois de tel-os todos sujeitos a seo poder extraordinario—vê que, para manter-se, era forçoso dividir-se;—e dous imperios se constituem. Renovão-se rivalidades e guerras até que o grande imperio do occidente, esse mesmo de que era capital a heroica Roma, cahe no poder dos barbaros, sorte que mais tarde toca ao mundo civilizado, quando Constantinopla é tomada, e quando esses templos catholicos edificados pelos magnos Constantino e Theodosio servem de mesquitas aos sectarios de Mafoma.

Estuda-se a face do mundo; as trevas da ignorancia seguem-se aos tempos de brilho dos descendentes dos Ciceros, e Catoes; e, desse estado de cousas, nasce o feudalismo, qual gigantesca estatueta que com um pé na Allemanha e outro na Hespanha, abarca com uma das mãos a Italia, com outra a Inglaterra, e ostenta sua grandeza justamente sobre a França, sobre o paiz de Clovis, de Pepino e de Carlos Magno.

Nessas épochas tenebrosas nem idéa havia de affeição de povo a povo; pois nem povos existião, nem paizes: existião feudos governados por um sem numero de barões, com sujeição nominal aos reis, decidindo suas contendias por meio da espada.

Tal era o estado da Europa! A aristocracia acastellada inexpugnavelmente formava um sem numero de pequenos centros, sem união, em guerra continua, e opprimindo sempre seos vassallos. Era necessario que a mão da Providencia, dessa mãi benigna que vela a sorte dos miseros mortaes, interviesse para a realisação da fraternidade humana; e é esse o phenomeno grandioso que a historia da França, da Inglaterra, da Hespanha, e da Allemanha nos faz ver no fim do xv seculo. Depois das guerras da Italia, dessas guerras movidas pela ambição, que arrastarão para esse bello e magnifico solo os semi-barbaros Francezes, Hespanhoes, e Allemães, e mais tarde os Inglezes pela intervenção de Henrique VIII, desse *defensor da fé*; depois de tanto sangue derramado é que arrasarão-se as barreiras que separavão as nações, e que o homem pôde communicar suas idéas, seos sentimentos, e patentear seos costumes despedaçando assim essa civilisação estacionaria e esteril, e formando uma outra progressiva e fecunda, que fez desaparecer essa desunião entre os homens, e poz em prática o *cosmopolitismo* «dogma philanthropico que no dizer de um philosopho—de todos os homens faz irmãos, e que quanto mais se estende e se propala mais se extinguem as amizades ou inimizades de raça, e de

nação que se perdem neste amor geral da humanidade que impede ao mesmo tempo essas cegas preferencias, ou essas injustas repugnancias. »

Eis o que a civilização moderna conseguiu, eis um dos grandes titulos de sua superioridade sobre a antiga.

Hoje nós Brasileiros á vista de um estrangeiro, unicamente pelo facto de ser elle um individuo da especie humana, o acolhemos, acceitamol-o em nossas sociedades, em nossos divertimentos; e unimo-nos a elle pelo laço da sympathia se é virtuoso, ou o desprezamos, se é vicioso, immoral e extravagante; mas isso por causa de seus vicios ou de suas virtudes, não por ter elle nascido em paiz differente do nosso, em continente diverso, ou sob um outro horisoute.

Hoje nos paizes civilizados está vulgarizado o « Nihil humani a me abenum puto, » e nelles o homem tem sempre direitos.

Entretanto não somos indifferentes a sua religião, sua politica, e outras qualidades que constiuem sua nacionalidade, e que, diz Damiron, « podem favorecer ou contrariar a existencia da sociedade a que pertencemos; » o que é um motivo para nossa sympathia ou desafeição. Todavia as qualidades do individuo podem attenuar muito esse preconceito; e isso é prova de civilização, pois á razão sujeita-se a sensibilidade

Felizes pois de nós que vivemos neste seculo, em que o homem conhece o fim que tem de preencher em que a civilização progressiva torna agradavel a vida, e a navegação se acha n'um alto gráo de perfeição; em que a philosophia da razão predomina, e outras artes e sciencias tem tido grande incremento, em que finalmente o homem se vai compenetrando de que a verdadeira lei sobre que deve basear sua conducta, a lei sublime em que todas se cifrão é esta do Christianismo:—Amar a Deos sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos.

M. F. Correia.

ANJO-DEMONIO.

E' noute de saráo; referve a dança:
 E ei-la alegre a sorrir, e as tranças d'ebano
 A leve ondulação do esbelto corpo
 Parecem-lhe seguir na doida walsa:
 A veste assetinada oscilla e vòa,
 Dos breves, lindos pés imita o giro,
 Que ligeira perfaz em torno a sala:
 O passo é tão veloz, que o bello rosto
 Não posso contemplar, nem ver-lhe os traços.

Mas ei-la que parou, parou a dança;
 Bate-lhe o coração, lhe arqueja o peito
 Do cansaço da walsa, a voz lhe treme,
 Em suspiros s'esvai, em mudas phrases;
 Nas faces vem nascendo rubras rosas,
 Nos labios de coral descobre perolas:
 Tem nos olhos volcão, candor na mente,
 No semblante reflecte sancta essencia,
 O collo amorenado espelha o jambo

Mulher, mulher, espera, espera um pouco,
 Não me volvas por piedade os olhos:
 Eu temo enlouquecer, arde-me a fronte.
 Mulher, mulher—quem deo-te a formosura,
 Quem nos labios prendeo-te esse sorriso,
 Que mofa, que escarnece, que embriaga.
 Aos ceos arrebatá, arroja ao inferno—
 Riso de serafim, rir de demonio?
 E'a terra a tua patria ou outra esphera?

Ah! não; não es mulher, tens d'anjo as formas,
 Ao involucro da terra não pertences:
 A madeixa que roubou da noute as côres
 Negra, negra como ella, inda mais bella;
 Essa falla de magica duçura
 Que os sentidos enleva e prende a alma,
 Essa fronte que exprime um paraizo
 De edenicos, ardentes pensamentos,
 Não podia talhar-se n'este mundo.

Oh! és anjo talvez que transviou-se
 Do caminho do céu, desceu á terra,
 E na terra queimou as azas brancas,
 E agora voltar não pode á patria.
 Mas não; anjo não es; teus olhos queimão,
 As vezes o teu riso esmaga, opprime,
 Quando falla ironia, exprime escarneo;
 E olhar de serafim é sempre terno,
 E seu riso é suave. é brando, é meigo.

Ah! já sei o que és: és um demonio
 Que o sarcasmo traduz no forte riso,
 Porem não; não ardeo-te a fronte linda
 N'esse fogo infernal que abraza tudo:
 Oh! sim, não; já sei, não és demonio:
 D'alma a candidez repelle o Inferno,
 O teu rosto é divino, o collo é sancto;
 Agora desvendei todo o mysterio,
 E's typo sem igual—anjo-demonio.

J. d'Almeida Pereira filho.

ALFREDO DE MUSSET—JAQUES ROLLA.

(continuação.)

IV.

AO PÉ DO LEITO.

Vimos pois a fôrma infantil da adormecida. Junto do leito véla uma mulher. Inquieta de anciedade, tresvaria os olhares do relógio ao lar que crepita. A' vezes escuta á porta, debruça a cabeça no balaustre da janella—Será sua mãe?

Quem espera tam tarde? Quem (se é ella)
Faz-lhe que entr'abra desde pouco a porta
E á janella o balcão?... Teu pai aguarda?
Ai!—Maria teu pai morreu de ha muito!
E esses frascos por quem? por quem as luzes?
E quem esperão pois?

Quem fôr—que importa?

Dorme! dorme! não és amante d'elle:
Sonhos te emballão, mais que o dia, puros—
Muito infantís por segredar-te amores!

Que manto áquelle que a mulher enxuga?

Lodos o enlaivam e gottêa chuvas:

E manto de criança—é teu, Maria.

Tens humido o cabello, as mãos na face—

Tens-las mais rubras á friez do vento.

Onde ias pois dessa tormenta á noite?

Ah! certo mãe que essa mulher não foi-te!

Silencio! alguém fallou-o desconhecidas

A porta abrirão: semi-núas outras,

Solta a madeixa, tateando os muros,

O escuro corredor suadas passam,

Uma lampada treme: fins de orgia,

A extremo fluctuar de clarão môrno,

Reslumbrão fundo na afastada alcôva...

Resoão copos na toalha rubra...

—A porta se fechou—a hediondos risos—

Maria, foi visão? Não crês-lo? um sonho

De negra insania que ferio-me os olhos?

Tudo é calmo a dormir—a mãe te véla—

E' perfume de flores, limpido oleo,

Que te banha as madeixas—roza chasta

Que te annuvia as fontes, vem do sangue

Que flúe do coração...

Silencio! batem

Nas lageas negras vem sonóros passos—

Tremete luz se achega e sombras duas—

E's-tu livido Rolla?

E ante o vulto macilento do perdido, a destacar-se em sombra, no fundo azul dos véos do leito—como Mephistofeles a porta de Margarida—ante o libertino pallido e meio ebrio de sua ultima ceia, com

os braços no peito, a contemplar aquella pureza do somno da moça, aquelle divino da mulher inda em botão mal aberto, que vai ser d'elle —tam pura, tam mimosa, que assim como o poeta da Historia dos Girondinos chamou Carlota Corday o anjo do assassinato, podera-se a chamar o anjo da prostituição—parece que a medida que a nuvem negra do pensamentear se obumbra pesada na fronte de Rolla—o vibrar da melodia desmáia, e lúgubres acórdão as fibras funereas do alaúde —Se podessemos escolher entre o sentimento balsâmico de todas as paginas do poema, talvez nossa predilecção fosse por ellas :

Deixar o globo, Faust ! não o scismáras
 Da noite na agonia, em que máo anjo
 —No affogueádo manto, como sombra—
 Pelo ether te levou, suspenso, ás plantas?
 Não o bradaras derradeiro anáthema?
 E quando aos hymnos sanctos palpitavas,
 Não a embateras na ultima blasfemia
 Sexagenaria a fronte aos velhos muros?
 Sim tremeu-te o xeneno aos rouxos labios,
 Morte, que ia contigo ás obras turvas,
 Tinha-se, ao lado teu abaixado ao fundo
 Da longa spira do suicidio longo :
 Arido e velho o coração te eivára
 Como a lapa no inverno, gasta ao frio,
 Era a hora vinda, athêo de barbas brancas
 Desarreigado o tronco da sciencia !
 Anjo de morte com pavôr te olhára
 Rebentar inda e a satan vendel-a,
 Baga de sangue ao descarnado braço !
 Oh! porque mares, que sombrias grutas,
 Por que oliváes, onde aloês que dunas,
 Que neve pura da montanha ás grimpas—
 Bafeja d'alva tam suave a briza,
 E o vento d'Este á primavéra em prantos
 Como esse que roçou-te as cans á fronte
 Quando o céo deu-te o rehaver da vida
 De quinze annos de infante em manto virgem ! ?
 Quinze annos, ó Romêo ! salões de roza
 De Julieta em botão? Ai ! primaveras,
 Que amor era viver ! e o vento d'alva,
 Na escada molle, da manhã aos trinos,
 Os beijos emballava, e adeus infindo!
 Quinze annos! luz qu'á arv're da vida
 No morno oásis do deserto olente;
 Banha aureos pomos de ambrosia, myrrha:
 E para apuros do ar, como a palmeira
 O defumado véo esfralda apenas,
 Eo Oriente ás virações... Romêo ! quinze annos !
 Idade em que a mulher, dá vida ás alvas
 Das mãos dinas sorrio, singella e branca

Tam de primores linda, que Deos fêl-a
 Das phalanges empyreo eterna idadel
 Ai ! o lyrio do Edên, porque murchál-o
 Em descuido infantil, bella Eva e loira ?
 Trahiu tudo, e perdel-o—era-te a sina,
 Fizeste um Deus mortal, e mais o amaste !
 Dessem-te em volta ao céo, que inda o perderas.
 Sabes que além te adora peito d'homem,
 E inda sonháras te exilar com elle
 Por morrer-lhe no peito e consolál-o !
 Rolla fitava no volver tristonho
 Marion bella a dormir no longo leito :
 Não sei que horribil, que ideiar satânico,
 Lhe fez invíto estremecer nos ossos...
 —Era cara Marion. Por essa noite
 As moedas extremas esgotara :
 Sabem-no amigos seus. No ingresso ainda,
 Rue ninguem vivo o encontrára ao dia.
 Tres annos de mancebo—os tres mais bellos !
 Tres annos de embriguez, voluptia, enleio !
 Ião-se evaporar qual frouxo sonho,
 Ou perdido trinar de ave que passa.
 Noite negra de morte—a derradeira—
 Quando revôa a prece do moribundo,
 Quando o labio vai mudo—e o condemnado,
 Tam junto jaz de Deos, que elle perdôa—
 Vinha espaçal-a com mulher d'infancia;
 Elle!—homem—e christão—e filho d'homem!
 E ella a mulher—ser misero—hervasinha
 A criança dormita, ao esperal-o,
 A bocca do atáhude.....
 Oh ! cháos eterno ! prostituir a infancia !
 Melhor não fôra em thalamo indefeso
 Ferir-lhe o corpo no segar da fouce
 Tomar-lhe o collo niveo e desnocal-o?
 Maser'a de viva cal com ferreo guante
 Que um rio lhe fazer, limpido á tona
 Que as flores mira e peregrina estrella,
 E em veneno infernal polluir seu alveo?
 Que bella ainda ! Que thesouro, ó vida !
 Que primeiro beijar-lhe amor sonhava !
 Doces fructos que dera á flor abrindo,
 A lindesa do céo! Que chamma pura,
 A'aquella santa alampada se erguera!
 Ah ! barregã sem brio—és tu—pobreza ?
 Que deste ao leito impuro a nivea infante
 Que as azas de Diana a Grecia dera !
 Olha : Orou ao dormir ella hoje á noite.
 Orou... E quem, meu Deus ? E's tu que á vida

De joelhos é mister ore e conjure
Tu que em susurros no soprar do vento
Em meio ao soluçar d'amarga insomnia
Foste-lhe á mãe ciciar por noite bella
Da filha meiga é branca a flor de virgem :
Vendel-a pois do libertino aos labios
Para ir-se á orgia tu lavaste-a mesmo,
Qual lavão mortos que se dão ás tumbas:
Tu que á noite, aos relampagos, no manto
Quando entrou a coitada lhe corrias !
Ah ! quem soubera a que fadários—ella
Se houvesse pão—quiza vivida houvera—?
De ser impuro nem a fronte é essa.
Nada torpe abrolhava á fresca aurora,
Aos quinze annos, no somno dos sentidos!
Pobre moça ! seu nome era Maria
Não ainda Marion—Foi a miseria
Não de ouro o cobiçar—que degradou-a.
Qual a vêdes—no opprobrio d'esse leito
No hediondo lupanar—á mãe entrega,
Voltando á casa, o que d'ahi foi ganho !
Oh ! não chorais-la não, mulheres nobres !
Vós que alegres viveis no horror profundo,
Do que rico não é, nem ri comvosco !
Não lamentais-la, mãis ! que a porta, á noite.
Aferrolhais das filhas, e um amante
Entre sêdas velais, de esposo em leito !
Doira-se-vos amor; poesia e vida
Fallais nelles se quer—e não sois publicas.—
Jámais sentiste-o vós—da Fome o sceptro
—Cantando erguer-vos os lençoes ao tóro—
Livido o beijo a perpassar nos labios,
Por um pouco de pão pedir um beijo !
E' verdade, meu tempo, que isso d'hoje
Sempre. sempre ha visto? ó rio trépido.
Levas ao mar cadaveres hediondos
Em silencio boiando:—e a velha terra
Que a humanidade vê—viver, mirar-se
Em torno ao sol girando a orbita sua
Ao seu Pai immortal nem se apressara
Por mais perto o roçar, queixar-se a elle?
E pois ergue-te ahi—que assim é fado !
Vem, seios nús, ó cortezã formosa:
Rebrilha o vinho e ferve, e a fresca á noite
Te briza ao leito os véos no alegre espelho.
Noite bella vai essa—e eu paguei-t'a !
Pavor menos sentio na Cêa o Christo,
Do que eu no coração de goso effluvios !
Eia ! e viva o amor que o vinho enturva !

Queimem-te os beijos do Xerez no arôma!
 Deos de vertigens, dos festins ruidosos
 Ao anjo do prazer me leve em braços!
 Eia! cantemos Baccho, amor, loucuas!
 Brinde ao tempo que passa! á morte! á vida!
 Olvidar e beber! á liberdade!
 Cantemos o oiro, a noite... a vinha as bellas!

M. A. Alvares de Azevedo.

VIRGEM!

Em mágoa o pensamento—em peso a fronte
 O rosto em nuvem—desvairada a vista
 Deslisão dias, que a desgraça enluta...
 Nem risos para os labios, que murcharão
 Nem pranto para os os olhos—sangra o peito
 E pulsa o coração de esmorecido.
 Mulher; eis minha vida! Diz-me—a tua?
 Em riso os labios—radiante a fronte,
 Cheia de vida, de praser, tão bella
 Como quando pensei que tu me amavas?
 Mas...innocente como então? Responde!
 Ou são teos risos de traição nascidos
 Para mim só um sarcasmo?
 Triste, abatido por acaso, diz-me
 Tambem te pulsa o seio enregelado?
 Tens um futuro—ou miras-te na campa?
 Teus sons! se elles vibrassem no meo peito!..
 Suspiro ou riso de demonio ou anjo
 Quizera sempre ouvil-o!..
 E' louco o desejar de quem delira!
 Olha pr'a terra—não divisa orvalho
 Procura o céu—e não vê sol ou estrellas!
 Arida rocha—negrejante abobada
 Encontra no espaço—o mais... é mudo!
 E tu! tambem não fallas!
 Minha vida! ai de ti! sê tambem muda
 Tão muda como o céu, que não tem gallas,
 Tão muda como ella...
 Expressões! para que, se a terra as some?
 Sorrir! é contrastar co'a natureza,
 Horrivel convulsão se a vida esvae-se.
 Sorrir! se não recolhe os meos sorrisos
 Aquella á quem os dera!
 Chorar! e quem recebe as minhas lagrimas—
 Insulto a natureza, que não chora;
 Expressão da fraqueza em frente á morte?
 Lagrimas, risos, que são elles, virgem?!

F. C. Carvalho.

SONHO E VIDA.

Sonhavas—e eu sonhei prazer e risos,
 Vida de amores—meo futuro o mundo,
 Pois tu éras meo mundo!
 As estrellas do céu sobre a saphira,
 A esmeralda do valle—o sol nas nuvens
 Na terra as illusões—Deos no empyreo
 Cederão-te o lugar dentro em minh'alma
 Quanto te amava ó virgem!
 Volcão em lavas me abrasava a mente!
 Pesar! oh! nesse tempo um nome apenas!
 A dôr! quem já sentio-a na ventura
 Praser! o meo presente era de risos
 Esperança! o meo futuro era celeste!
 O anjo dos amores me acenava,
 Quiz seguil-o—quebrárão-se-me as forças,
 Deslumbrou-me a candura de seu rosto,
 Pensei que elle dormia... e respeitei-o!...
 Meo amor! sepultei-o no segredo.
 Forão raios de um sol que a tarde mata!
 Despertas e eu me accordo para as dôres—
 Que o tempo dos praseres foi-se em somno.
 Nem estrellas, nem sol, nem esmeralda
 E as illusões da terra
 São agora meos idolos sagrados.
 O céu e nelle Deos! na terre a morte?
 Não que ainda tu respiras no meo peito,
 E o ardor do volcão me queima a frente,
 Inda te amo ó virgem!
 Mas praser! oh fugio-me co'a ventura!
 Esperança! mirrou-se na desgraça!
 A crença do futuro esvaeceu-se,
 E o gelo do descrer é como a campa!...

F. C. Carvalho.

UMA VIRGEM.

Era um emblema de magia etherea,
 De poesia de Deos idealidade;
 Era um archanjo revelando ao mundo
 Um mysterio no céu depositado.
 Divina estatua, concepção sublime,
 Encanto do seo Deos zeloso della,
 Quanta vez elle proprio não pasmara,
 Satisfeito não rira contemplando
 A imagem de seos sonhos infinitos?
 Anjo indiscreto do segredo aerio
 Da saphirica angelica morada

Se evadira veloz.... baixou á terra
 Os arcanos de Deos descortinando.
 Virgem ou anjo, apparição fantastica!
 Seos olhos erão negros diamantes
 Mais brilhantes que a luz da eternidade
 Engastados em globos luminosos
 Sob amortecidas palpebras de jaspe;
 E diaphana venda d'innocencia
 Dessa cor que não vê-se e que se sente
 Nublava-os de languiez voluptuosa.
 Quem pode vel-a e duvidar ainda
 Do creador d'essencia omnipotente?
 Se athêo—se curvaria convertido
 E martyr pela fé se tornaria
 Quem vê real sua mystica belleza,
 Suas faces de neve immaculada,
 A linda pallidez do rosto della
 Reflexo da candura de sua alma,
 Não pode mais descrer, e firme crença
 Concebe por aquelle que formou-a
 Que traçou nessa estatua de Donsella
 O perfeito infinito, aerio typo.
 Os cabellos macios como seda
 Tão negros como o véo que veste a noite,
 Ora toucão-lhe a testa de alabastro
 A cabeça de virgem tão mimosa;
 Outras veses cobrindo os brancos hombros
 Cahidos se reclinão sobre o collo
 De mais pura gardenia assetinado,
 Si visseis o seo corpo delicado,
 A flexivel cintura feiticeira
 Sensitiva do Empyrio pensaréis;
 E as maonsinhas mais alvas que açucena
 De celico primor de tantos mimos
 Só Deos imaginara tão perfeitas.
 E eu vi-lhe um riso lhe roçar ligeiro
 O nacar perfumado de seos labios
 Candente pelo mel voluptuoso
 Pelo nectar divino que referve
 Na boca que possui virgem tão linda.
 Tanta belleza pareceo—me um sonho:
 Quiz dizer-lhe que a amava.... mas sumio-se,
 Na campa do mysterio sepultou-se.

S. Paulo 8 de Outubro de 1850.—*Leonel M. de Alencar.*